



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Tatiana de Oliveira Amendola Sanches

Filosofia *Selfie-Service*: Uma Análise das Ofertas da TSOL e das Obras de Alain de Botton para as Demandas de um *Self* Perdido

CAMPINAS
2017

TATIANA DE OLIVEIRA AMENDOLA SANCHES

**FILOSOFIA SELFIE-SERVICE: UMA ANÁLISE DAS OFERTAS DA TSOL E DAS OBRAS
DE ALAIN DE BOTTON PARA AS DEMANDAS DE UM SELF PERDIDO**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Supervisor/Orientador: Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA TATIANA DE
OLIVEIRA AMENDOLA SANCHES, E ORIENTADA
PELA PROFA. DRA. RITA DE CÁSSIA LAHOZ MORELLI



CAMPINAS

2017

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Sa55f Sanches, Tatiana de Oliveira Amendola, 1977-
Filosofia selfie-service : uma análise das ofertas da TSOL e das obras de
Alain de Botton para as demandas de um self perdido / Tatiana de Oliveira
Amendola Sanches. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Rita de Cássia Lahoz Morelli.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. De Botton, Alain, 1969-. 2. The School of Life. 3. Filosofia. 4.
Modernidade. 5. Self. I. Morelli, Rita de Cássia Lahoz, 1959-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Selfie-service philosophy : an analysis of the TSOL and Alain de
Botton's works for the demands of a lost self

Palavras-chave em inglês:

The School of Life

Philosophy

Modernity

Self

Área de concentração: Ciências Sociais

Titulação: Doutora em Ciências Sociais

Banca examinadora:

Rita de Cássia Lahoz Morelli [Orientador]

Gisela Granjeiro da Silva Castro

Guita Grin Debert

Mônica Rebecca Ferrari Nunes

Tarcisio Torres Silva

Data de defesa: 24-03-2017

Programa de Pós-Graduação: Ciências Sociais



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação/Tese de Mestrado/Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 24/03/2017, considerou a candidata Tatiana de Oliveira Amendola Sanches aprovada

Profa. Dra Rita de Cássia Lahoz Morelli

Profa. Dra. Gisela Granjeiro da Silva Castro

Profa. Dra. Guita Grin Debert

Profa. Dra. Mônica Rebecca Ferrari Nunes

Prof. Dr. Tarcisio Torres Silva

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta do processo de vida acadêmica da aluna.

Dedicatória

*À minha avó, Gildeth, por querer me mostrar o
sentido da vida.*

*À Alice, minha filha,
que me veio enquanto eu negava o sentido da
vida, por ter me ensinado a sentir a vida.*

À minha mãe, Regina, por me dar a vida.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli.

Ao meu pai, que leu, opinou, apoiou, fez parte e torceu para que isso desse certo.

À minha irmã, Taísa, pelo amor, incentivo, apoio e carinho de sempre.

Ao Alex, ex-marido e pai da minha filha, porque acreditou no começo de tudo.

Até o fim.

Às amigas, mulheres incríveis, com quem tenho a honra de compartilhar quase tudo, ainda que não exatamente essa tese. Obrigada Carola, Cris, Nani, Nara e Marília.

Ao Leandro, pela leveza e presença.

Ao Bruno Campanella, amigo, colega e cunhado.

Ao Fernando Chuí, que topou fazer um desenho para a capa dessa tese.

À Luana, por toda a ajuda na montagem da apresentação da defesa da tese.

Aos amigos e colegas da FAAP.

Aos amigos e colegas da ESPM.

Aos amigos e colegas do Insituto Europeo de Design.

Aos amigos e colegas do SENAC.

Aos amigos e colegas da Faculdade Belas Artes.

Aos amigos e colegas da PUC-SP.

Aos amigos e colegas de Golsmiths.

Aos amigos e colegas da USP.

Aos amigos e colegas da UNICAMP.

Aos meus queridos alunos, que inspiram.

Ao Fábio Mariano Borges, amigo e colega, pelos almoços simulacros e por compartilhar seu olhar etnográfico.

À Gisela Castro, amiga e colega.

Ao Tarcisio Torres, amigo e colega, pela amizade e parcerias.

Ao Alain de Botton, pelas conversas – ainda que relutantes – no Messenger do Facebook.

À Du Carmo e à Máisa, mulheres que me ajudaram a tornar possível a multi-tarefa de ser mãe divorciada, dona de casa, *freelancer*, doutoranda, professora e pesquisadora ao mesmo tempo. Obrigada por ajudarem a manter os livros, os fios e a casa em ordem.

À banca examinadora desta tese.

À minha mãe, minha vó e minha filha; que junto comigo expressam, de alguma maneira, ainda que distante, os *selves* que procuro analisar nessa tese.

O mundo, este mundo.

O mundo não tem sentido, dizem as religiões, já que todo o sentido, e o sentido do todo, estaria no “outro mundo”. Assim nossa vida neste mundo.

Ela também só faz sentido por conta da “outra vida”, a vida eterna após a morte, ou de outras vidas antes dela, “vidas passadas”, quantas.

Este mundo não tem sentido, mostra por sua vez a ciência em avanço irrefreável, pois tudo aí pode ser cientificamente explicado pelo descobrimento

de nexos causais: cada fenômeno, cada processo, cada evento, cada ser, ah, mas não o todo. Que o todo a ciência não pretende captar.

Ela não consegue, não chega lá.

Antonio Flávio Pierucci

RESUMO

A presente tese tem como objetivo central entender o crescente uso da filosofia para a construção, o amparo e a melhoria do self, através do consumo de produtos pertencentes ao que foi conceituado como filosofia selfie service. O trabalho teve como objetos específicos a The School of Life (TSOL), escola livre de filosofia para a vida cotidiana, fundada por Alain de Botton na Inglaterra e com sede no Brasil, além de algumas obras do filósofo inglês. Esta tese faz uma análise crítica das obras do Alain de Botton e do site da TSOL, bem como dos produtos oferecidos por essa escola, principalmente seu canal no YouTube e os produtos a venda na loja do site. A metodologia utilizada aqui foi a análise crítica das obras e do site, inspirada teoricamente em dois autores centrais com os quais esta tese dialoga: Anthony Giddens (1991) e John Thompson (2012), que fornecem elementos para a compreensão dos objetos desta tese no contexto da modernidade reflexiva e de suas implicações para o self. Ademais, pensa-se os objetos desta tese com base no conceito de high-pop trabalhado por Jim Collins (2002). Por fim, há também diálogo com a figura do “filósofo caseiro” conceituado por Theodor Adorno (2008). A proposta central foi compreender a forma como a filosofia se insere no contexto sociocultural atual, suas causas e implicações para o sujeito contemporâneo. O trabalho propõe quatro conceitos para a formação do self desde as sociedades tradicionais até a contemporaneidade: ready-made self, self-made self, self-help self e self-remediated self. Com base nisso, conclui que a filosofia selfie-service oferta saídas para as demandas dos selves modernos, de modo a remediar, mas nunca curar, o vazio de sentido desses selves, evidenciado nas selfies que invadem as redes sociais no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Alain de Botton. Filosofia. Modernidade. Self(ie). The School of Life.

ABSTRACT

This thesis had as central issue to understand the increasing use of philosophy to the construction, support and improvement of the self through the consumption of products belonging to what was regarded as selfie service philosophy. The work had as specific objects The School of Life (TSOL), free school of philosophy to everyday life, founded by Alain de Botton in England with a headquarter in Brazil, aside from a few works by the English philosopher. This thesis makes a critical analysis of the works from Alain de Botton and TSOL, as well as of the products offered by this school, mainly its YouTube channel and the products for sale available at the website. The methodology used here was a critical analysis of the works and the website theoretically inspired in two central authors with which this thesis dialogues: Anthony Giddens (1991) and John Thompson (2012) who provide elements for an understanding of the objects of this thesis in the context of the reflective subjectivity and its consequences to the self. Furthermore, the objects of this thesis are thought based on the of high- pop concept worked by Jim Collins (2002). Finally, there is also a dialogue with the image of the “homemade philosopher” known by Theodor Adorno (2008). The main proposal was to understand how philosophy fits into the current sociocultural context its causes and its implications for the contemporary subject. The work proposes four concepts to the formation of the self since traditional to the contemporary societies: ready-made self, self-made self, self-help self and self-remediated self. Based on that it can be concluded that the selfie-service philosophy offers exits to the demands of modern selves, in order to remedy, but never heal, the void of meaning of these selves, evidenced on selfies invading the social medias in the contemporary world.

Key words: Alain de Botton. Philosophy. Modernity. Self(ie). The School of Life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. Os efeitos colaterais de uma modernidade perdida	22
1.1 Reflexividade midiática.....	38
1.2 Cultura high-pop para a vida cotidiana	43
2. Como pensar mais sobre Alain de Botton.....	50
2.1 Os livros e o DVD	53
2.2 Filosofia e religião para ateus.....	75
2.2.1 Sabedoria.....	75
2.2.2 Comunidade	77
2.2.3 Gentileza	79
2.2.4 Educação.....	81
2.2.5 Ternura.....	84
2.2.6 Pessimismo.....	85
2.2.7 Perspectiva	85
2.2.8 Arte.....	86
2.2.9 Arquitetura	87
2.2.10 Instituições.....	87
2.3 Filosofia e consolações.....	91
2.3.1 Sócrates: consolo para a falta de confiança	92
2.3.2 Epicuro: consolo para a falta de dinheiro.....	94
2.3.3 Sêneca: consolo para as frustrações e a raiva.....	97
2.3.4 Montaigne: consolo para a baixa autoestima.....	99
2.3.5 Schopenhauer: consolações para as desilusões amorosas	101
2.3.6 Nietzsche: consolação para as dificuldades da vida	103
2.4 Os filósofos descem à terra e chegam às prateleiras.....	106
3. Como pensar mais sobre a Escola da Vida.....	111
3.1 Produtinhos para uma vida (dis)pensada	116
3.1.1 Art & Collectables	117
3.1.2 Books	120

3.1.3 Fashion	122
3.1.4 Games & Kits	124
3.1.5 Homeware.....	126
3.1.6 Stationary.....	128
3.1.7 Voucher & Gift Sets.....	130
3.2 <i>TSOL TV: The Curriculum II</i>	132
3.2.1 Platão.....	133
3.2.2 Derrida.....	135
3.2.3 Schopenhauer.....	137
3.2.4 Aristóteles	138
3.2.5 Hegel.....	139
3.2.6 Nietzsche	140
3.2.7 Sartre.....	141
3.2.8 Foucault.....	142
3.2.9 Epicuro	144
3.2.10 Heidegger.....	146
3.3 <i>Carpe YouTube</i>	148
4. Considerações finais: do ready-made self ao selfie-remediated self.....	151
4.1 <i>Do ready-made self ao self-made self</i>	153
4.2 <i>Do self-made self ao self-help self</i>	155
4.3 <i>Do self-help self ao self-remediated self</i>	158
4.4 <i>#lost #self #help #filosofia #respostas #vida</i>	160
REFERÊNCIAS.....	162

INTRODUÇÃO

The School of Life: este é o nome de uma das escolas inauguradas em 2013, em São Paulo, que é uma espécie de franquia de uma escola com sede, originalmente, em Londres.¹ A TSOL (The School of Life) de Londres, fundada por Alain de Botton, funciona como uma escola livre e oferece aulas, vídeo-palestras, refeições compartilhadas, sermões, *suvenires* e até um serviço de “biblioterapia”, tudo acompanhado de uma reflexão filosófica. Por meio de vários programas e livros que exploram questões como “por que o trabalho nunca é suficiente?”, “por que relacionamentos são tão desafiadores?”, “por que é mais difícil ficar calmo?” e “o que podemos fazer para melhorar o mundo?”, a escola propõe auxiliar seus clientes na busca de uma vida bem-vivida. Seu principal produto são os cursos que transitam entre as diversas áreas da filosofia.

De acordo com o site da TSOL, a escola é dedicada a desenvolver inteligência emocional com a ajuda da cultura, sem oferecer pensamentos dogmáticos:

A School of Life é um lugar para parar e pensar de forma inteligente sobre nossas principais preocupações emocionais. Você nunca vai ser encurralado por dogmas, mas vamos direcioná-lo para uma variedade de ideias das ciências humanas - da filosofia à literatura, psicologia às artes visuais – ideias que irão exercer, estimular e expandir a sua mente. Você encontrará outras pessoas curiosas, sociáveis e de mente aberta numa atmosfera de descoberta e diversão.²

A escola no Brasil ainda não oferece todos os produtos que a sede oferece, mas é um dos exemplos mais significativos, dentre tantos outros atuais, que nos leva à constatação de um fenômeno comum e crescente: a popularização e uso da filosofia e seus ensinamentos para a busca de uma vida melhor.

Tal fenômeno pode ser constatado pelo aumento recente e significativo no número de escolas, livros, revistas, programas de televisão, canais no YouTube, cursos

¹ A escola tem um site disponível no endereço <<http://www.theschooloflife.com>> e um canal no Vimeo disponível no endereço <<http://vimeo.com/theschooloflife>> onde os internautas podem acessar grande parte do conteúdo. Há ainda produtos disponíveis para compra.

² Sobre a School of Life, ver <<http://www.theschooloflife.com/about-us/about-us/#&panel1-8>>. Acesso em: jan. 2014.

livres, sites e até mesmo guias destinados à gestão empresarial, que oferecem diálogos com o conhecimento filosófico. Se antes a filosofia estava confinada a obras consideradas eruditas, atualmente, tem sido vendida em formatos mais acessíveis por meio de novas abordagens de questões do dia a dia, bem como por respostas facilmente compreensíveis para algumas das suas tradicionais indagações.

É possível imaginar que tal popularização indique uma banalização do discurso filosófico e uma conseqüente deturpação de conceitos caros à filosofia. Pode-se, de modo oposto, pensar este processo como um caminho de disseminação e aproximação da filosofia de aspectos da vida comum e de práticas cotidianas das pessoas – passo inicial para o cultivo de novos meios de pensar, refletir e aprender. No entanto, o objetivo central desta tese não é categorizar a filosofia dentro de rótulos opostos (banal ou democrático; erudito ou popular), mas pensar os sentidos do consumo das novas formas de apresentação da filosofia, chamada aqui de filosofia *selfie-service* e/ou *high-pop*.

“Religião para ateus” (2011), “Como Proust pode mudar sua vida” (1999) e “Consolações da filosofia” (2001) são três dos títulos mais conhecidos de Alain de Botton, fundador da The School of Life. Antes de lançar a escola, De Botton apresentou ao público uma série de programas de TV – comercializada em DVD no Brasil junto com a revista Vida Simples – intitulada Filosofia para o dia a dia. Nela, o autor conduz entrevistas mostrando problemas cotidianos de pessoas comuns e oferecendo orientações de acordo com o pensamento de cada um dos filósofos abordados na série: Sócrates mostra como ser mais autoconfiante; Epicuro, como sermos mais felizes; Schopenhauer nos ensina como lidar com o amor; Sêneca, como combater a raiva – e assim por diante, em uma verdadeira listagem de “remédios filosóficos” para os males da psique humana. Com a School of Life, foi ainda mais longe: lançou *suvenires* filosóficos como as velas da Utopia – uma delas inspirada na República de Platão, ou mesmo o conjunto de caderninhos inspirados nas diferentes escolas filosóficas. Lançou também os Sermões Seculares, dedicados aos ateus que buscam novas formas de religião.

Cumpramos observar que a tentativa de se levar a filosofia a uma comunidade de pessoas maior do que a dos estudantes universitários e professores da disciplina não é

exatamente inédita. Há muitos exemplos de tentativas explícitas de uma ampla disseminação da filosofia, o que nos leva à constatação de que, de certo modo, jamais esteve longe da filosofia a ambição de se inserir, de forma mais vasta, no debate sobre a vida comum. Entretanto, se pensarmos em termos de uma real massificação do pensamento filosófico – no contexto de sociedades de consumo organizadas em torno de relações econômicas de mercado – teremos, de fato, algo novo. Isto só começou a acontecer, no Brasil e no mundo, a partir da década de 1990.

Em 1991, Jostein Gaarder, professor norueguês, publicou o hoje mundialmente conhecido *O mundo de Sofia*. Este livro despertou a atenção de muitos estudantes e adolescentes para um tema considerado, à época, distante e complexo pela maioria deles: a filosofia e as questões tratadas por ela. Gaarder contou a história de Sofia, uma menina curiosa que entra em contato com temas filosóficos por meio da troca de cartas com um mentor. O livro busca responder questões essenciais para a vida cotidiana da personagem, a partir do pensamento de autores como Sócrates, Platão, Aristóteles, Spinoza, Locke, Bjerkeley, Kant, Marx e outros. A obra, escrita originalmente em norueguês, foi traduzida para 54 línguas e vendeu mais de 30 milhões de cópias ao redor do mundo. Gaarder esteve no Brasil na Bienal do livro de 2010, em São Paulo, e comentou em entrevista que, em sua opinião, a filosofia atual é muito acadêmica: “Muitas pessoas têm medo de mergulhar na filosofia porque ela soa muito seca. Definitivamente, há grandes questões filosóficas sobre as quais se pode falar muito claramente. É possível para a filosofia ser mais atraente e acessível”.³

Assim como Gaarder e De Botton, Irvin D. Yalom, escritor norte-americano, utilizou os textos de Nietzsche e Schopenhauer em seus best-sellers *A cura de Schopenhauer* (2006) e *Quando Nietzsche chorou* (2005), com o intuito de ajudar os leitores a viverem uma “vida melhor” (na expressão do autor), lidando com situações de angústia e desespero. O canadense Lou Marinoff (doutor em Filosofia da Ciência pela Universidade de Londres) também publicou livros que buscam responder a questões práticas a partir da filosofia. Seus dois títulos mais vendidos, *Mais Platão, menos Prozac*

³ Entrevista de Jostein Gaarder ao Zero Hora. Disponível em: <<https://noite.wordpress.com/2014/02/11/e-possivel-que-a-filosofia-seja-mais-atraente/>>. Acesso em: jan. 2017.

(2008) e *Pergunte a Platão* (2008), tentam oferecer aconselhamento psicológico aos leitores a partir de ensinamentos filosóficos. Marinoff é fundador e expoente máximo do movimento de aconselhamento filosófico, a Filosofia Clínica,⁴ uma prática que ele próprio criou há pouco mais de uma década e hoje reúne mais de 500 filósofos no mundo inteiro, cobrando para ajudar as pessoas com questões pessoais e profissionais.

A partir do início do século XXI, tal movimento parece ganhar novos contornos dentro do mundo contemporâneo, devido aos novos e variados meios de comunicação:⁵ em primeiro lugar as revistas e DVDs temáticos vendidos em banca também passam a ser uma fonte crescente de popularização do discurso filosófico. Os produtos de filosofia *selfie-service* entram e saem do mercado, mas alguns exemplos valem ser citados. A Editora Escala já teve duas publicações de filosofia voltadas para o público leigo – as revistas *Filosofia Ciência & Vida* e *Conhecimento Prático (Filosofia)*. Além dessas, houve uma sessão fixa chamada Filosofia na edição online da revista *Vida Simples*, publicada pela Editora Abril, que tratava exclusivamente de temas filosóficos. Nela, pensadores como Kierkegaard e Montaigne eram convocados a auxiliar os leitores nas angústias e dúvidas que se manifestavam no dia a dia de suas vidas pessoais e profissionais. Nessa linha, foi também lançada uma coleção de DVDs (uma publicação do Selo Tríada) chamada “Filosofia de Botequim”, que tinha o intuito de apresentar a filosofia “do jeito que ela deve ser – conceitos-chave da obra de grandes pensadores para aplicar no dia-a-dia”. Juntamente com cada um dos DVDs o consumidor recebia uma espécie de cardápio chamado “consultório filosófico” sobre os temas que seriam abordados pelo filósofo e doutor pela Universidade de São Paulo Daniel Pasarelli.

Em segundo lugar, pode-se perceber uma nova forma de publicação ligada à disseminação do conhecimento filosófico: a que une os mercados editoriais voltados à filosofia e à cultura pop. A editora Madras é um exemplo interessante, pois possui uma linha editorial exclusivamente destinada à “Filosofia Pop”, e já publicou títulos como *Harry*

⁴ A prática da Filosofia Clínica, uma entre as várias opções de auxílio ao indivíduo disponíveis na atualidade, também mostra como os ensinamentos dos filósofos podem adquirir um caráter próximo ao da terapia.

⁵ As publicações aqui listadas são apenas um pequeno recorte do grande número de livros cujo tema central gira em torno da popularização da filosofia.

Potter e a filosofia, Os Simpsons e a filosofia, U2 e a filosofia – como decifrar uma banda atômica, *House e a filosofia* – todo mundo mente, *Crepúsculo e a filosofia* – vampiros, vegetarianos e a busca pela imortalidade e *Batman e a filosofia* – o cavalheiro das trevas da alma. Vale mencionar que algumas dessas publicações são frutos do trabalho do professor William Irwin, professor doutor do King's College e editor da coleção The Blackwell Philosophy and Pop Culture Series, que publicou livros como *Alice in Wonderland and Philosophy, House and Philosophy, Iron Man and Philosophy, Lost and Philosophy, Metallica and Philosophy, South Park and Philosophy, Terminator and Philosophy, True Blood and Philosophy, Twilight and Philosophy, Watchmen and Philosophy* e *X-Men and Philosophy*. Além disso, existe site, canal do YouTube e endereço de Twitter chamados “And Philosophy” vinculados a essas publicações.⁶ Os livros buscam fazer uma ligação entre séries televisivas ou bandas de sucesso e grandes teorias filosóficas, mostrando que a cultura pop pode trazer ensinamentos filosóficos.

Em terceiro lugar, há um crescente número de cursos livres, eventos e programas de televisão que buscam fazer uma ponte entre a filosofia e os temas “pop”. Além da The School of Life (objeto desta pesquisa), há também, por exemplo, a Casa do Saber, hoje com quatro filiais no eixo Rio de Janeiro/São Paulo, e outras escolas livres nas quais são ministrados cursos populares de filosofia no Brasil e no mundo. Na televisão, houve também uma recente onda de programas direcionados à filosofia aplicada ao cotidiano do indivíduo: o já extinto Ser ou Não Ser, quadro do Fantástico, da TV Globo, apresentado por Viviane Mosé; o Café Filosófico, produzido pela TV Cultura; e o programa feminino de debates Saia Justa, do canal a cabo GNT, que contava com a participação da filósofa Márcia Tiburi, a qual também já mediou uma série de “aulas-show” no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil), em São Paulo, cuja proposta era fazer uma relação entre algumas expressivas bandas de Rock e a filosofia – para cada aula era escolhida uma banda e uma linha de pensamento filosófico: Bob Dylan e Walter Benjamin, Beatles e Wittgenstein, Legião Urbana e Michel Foucault, Punk Rock e

⁶ And Philosophy, disponível em: <<http://www.youtube.com/user/andphilosophy>>, <<http://andphilosophy.com/>>, <<http://twitter.com/#!/andphilosophy>>. Acesso em: set. 2011.

Nietzsche, Velvet Underground, Nietzsche e as filosofias Pós-Modernas, Rolling Stones, Radiohead e Nirvana e as Filosofias Negativas, Ideologia e Sociedade do Espetáculo.

Por fim, há inúmeros exemplos de uma popularização do conhecimento filosófico via Internet, na forma de aplicativos para Tablets e Smartphones, entre outros: o projeto Music Philosophy,⁷ do designer brasileiro Mico Toledo, disponibiliza pôsteres de frases filosóficas no universo da música pop; inúmeros apps de filosofia oferecem aforismos, definições e pensamentos para seus usuários; o iTunes tem uma grande quantidade de séries de podcasts de filosofia, como por exemplo o Philosophy Bites e Philosophy: The Classics.⁸ Ou seja, há uma miríade de iniciativas de divulgação de conteúdo filosófico na Internet, voltadas para estudantes e leigos.

Todos esses exemplos sugerem, não apenas uma popularização da filosofia, mas, principalmente, o uso dela em busca de soluções rápidas para uma vida feliz e produtiva. Inspirada por uma demanda crescente, a popularização da filosofia auxilia um público ávido por pequenas doses de sabedoria do bem viver e por “vitaminas filosóficas”,⁹ capazes de ajudá-lo em um mundo em que antigas referências ligadas a religião, família e comunidade perdem força.

A amplitude desse mercado convida para uma melhor delimitação do objeto. Por isso, proõe-se aqui uma reflexão acerca do consumo da filosofia que denomino de *filosofia selfie-service*, focalizando suas causas e implicações para o indivíduo contemporâneo, a partir de expressões práticas dessa tendência no Brasil e no mundo, sobretudo da The School of Life e das obras de seu fundador, Alain de Botton, principal objeto de análise desta tese.

Mesmo que algumas das condições que tornaram possível a expansão da *filosofia selfie-service* também tenham sido responsáveis pelo surgimento da cultura da autoajuda, esta pesquisa partiu da premissa de que estes são fenômenos com

⁷ O Music Philosophy foi extinto, mas informações sobre ele estão disponíveis em:

<<https://www.brainpickings.org/2010/05/21/mico-toledo-music-philosophy/>>. Acesso em: jan. 2017.

⁸ Philosophy Bites, disponível em: <<http://www.philosophybites.libsyn.com>>; Coleção de podcasts de filosofia disponível em: <<http://www.learnoutloud.com/Podcast-Directory/Philosophy>> e podcasts de filosofia disponível em: <<http://www.philclassics.libsyn.com>>. Acesso em: set. 2011.

⁹ Vitaminas Filosóficas é o nome de uma coleção de livros de Theo Roos que propõe fazer “Filosofia sem contra-indicação”, unindo filosofia e música.

implicações distintas. Enquanto o último se caracteriza pela oferta de soluções de origem, muitas vezes, sobrenaturais para problemas do dia a dia, a filosofia aqui trabalhada parte de reflexões consideradas racionais.

Os objetivos que nortearam a pesquisa deste doutorado estão em torno de entender de que forma a **filosofia selfie-service** se relaciona com a formação do self na contemporaneidade, bem como aos processos sociais gerais, ou seja, analisar as condições contemporâneas responsáveis pelo crescente interesse dos **selves** contemporâneos nas formas de filosofia ofertadas pela The School of Life e pelas obras Alain de Botton. Além disso, definir, explicar e exemplificar o conceito de **filosofia selfie-service** dentro do conceito de cultura high-pop. Para tanto, o primeiro capítulo apresenta o contexto em que surge e cresce a *filosofia selfie-service*. Três teóricos são base para esse estudo, primeiramente, o pensamento de Anthony Giddens (1991) sobre as consequências da modernidade. Interessa investigar ainda a maneira como se estabelece uma relação entre a passagem das sociedades tradicionais para as sociedades modernas e como enfrentamos as consequências da modernidade. Será possível observar que as novas configurações do self, agora desencaixado, passam pela busca de (re)encaixe no âmbito das práticas culturais midiáticas contemporâneas para enfrentar – ainda que de modo ilusório – os efeitos colaterais da modernidade. Para tanto, o capítulo discute a passagem de um sujeito tradicional e pré-moderno para o sujeito moderno e posteriormente para o sujeito pós-tradicional. Tal mudança se evidencia nos guias e nas fontes que os sujeitos escolhem para compor sua subjetividade. Se o sujeito tradicional era ancorado na religião como forma de orientar a própria vida, por exemplo, os sujeitos modernos e pós-tradicionais entram em um processo diferente de reflexividade, buscando ferramentas alternativas para a construção do self. Desse modo, a *filosofia selfie-service*, tema desse trabalho, responde a essa questão.

Além de Giddens, John Thompson (2012) será abordado nesse capítulo para complementar o pensamento acerca das novas configurações que a modernidade assume nas relações com a mídia e com as tradições. Será visto que a modernidade não significa uma simples ruptura com as tradições, mas uma busca complexa para suprir algumas das faltas que a era moderna apresenta. As novas ofertas que a

modernidade e a mídia oferecem recorrem a velhas formas de construção do self, porém embaladas como novidade.

Finalmente, são apresentadas também as características das “embalagens” referidas acima, ou as características dos produtos associados à chamada cultura high-pop (COLLINS, 2002), dentro da qual se situa a filosofia *selfie-service*.

O segundo capítulo tem como intuito pensar especificamente o primeiro objeto de investigação central deste projeto de doutorado: o autor Alain de Botton. Para tanto, se debruça sobre as duas obras mais pertinentes ao pensar a produção de Alain de Botton e suas relações com o sujeito contemporâneo, que busca nos livros desse autor fontes para a construção bem-sucedida do seu self. As obras analisadas são *As consolações da Filosofia*¹⁰ e *Religião para ateus*. No entanto, uma breve análise de todos os livros publicados até a data de entrega da tese também é apresentada.

O segundo objeto central de investigação deste projeto é a The School of Life (abreviada aqui como TSOL). Serão analisados os serviços e produtos ligados à escola, e por consequência, as expectativas e motivações dos consumidores deste novo tipo de produção filosófica, dentro do atual processo de individualização da sociedade e da produção de um sujeito reflexivo.

Assim, o terceiro capítulo se debruça sobre a The School of Life (TSOL), mais especificamente, sobre o site e, principalmente, o canal no YouTube. A Escola da Vida e seus produtos buscam, nesse sentido, suprir o enfraquecimento das tradições ao oferecer novas formas de amparo para o homem contemporâneo, quando se vê destituído das antigas formas de guia para si. Os livros e sermões, por exemplo, buscariam oferecer ferramentas de vida para um sujeito que se vê compelido a construir uma vida de sucesso sem o amparo dos antigos guias tradicionais para a vida. A coleção de livros e cursos da escola não oferece apenas um guia para a vida cotidiana moderna.

¹⁰ Para esse livro, especificamente, escolhi analisar o DVD originado dele e intitulado *Philosophy: a guide to happiness*.

Os produtos lidam também com a crise decorrente da reflexividade e do desencaixe, oferecendo formas de consolo¹¹.

O objetivo central desta tese é mostrar como o crescente fenômeno da filosofia aqui chamada de *selfie-service* se relaciona com alguns processos sociais gerais que culminaram nas formações de diferentes tipos de *selves* desde as sociedades tradicionais e ao longo da modernidade. Nas considerações finais, será mostrado como, partindo-se da constatação de que A TSOL e as obras de De Botton buscam ofertar, ao sujeito contemporâneo, novas maneiras de lidar com a vida, as relações entre o objeto de pesquisa aqui estudado, o self contemporâneo e a *filosofia selfie-service* se constroem. Os produtos da TSOL e as publicações de Alain de Botton dialogam com as mudanças enfrentadas pelo self ao longo da modernidade e sua crescente sensação de esvaziamento/busca de sentido. Para pensar o processo de esvaziamento do self e sua crescente demanda por ofertas que o ajudem na construção de si, foram caracterizados três momentos distintos no percurso do self ao longo da modernidade, desde as sociedades tradicionais até a contemporaneidade. Primeiramente, a passagem do chamado ready-made self para o self-made self; a seguir a passagem do self-made self para o self-help self; e finalmente a passagem do self-help self para o self-remediated self.

O que se enfrenta nos dias atuais é o encontro desses três *selves*, com demandas acumuladas, na busca incessante de uma vida mais pensada e com sentido, as quais não são adequadamente contempladas por ofertas que, ao contrário, afastam os indivíduos cada vez mais da possibilidade de pensar filosoficamente. Por isso, o último capítulo tem como título “Selfie Perdido”. O sujeito característico da era das *selfies* se serve de falsas ofertas filosóficas e segue em direção não ao encontro de si, mas ao

¹¹ Acho importante pontuar que foi feita uma pesquisa de campo centrada na Escola da Vida no Brasil, bem como em outros objetos que se encaixam na categorização aqui proposta de filosofia *selfie-service*. A pesquisa comprovou aquilo que foi trabalhado com base na bibliografia e na análise do objeto. Se tivesse apresentado conclusões diferentes das que foram apresentadas aqui, certamente seria mencionada. No entanto, por ter confirmado todas as considerações aqui feitas, não será redigido aqui nenhum capítulo específico sobre a pesquisa de campo e nem sobre o material coletado.

desencontro de todas as possibilidades que poderiam levá-lo a uma vida bem vivida e bem pensada.

Todos os capítulos procuraram considerar os produtos da The School of Life e a obra de De Botton como fontes para construção de uma narrativa de si no mundo contemporâneo. Partindo desse reconhecimento, procura-se entender de que forma a passagem das sociedades tradicionais para as sociedades pós-tradicionais se relaciona com a demanda por uma filosofia *selfie-service* como forma de orientação para a vida cotidiana e para a construção de biografias.

A filosofia Selfie-Service, bem como toda a cultura high-pop, veremos, faz, no entanto, ofertas regressivas e não reflexivas para as demandas do self contemporâneo, evidenciando as estruturas socioculturais dentro das quais os sujeitos vivem, na busca constante de sentido para a vida, mas afastando-os de formas verdadeiramente reflexivas de existência e pensamento.

Complementarmente aos autores que serão trabalhados no primeiro capítulo (Anthony Giddens, John Thompson e Jim Collins), que são as principais bases teóricas deste trabalho, serão feitas referências a outros teóricos ao longo do texto, com o intuito de enriquecer tal discussão.

1. Os efeitos colaterais de uma modernidade perdida

O *leitmotiv* de Giddens, em seu livro *As consequências da modernidade* (1991), parece ser justamente caracterizar o mundo contemporâneo. De modo sucinto, sua resposta seria que as características do mundo contemporâneo nada mais são do que as consequências de um processo de radicalização de certos traços que surgiram com a ruptura das sociedades tradicionais para as sociedades modernas. Ou seja, estaríamos vivendo os efeitos colaterais da experiência da modernidade.

Assim, o que vivemos hoje não seria exatamente novo, como alguns pensadores pós-modernos poderiam afirmar, mas tem sua origem em uma ruptura histórica que se deu com a passagem das sociedades tradicionais para as sociedades modernas, há pelo menos três séculos. Tal ruptura significou o aparecimento de características inéditas que a sociedade enfrentou de modo drástico e fundamental. São os efeitos colaterais dessas mesmas características que distinguem e marcam o mundo contemporâneo hoje, porém, de forma radical, ou seja, de forma intensa e extensa. Assim, os marcos da ruptura das sociedades tradicionais para as sociedades pré-modernas se acentuaram em intensidade e extensão a ponto de hoje sofrermos as consequências da radicalização da modernidade. Mas, antes de nos debruçarmos sobre a análise das consequências dessa ruptura, é necessário considerar quais foram essas características inaugurais da modernidade.

Em primeiro lugar, Giddens (1991) discorre sobre o que ele chama de separação entre tempo e lugar:

Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominadas pela “presença” – por atividades localizadas. O advento da modernidade arranca o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena, a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza (GIDDENS, 1991, p.29).

Se nas sociedades tradicionais o cálculo do tempo e do espaço era impreciso e o “quando” e o “onde” estavam quase sempre ligados; nas sociedades modernas, com o advento do relógio mecânico e da padronização do calendário, torna-se possível a organização racionalizada do tempo e do espaço de modo que “tempo e espaço são recombinações para formar uma estrutura histórico-mundial genuína de ação e experiência” (GIDDENS, 1991, p.31).

A separação tempo-espaço é pré-condição para a segunda característica: o surgimento dos mecanismos de desencaixe dos sistemas sociais, responsáveis pela gradual abstração das relações sociais. O desencaixe é, conforme define Giddens, “o deslocamento das relações sociais de contextos de interação e sua reestruturação através de extensões definidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p.31). De modo mais geral, uma das causas para a construção e manutenção de relações sociais fora dos contextos locais de interação e, portanto, da passagem do mundo tradicional ao mundo moderno. O que significa que a modernidade instaura a possibilidade inédita de construirmos relações sociais que não compartilham o mesmo espaço e tempo. Não precisamos mais estar no mesmo local ou ao mesmo tempo para construirmos e mantermos relações sociais.

O relógio, o transporte, o sistema métrico são exemplos de mecanismos de desencaixe, pois teriam permitido que pudéssemos construir relações sociais (e conseqüentemente instituições, empresas, organizações) sem, necessariamente, compartilhar o mesmo espaço e tempo, como no caso de organizações modernas que conectam o global e o local afetando a vida cotidiana de todos.

Tudo começa com pequenos mecanismos, mas se radicaliza e conflui na chamada cultura da convergência (JENKINS, 2008). Assim, nada de novo debaixo do sol para aqueles que falam em novas mídias. O que acontece com o Uber,¹² por exemplo, nada mais seria do que a radicalização e convergência dos mecanismos de desencaixe:

¹² Aplicativo de carona remunerada que é comumente usado com o Waze, outro aplicativo, e formas de pagamento digitais.

Carro + GPS + Waze + Paypass = Uber. Todos são mecanismos de desencaixe radicalizados e convergentes.

Um dos desdobramentos dos mecanismos de desencaixe é o que Giddens chama de sistemas abstratos, que se subdividem em dois: os sistemas peritos e as fichas simbólicas.

A ficha simbólica – ou o dinheiro na sua forma moderna – é um “meio de comunicação circulante” (PARSONS apud GIDDENS, 1991, p.35) que promove o desencaixe da atividade econômica moderna já que permite a reorganização de atividades sociais em dimensões estendidas de tempo e espaço. Assim, hoje, obviamente, não é preciso dar moeda em espécie na compra de produtos ou serviços, nem estar no mesmo local e nem no mesmo tempo para efetuar as transações. Pode-se estender e intensificar a transação quase que infinitamente: pagar passagens aéreas em até 36 vezes, no boleto, começando a pagar depois da realização da viagem. Novamente, nada de novo para as Bitcoins.¹³ Seria apenas a radicalização das fichas simbólicas.

Os sistemas peritos (transporte, sistemas de comunicação, medicina) são, de acordo com a definição de Giddens, “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (GIDDENS, 1991, p.37-38). Estaríamos, segundo o autor, rodeados por esses sistemas:

Quando saio de minha casa e entro num carro, penetro num cenário que está completamente permeado por conhecimento perito – envolvendo o projeto e construção de automóveis, estradas, cruzamentos, semáforos e muitos outros itens. Todos sabem que dirigir um automóvel é uma atividade perigosa, acarretando o risco de acidente. Ao escolher sair de carro, aceito este risco, mas confio na perícia acima mencionada para me garantir que ele é o mais minimizado possível. (GIDDENS, 1991, p.38).

Os mecanismos, que acarretam o desencaixe das relações sociais na medida em que possibilitam que as mesmas ocorram sem que haja compartilhamento do mesmo espaço e tempo, dependem fundamentalmente de uma atitude de confiança. Os leigos

¹³ *Bitcoin* (BTC ou XBT) é uma moeda que permite pagamento online baseado em um sistema *peer to peer*. A *bitcoin* não depende da confiança de um emissor centralizado ou uma instituição financeira.

devem confiar que os sistemas peritos funcionem, da mesma maneira que os usuários de fichas simbólicas devem confiar que os valores sejam honrados. Seríamos, seguindo essa visão, compelidos a lidar com sistemas que desconhecemos quase que por inteiro, mas nos quais confiamos.

A ida ao médico, por exemplo, é um exemplo de porta de entrada nesse tipo de sistema. A consulta médica inicial desemboca em uma série de exames feitos por laboratórios especializados, com os quais o médico não tem relação direta alguma. Os exames também são feitos por profissionais que não têm relação com o paciente e nem com as ferramentas e remédios que eles manipulam. Os profissionais estão lá apenas para apertar os botões que ligam aparelhos que ninguém sabe para que servem, como funcionam e o que fazem.

São chocantes os relatos e notícias que resultam do profundo desconhecimento dos profissionais acerca de como funciona o sistema. No ano de 2013, três pessoas morreram após a realização de ressonância magnética no Hospital Vera Cruz em Campinas: pelo que foi informado na mídia,¹⁴ uma nova enfermeira injetou uma substância que não era injetável e isso ocorreu em um dia em que a novata “estava sem supervisão da enfermeira-chefe”.

Da mesma forma, a cesárea é realizada dentro de um sistema abstrato. Para começar, a mãe marca um horário com o médico para realizar o procedimento cirúrgico, não respeitando a natureza do tempo e espaço e desencaixando o processo de nascimento do bebê. Além disso, quando, no centro cirúrgico, entrega o corpo aos peritos, à anestesia, e à abstração do próprio corpo. A mulher não vê o que acontece por trás e debaixo dos panos azuis. O filho, ao nascer, é logo entregue ao sistema: peso, banho, medidas, remédios, fraldas.

Assim, evidentemente, uma das consequências centrais do aparecimento desses mecanismos de desencaixe é também, para o autor, que eles implicam uma crescente sensação de risco e perda de segurança ontológica, o que se torna algo típico

¹⁴ Informação disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/campinas-falha-humana-causou-a-morte-de-tres-pacientes-apos-ressonancia-magnetica/>>. Acesso em: 01 out. 2015.

nas instituições modernas. Confia-se sempre que um remédio comprado seja de fato manipulado com alguma supervisão e por pessoas que entendam sobre aquele procedimento, mas é como se, à medida que a abstração dos sistemas avança, isso se torna cada vez mais distante. Os pacientes, muitas vezes, não entendem o significado de um pedido médico, nem a letra do médico, nem a composição do remédio; mas o tomam mesmo assim, confiando “no sistema” que desconhecem.

A quebra do Lehman Brothers Holding¹⁵ e a Crise Econômica Mundial de 2008 podem ser pensadas como exemplos cristalizadores do risco permanente que envolve a circulação das fichas simbólicas. Da mesma forma, casos como o do Hospital Vera Cruz, citado acima, e o da empresa de baixo custo da Luftansa, a German Wings,¹⁶ em que o copiloto matou toda a tripulação e os passageiros de um voo no qual estava trabalhando, também podem ser pensados como “cases” que contribuem para a sensação de risco permanente que envolve a relação dos sujeitos contemporâneos com os sistemas perigosos que os rodeiam e dos quais eles dependem.

Há uma persistente sensação de desorientamento que parece rondar inclusive e especialmente a produção de ficção audiovisual. A série *Lost*, que comoveu e moveu imaginários coletivos, mostrou pessoas “perdidas” em busca de um sentido maior e redentor para suas vidas. Não por acaso, o motor inicial do conflito narrativo foi a queda de um avião (um sistema perigoso, abstrato), que ninguém soube explicar, nem mesmo os diretores e criadores da série, que também se “perderam” ao longo da veiculação dos episódios. Também, não por acaso, o desfecho da série revela uma instância sobrenatural poderosa e conciliadora de todos os males do mundo.

Em suma, a análise de Giddens (1991) se dá em três tempos: o tempo da tradição, o tempo da modernidade e o tempo da radicalização da modernidade (chamada por ele de sociedades pós-tradicionais e por outros teóricos de pós-modernidade), que é quando se encara as consequências da ruptura do mundo tradicional, de forma radical.

¹⁵ Informações disponíveis em:

<http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/09/080915_lehman_qa_pu.shtml>. Acesso em: 18 jan. 2017.

¹⁶ Informação disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/04/1612089-caixa-preta-mostra-que-copiloto-da-germanwings-acelerou-aviao-durante-queda.shtml>>. Acesso em: 01 out. 2015.

São também três as principais características da ruptura que ocorre entre o mundo tradicional e o pós-tradicional:¹⁷ a separação tempo-espço, os mecanismos de desencaixe e a reflexividade.

A grande e mais importante diferença em relação às sociedades tradicionais, de fato, encontra-se nos efeitos colaterais da radicalização dessas características no mundo contemporâneo: de um lado um novo tipo de reflexividade moderno, e de outro lado a busca de reencaixe.

Giddens (1991) entende a reflexividade como uma característica definidora de toda a ação humana: o monitoramento reflexivo da ação, do comportamento e dos contextos de ação, feito pelos sujeitos. Nas tradições, o passado e os símbolos se mantinham por haver justamente uma automonitoração das atividades para que servissem de continuidade ao passado.

Goffman (2014) em sua análise sobre a representação do eu na vida cotidiana, percebe a atuação dos indivíduos conforme certos *scripts*, ou seja, uma constante monitoração da ação para bem desempenhar um papel:

Às vezes, agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter. Outras vezes, o indivíduo estará agindo calculadamente, mas terá, em termos relativos, pouca consciência de estar procedendo assim. Ocasionalmente, irá se expressar intencional e conscientemente de determinada forma, mas, principalmente, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão, e não por causa de qualquer resposta particular (que não a vaga aceitação ou aprovação), que provavelmente seja despertada naqueles que foram impressionados pela expressão (GOFFMAN, 2014, p.18).

Ou seja, o monitoramento reflexivo nas sociedades tradicionais contribuiria para a manutenção do passado no presente e no futuro, permitindo certa resistência à mudança, pois seguiria *scripts* requeridos pelo grupo ou posição social. As respostas particulares e conscientes não aconteciam.

¹⁷ Para Giddens, a passagem das sociedades modernas para as sociedades chamadas de modernas-radiciais não é uma ruptura, mas, uma continuidade, em que as características da modernidade se intensificam e estendem.

Ademais, o tipo de reflexividade nas sociedades tradicionais permearia a formação de um tipo de *self* (eu) específico. Para Lerner (apud THOMPSON, 2012, p.243), a vida cotidiana seria rotinizada, os indivíduos não questionariam seu dia a dia, e o *self* se constituiria de forma limitada, prendendo-se ao familiar e rotineiro: “sua trajetória é organizada com o mínimo de consciência da existência de alternativas práticas”. O *self* tradicional poderia, portanto, ser pensado como um *self* pronto, que chamarei a partir deste momento de *self ready-made*.¹⁸

O termo se refere a um tipo de sujeito que conta com um projeto de vida pré-definido e uma forma de vida social que segue tradições e ordens sociais pré-estabelecidas e anteriores à vontade particular. Ou seja, esse sujeito é personagem de uma representação que segue papéis sociais. Podemos entender que nas sociedades tradicionais eram as tradições que forneciam o papel social ou o material simbólico para a formação das identidades individuais e coletivas. O *self* era essencialmente amparado por uma certa rotinização da vida em que passado, presente e futuro teriam uma continuidade importante. Nessas sociedades, a tradição e a rotinização da conduta cotidiana estariam profundamente ligadas, de modo que as representações coletivas “engessavam a identidade e prescreviam-lhe um conceito com pretensão de validade para toda a vida” (RUDIGER, 1996). Assim, o *self* não dependeria de um projeto a ser construído individualmente “do zero” como na ideia de *self-made-man*, mas, ao contrário, um projeto já rascunhado pelas tradições, principalmente as religiosas:

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1991, p.47).

¹⁸ Muito embora a expressão *ready-made* seja usada para designar um tipo de arte, aqui essa expressão é usada no sentido literal das palavras (feito-pronto) para nomear um tipo de *self* que nasce pronto, ou seja, que seria formado em grande medida pelas tradições (em oposição à razão) e ao denominado *self-made-man*, tratado mais adiante.

O caráter quase estático da tradição decorre justamente desse sentido mais geral de reflexividade, que encontra diálogo nas teorias de Goffman (apud GIDDENS, 1991, p.47):

A ação humana não incorpora cadeias de interações e motivos agregados, mas uma consistente – e, principalmente, como nos mostrou Erving Goffman, nunca passível de ser relaxada – monitoração do comportamento e seus contextos.

O *self* pré-moderno é portanto um *self* relativamente preenchido por valores morais, rotinas, símbolos e crenças tradicionais; em que as escolhas não são frutos de uma reflexividade baseada principalmente na razão – em que ação e pensamento são refratados – como coloca Giddens, mas escolhas com base na tradição, no que foi feito anteriormente: “a tradição representa não apenas o que ‘é’ feito em uma sociedade, mas o que ‘deve’ ser feito” (GIDDENS apud BECK, 2012, p.84) de modo que seu caráter moral traz significativa segurança ontológica aos sujeitos: “tradição é repetição, e pressupõe uma espécie de verdade que é a antítese da ‘indagação racional’”. (GIDDENS apud BECK, 2012, p.84).

Na modernidade, porém, a reflexividade se torna indiscriminada e inclui a reflexão sobre a própria reflexão: as reivindicações da razão não apenas substituíram as da tradição, mas subverteram a própria razão (GIDDENS, 1991, p.49) no sentido de que o conhecimento nunca é seguro, pois será sempre objeto de revisão.

Para Giddens, a reflexividade moderna decorre da profunda conexão que passa a existir entre pensamento e ação. Obviamente, o homem sempre refletiu, mas antes suas ações eram, em grande medida, pautadas pelas tradições. O que ocorre de radical e talvez, sim, novo,¹⁹ na modernidade é que a razão ocupa parte do lugar da tradição e o homem passa a agenciar suas atividades não mais de acordo com papéis sociais (GOFFMAN, 2014), mas do zero:

Estamos em grande parte num mundo que é inteiramente constituído através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas onde, ao mesmo

¹⁹ Isso não significa que o homem não olhe mais para a religião e não tenha mais tradições, mas que uma nova fonte de construção do eu começa a surgir e apresentar novos dilemas para o sujeito contemporâneo.

tempo, não podemos nunca estar seguros de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado. (p.50).

Na sociedade tradicional o monitoramento é performatizado por um *performer* que precisa desempenhar um papel determinado e se monitora para não cometer gafes. Nas sociedades modernas, não há mais papéis e o monitoramento vem de dentro de si, não dos outros.

Giddens publicou, em livro organizado por Beck (1997, p.77), um texto significativo em que dá um exemplo bastante inquietante – da mudança das formas de fazer gelo, retirado do romance *The Mezzanine* (1990), de Nicholson Baker:

A forma de fazer gelo merece uma nota histórica. No início eram formas de alumínio com uma grade de lâminas ligadas a uma alavanca, como um freio de mão – uma solução ruim; a gente tinha de passar a grade sob água morna para que o gelo conseguisse se desprender do metal. Recordo-me de vê-las sendo usadas, mas eu mesmo nunca as usei. Depois, de repente, eram "bandejas" de plástico e de borracha, realmente moldes, com vários formatos – alguns produzindo cubos bem pequenos, outros produzindo cubos grandes e cubos de diferentes formatos. Havia sutilezas que com o tempo a gente acabava compreendendo; por exemplo, as pequenas fendas entalhadas nas paredes internas que separavam uma célula da outra permitiam que o nível da água se igualasse: isto significa que poderíamos encher a bandeja passando as células rapidamente sob a torneira, como se estivéssemos tocando harmônica, ou poderíamos abri-la só um pouquinho, de forma que um filete de água silencioso caísse como uma linha da torneira e, segurando a bandeja em um determinado ângulo, permitindo que a água entrasse em uma única célula e daí fosse passando para as células vizinhas, uma a uma, pouco a pouco enchendo toda a bandeja. As fendas intercelulares também eram úteis depois que a bandeja estava congelada; quando a torcíamos para forçar os cubos, podíamos seletivamente puxar um cubo de cada vez, enfiando a unha sob a projeção congelada que havia se formado em uma fenda. Se não conseguíssemos pegar a beirada de um toco da fenda porque a célula não havia se enchido até acima do nível da fenda, poderíamos cobrir com as mãos todos os cubos, menos um, e virar a bandeja, para que o único cubo de que precisávamos saísse da bandeja. Ou podíamos liberar todos os cubos ao mesmo tempo e depois, como se a bandeja fosse uma frigideira e estivéssemos virando uma panqueca, lançá-los ao ar. Os cubos pulavam simultaneamente dos seus espaços individuais, elevando-se cerca de meio centímetro, e a maioria voltava de novo para o seu lugar; mas alguns, aqueles que estivessem mais soltos, pulavam mais alto e frequentemente caíam de maneira irregular, deixando alguma ponta saliente por onde podiam ser apanhados – estes nós usávamos na nossa bebida.

É como se não pudéssemos contar com um mundo previsível na formação do *self*. É responsabilidade do homem construir um *self*, mas ele se vê diante de um mundo

que não se forma, que está em constante (trans)formação e, portanto, a tarefa de formação do *self* se torna árdua e, geralmente, impermanente. Deve ser constantemente (re)formada. A forma (de gelo, também) não tem permanência. Apresenta-se neste momento apenas uma leve analogia, na era das geladeiras que não precisam de forma para fazer gelo. Apenas inserimos água e temos gelo. As “formas” chegaram ao seu fim.

Assim, do mesmo modo que a forma de gelo, o sujeito moderno se vê obrigado a buscar novas possibilidades, mas elas são sempre passíveis de serem superadas por outras mais vendáveis, mais sedutoras, mais atraentes. Nada nunca será suficiente: sempre haverá uma forma de gelo melhor, sempre haverá uma forma de *self* melhor. Essa metáfora pode ser pensada como significativa da modernidade reflexiva. A vida cotidiana é sempre uma profunda relação entre pensamento e ação. Quando se vive em uma sociedade fortemente ancorada em alguma ordem natural ou tradições, mandamentos e moralidade compartilhados, a reflexividade é rudimentar, pois as decisões, em certa medida, já foram tomadas, pois envolvem repetição, algo seguro que já foi feito antes, como se usássemos a mesma forma de fazer gelo, sempre, com apenas algumas variações.

No mundo pós-tradicional, as bases morais das escolhas recaem sobre o próprio indivíduo que pode ou não tomar decisões com base nas tradições. Mas é sempre sua a responsabilidade da escolha. Esse sujeito pode ser chamado de *self-made self*.

Essa é, portanto, uma das implicações das consequências da modernidade, título do livro de Giddens analisado aqui:²⁰ a individualização da sociedade. Há uma crescente compulsão pelo autoprojeto e a autorrepresentação (BECK, 2012, p.26), que culmina na busca da construção de uma biografia reflexiva:

A modernidade colocou ao homem a possibilidade de se pensar como indivíduo capaz de escolher papéis sociais e decidir sobre seu destino, ao invés de se pensar apenas como parte de um grupo social, dotado de um papel fixado tradicionalmente. (RUDIGER, 1996, p.47)

²⁰ Até esse momento, a escrita foi bastante fiel ao texto de Giddens. A partir de agora, será feita uma análise mais livre de alguns elementos presentes no seu texto, mas sem seguir a ordem proposta pelo autor.

O homem precisa – diante da passagem de um contexto de tradição para o contexto da razão – ser capaz de construir uma biografia “do zero”, que dependeria exclusivamente dele. Por isso constrói-se a noção de *self-made*. Surge a experiência de um *self* particular desprendido, que deve contar sua própria história, pois para ele não é mais suficiente contar uma história pronta baseada em arquétipos e modelos canônicos. A história do *self-made self* é uma história que vem dos acontecimentos e circunstâncias particulares. Como coloca Taylor:

Essa forma de narrativa de vida, em que a história é tirada dos acontecimentos nesse duplo sentido, em contraposição aos modelos, arquétipos ou prefigurações tradicionais, é a forma quintessencialmente moderna, a que combina com a experiência de um *self* particular desprendido. (TAYLOR, 2013, p.374)

O sujeito que vive a radicalização da modernidade se vê perdido, o tempo todo confrontado com a responsabilidade da tomada da melhor decisão para uma vida bem-vivida, permeada pela pressão de uma bem-sucedida autoconstrução do *self*.

Assim, o enfraquecimento das tradições frente ao desencaixe da modernidade decorrente do avanço dos sistemas abstratos (fichas simbólicas e sistemas peritos) culmina na perda de segurança ontológica dos sujeitos modernos, isto é, do sentimento de segurança das pessoas na continuidade da sua autoidentidade e “na constância dos ambientes de ação social e material circundantes” (GIDDENS, 1991, p.104).

Dessa forma, há um duplo movimento problemático que surge com o *self* moderno. Por um lado, a perda de segurança ontológica e o clima de risco (causados pelos mecanismos de desencaixe) e, por outro, a expectativa da construção da autoidentidade, de uma biografia particular independente das tradições (acarretada pelo fim das tradições). Ao mesmo tempo em que o sujeito moderno se vê diante de uma identidade aberta (e não mais fechada como no *self ready-made*), não pronta, ele precisa construir um difícil projeto de *self*.

São duas saídas que se apresentam ao sujeito contemporâneo: as regressivas e as reflexivas.

A saída reflexiva seria a construção de uma narrativa de si com base na constante busca pelo autoconhecimento e no automonitoramento das ações no sentido

moral de sempre saber dar razões de seus atos e de sempre buscar coerência com seus valores e suas verdades interiorizadas. A psicanálise parece ser a base dessa alternativa reflexiva, bem como a própria filosofia como entendimento de si e do mundo.

Mas essa não é uma saída fácil. Dói. Poucos a buscam. No entanto, há as saídas mais fáceis.

Black Mirror, WestWorld, Avatar, Wall-e, Na natureza selvagem: o que essas séries e filmes teriam em comum? Distopias que mostram um mundo destruído pela tecnologia e cuja saída estaria em um mundo pré-moderno, tradicional, onde a natureza impera. Coca Cola Life, Urban Remedy, Sucos Detox: o que essas bebidas têm em comum? Ofertas ditas alternativas e mais naturais dentro de um mundo tóxico onde tudo que se ingere parece causar doenças aos indivíduos e ao próprio planeta.

Todos esses exemplos ilustram algo próximo ao que Giddens se refere quando trata da busca de reencaixe para lidar com os efeitos colaterais da modernidade, especificamente com a perda de segurança ontológica e a necessidade de construção de um *self-made self*. Esse é o tipo de saída fácil (ilusória, como será visto adiante) para o enfrentamento (ou fuga) dos efeitos colaterais da modernidade.

O termo reencaixe para Giddens (1991) se refere à “reapropriação ou remodelação de relações sociais desencaixadas de forma a comprometê-las (embora parcial ou transitoriamente) a condições locais de tempo e lugar” (p.92); mas aqui, no entanto, a análise está um pouco distante (mais intensa e extensa, como se o reencaixe também fosse radical) do sentido original do termo.

As ofertas de consumo atual parecem querer resgatar o trabalho manual, o caráter natural, orgânico e, portanto, encaixado dos produtos comprados. Estes se colocam como reencaixe na medida em que parecem oferecer saídas para os produtos artificiais, tóxicos, sintéticos que são consumidos e que salientam a insegurança e o risco das pessoas.

Complementarmente, será feita a defesa da extensão da ideia de reencaixe na profusão de recursos supostamente reflexivos ofertados ao *self*: terapias de autoajuda, *coaching* e, especificamente, o objeto apresentado aqui, a filosofia *selfie-service*; são também saídas fáceis para os efeitos colaterais do mundo pós-tradicional.

A sensação de desnorteamento e insegurança que ronda a modernidade encontra refúgio também na produção de livros, como o que é objeto desta tese, que procura trazer de volta elementos das sociedades tradicionais que estariam supostamente fazendo falta ao homem moderno e perdido:

As mesmas qualidades que os religiosos encontram em seus textos sagrados podem ser descobertas em obras da cultura. Romances e narrativas históricas podem habilmente transmitir instrução moral e edificação. Grandes pinturas de fato fazem sugestões a respeito de nossas necessidades de felicidade. A filosofia pode, de maneira proveitosa, lidar com angústias e oferecer consolação. A literatura pode transformar nossa vida. Equivalentes às lições éticas da religião se espalham pelo cânone cultural. (DE BOTTON, 2011, p.93)

Nesse sentido, o duplo objeto de análise deste estudo – a *The School of Life* e as obras de Alain de Botton, vem como ofertas de solução para os dilemas das sociedades pós-tradicionais, mas, não passam de consolações. Se apresentam como solução moderna para os dilemas da modernidade, mas oferecem, na verdade, uma falsa solução regressiva e conservadora para a vida das pessoas.

As perguntas a que Giddens se refere quando menciona a busca da segurança ontológica são bem próximas das perguntas que Jostein Gaarder – autor de *O mundo de Sofia* (1989) – faz. Giddens (1991) coloca: “Certas questões – “Eu realmente existo?”, “Eu sou hoje a mesma pessoa que era ontem?”, “As outras pessoas realmente existem?”, “Isto que vejo diante de mim continuará a existir quando eu virar as costas?” (p.105). E conclui que tais questões “não podem ser respondidas de forma indubitável por argumento racional”. Em *O mundo de Sofia* perguntas como “Quem é você?”, “De onde vem o mundo?”, “Há vida depois da morte?”, “Como devemos viver?” saltam aos olhos do leitor. São perguntas que dizem respeito ao que Giddens define como segurança ontológica. Perguntas que crescem nas sociedades pós-tradicionais e no livro não trazem respostas. *O mundo de Sofia* reflete a constante busca de sentido, reflexão e entendimento do *self-made self* que não tem mais as referências tradicionais que antes lhe garantiriam algumas respostas.

Já no objeto pesquisado, as perguntas são retóricas: não se quer gerar dúvidas, mas aplacá-las. A filosofia *selfie-service* da *The School of Life* e presente nas obras de

Alain de Botton trai a si mesma como consciência reflexiva do mundo quando se propõe a responder essas perguntas tirando o sujeito da sua reflexividade.

Se Giddens (1991) aponta para a modernidade como um ambiente propício para o desenvolvimento de uma “ansiedade existencial persistente” (p.112) já que a antítese da confiança tão necessária para lidar com os sistemas abstratos e desencaixados da modernidade é um estado de espírito marcado pela angústia e o pavor existencial, a filosofia *selfie-service* encontra demanda para sua oferta: faz perguntas retóricas para logo em seguida vir com respostas prontas, gerando um movimento de retrocesso na construção do *self-made self* em direção à construção de um sujeito em constante procura de ajuda para a construção de si, o self-help self, mas que nunca o alcança.

Mas a natureza fortemente contrafactual do pensamento orientado para o futuro, um elemento essencial da reflexividade da modernidade, tem implicações positivas, bem como negativas. Pois podemos vislumbrar alternativas futuras cuja propagação mesma pode ajudá-las a se realizar. O que é preciso é a criação de modelos de realismo utópico (p.168).

O mundo de Sofia parece marcar uma ruptura, o ponto limítrofe entre o que ainda seria reflexividade no sentido da busca do realismo utópico mencionado brevemente acima, e o que seria regressão, reencaixe. Ao propor um resumo divertido e atraente do pensamento filosófico, de forma infantilizada e de fácil assimilação, traz consigo a semente daquilo que hoje se transformou na filosofia *selfie-service*, ou seja, a saída regressiva para o mundo moderno percebido como sem sentido.

A filosofia de Alain de Botton se alimenta de um ilusório retorno ao ambiente de relações sociais confiáveis e presenciais que garantiriam conforto e segurança nas sociedades tradicionais, propondo respostas (e não perguntas reflexivas) advindas principalmente da filosofia antiga – e apresentadas ao público da TSOL em um formato que busca resgatar o cenário daquelas sociedades, evidente nos sermões praticados em antigas igrejas de Londres. Não por acaso os livros se debruçam especialmente na filosofia antiga como busca de respostas para as questões que as modernidades não conseguem mais responder. Por isso também, o primeiro livro que aqui será investigado no capítulo seguinte – *Religião para ateus* – busca na religião a suposta saída para os problemas que uma modernidade radicalmente atea enfrentaria.

Assim, os livros de filosofia que começaram a lotar as prateleiras das livrarias, justamente no auge da radicalização da modernidade ou da pós-modernidade, como preferem outros teóricos, parecem querer aplacar os sintomas da modernidade, oferecendo respostas que aniquilam perguntas e, conseqüentemente, a própria prática filosófica.

Ademais, a TSOL, ao oferecer respostas sobre como agir no mundo contemporâneo (será visto que os títulos, na maioria dos cursos e livros, procura responder sobre como como agir), busca criar um ambiente em que se volta a ser personagens e não atores sociais, de forma a regredir a modelos de *performances* tradicionais. O sujeito encontra-se orientado a seguir prescrições de vida vendidas pela lojinha da Escola e não a buscar a tentativa de ser ator de sua vida e de seu pensamento.

Decorrente disso, a noção de tradição, enquanto possibilidade de reencaixe, parece ser resgatada. E, com ela, alguns elementos que significavam fonte de segurança para o sujeito tradicional: o ritual e a rotina.

O ritual tem frequentemente um aspecto compulsivo, mas ele é também profundamente reconfortante, pois impregna um conjunto dado de práticas com uma qualidade sacramental. A tradição, em suma, contribui de maneira básica para a segurança ontológica na medida em que mantém a confiança na continuidade do passado, presente e futuro, e vincula esta confiança a práticas sociais rotinizadas (GIDDENS apud BECK, 2012, p.118).

O surgimento das tradições sem tradicionalismo (GIDDENS apud BECK, 2012) e a busca compulsiva por segurança ontológica do sujeito são constitutivos do processo de radicalização da modernidade.

Para o sujeito moderno há um esvaziamento da rotinização da vida, já que não há nada previamente determinado por uma comunidade. O dia a dia pode ser preenchido com “qualquer coisa” e, muitas vezes, assim acontece, com uma nova “tradição” que ganha forma de vício:

Poder-se-ia dizer que é a repetição que perdeu sua conexão com a “verdade” da tradição; suas origens são obscuras para o indivíduo em questão, embora ele também possa mentir para os outros. Por isso, os alcoólicos frequentemente escondem seu vício até daqueles a quem são mais ligados, como parte da própria negação do fato a si mesmos. Segundo o autor supracitado (um terapeuta), o vício “nos mantém fora de

contato conosco mesmos (nossos sentimentos, moralidade, consciência – nosso processo de vida)”. (GIDDENS apud BECK, 2012, p.90)

Com a rotina esvaziada de um sentido compartilhado, é preciso preenchê-la com novos sentidos, os quais constituem as subjetividades, mas que são quase sempre incassíveis, vazios. O sujeito advindo da religião, por exemplo, cumpre uma rotina religiosa que acaba constituindo seu cotidiano e sua identidade. O sujeito secular não tem nenhuma obrigação “tradicional”. Há apenas o dia a dia institucionalizado pela empresa onde ele trabalha.

Ao oferecer religião para ateus e sermões seculares, Alain de Botton e a TSOL, respectivamente, oferecem tradições, mas sem tradicionalismo. Assim, os rituais de consumo de filosofia são criados com o propósito ainda que inconsciente de ocupar o vazio deixado pelas tradições (religião, família). Os *workshops*, cursos e sermões da Escola da Vida (TSOL) funcionam como falsas e ilusórias tradições criadas para preencher o vazio rotineiro pós-tradicional, mas são destituídas de tradicionalismo. Ou seja, elas são construídas depois que o sujeito nasce e destruídas antes dele morrer. São líquidas. Diferente das verdadeiras tradições, que precedem o sujeito.

Alain de Botton e a Escola da Vida seriam, nesse sentido, um recuo em relação à reflexividade – nos dão âncoras prontas de sentido, aplacando a ansiedade contemporânea, e voltando a uma interpretação do mundo seguindo as tradições.

Para o *self-made self*, a reflexividade dissolveu as certezas, e ele fica em constante automonitoramento para ser coerente com a sua verdade interior. O monitoramento não se dá mais no sentido de evitar gafes, mas de buscar uma solução racional. Diante da insegurança generalizada, no entanto, o sujeito sofre.

O *self-help self* é o sujeito que busca a saída regressiva: o sujeito conseguiu realizar um monitoramento, mas em um sentido contrário ao colocado acima. A reflexividade aqui se aproxima de uma regressão, no seu sentido perverso, pois, como será visto adiante, não se leva o sujeito, efetivamente, a pensar, mas se aproveita da insegurança ontológica dele para vender filosofia, para cumprir com o papel hermenêutico da tradição e para dar respostas, em lugar de trazer dúvidas.

1.1 Reflexividade midiática

A mesma pergunta que orienta o pensamento de Giddens em *As consequências da modernidade* (1991) parece orientar o pensamento de John Thompson sobre a mesma questão em seu livro *A mídia e a modernidade* (2002): como caracterizar o mundo contemporâneo. Ambos são parte de uma vertente sociológica que prefere pensar o contemporâneo em uma linha de continuidade com a modernidade e não como algo que aponte para uma visão de ruptura, caracterizada amplamente como pós-modernidade.

Como observado anteriormente, tanto o *self-made self* como o *self-help self* buscam novas formas de preenchimento do *self*. As saídas podem estar na reflexividade, muitas vezes, angustiante, que leva ao conhecimento de si e da vida; ou em uma busca de reencaixe ou uma forma de reflexividade regressiva, que contribuiu para um *self* cada vez mais perdido de si.

Para Thompson, a mídia surge como novidade na análise já que traz resultados para a construção do *self* contemporâneo. Este, mediado, encontra na mídia material simbólico disponível para a construção da narrativa de si, ao mesmo tempo em que a própria mídia oferece amparo ao *self* na medida em que ocupa certos papéis antes pertencentes às tradições.

John Thompson, ao analisar as novas configurações das tradições dentro da modernidade midiática, propõe que as tradições religiosas não desapareceram, mas o que se vê acontecer na modernidade é que alguns aspectos da religião enfraqueceram enquanto outros foram fortalecidos. Ou seja, o mundo contemporâneo nos apresenta novas configurações das tradições e, conseqüentemente, oferece novas conseqüências e demandas para outras instituições e esferas da vida.

Antes de seguir com a discussão, cabe, no entanto, entender o conceito de tradição para o autor. As tradições, para Thompson, teriam quatro aspectos centrais: hermenêutico, normativo, legitimador e identificador.

O primeiro aspecto se refere à visão de mundo que a religião providencia aos seus fiéis: “A tradição não é um guia normativo para a ação, mas antes um esquema

interpretativo, uma estrutura mental para entender o mundo (THOMPSON, 2012, p.239)”. Dentro disso, como exemplo concreto, pode-se pensar na Bíblia, no caso do catolicismo.

O segundo aspecto se refere às normas que as tradições determinam algo aos seus seguidores:

Podemos distinguir duas maneiras em que isto pode ocorrer. Por um lado, tradições do passado podem servir como princípio normativo no sentido de que tornam certas práticas rotineiras – isto é, realizadas com pouca reflexão, porque sempre foram feitas do mesmo jeito. Grande parte do cotidiano da maioria das pessoas se realiza sob o signo da rotina. Por outro lado, tradições do passado podem servir como princípio normativo no sentido de que tornam as práticas tradicionalmente fundamentadas, isto é, justificadas pela referência à tradição. (THOMPSON, 2012, p.239)

Esse aspecto estaria ligado a normas e mandamentos religiosos, por exemplo. O terceiro aspecto se refere à figura controladora e à autoridade responsável por checar se as normas estão sendo seguidas, para “estabelecer a legitimidade de um sistema de dominação (WEBER apud THOMPSON, 2012, p.240)”. Um padre entraria como exemplo desse aspecto.

Finalmente, o quarto aspecto tem a ver com a criação de uma comunidade tradicional que é responsável pelo cultivo da identidade entre seus seguidores:

Há dois tipos de formação de identidade que nos interessam aqui – o que chamo de “autoidentidade” e “identidade coletiva”. Autoidentidade é o sentido que cada um tem de si mesmo como dotado de certas características de potencialidades pessoais, como um indivíduo situado numa certa trajetória de vida. A identidade coletiva é o sentido que cada um tem de si mesmo como membro de um grupo social ou coletividade: é um sentido de pertença, de ser parte de um grupo social que tem uma história própria e um destino coletivo (THOMPSON, 2012, p.240, 241).

Assim, as tradições forneceriam material simbólico para a formação da identidade. Exemplos seriam nossos rituais religiosos como batismo, casamento, comunhão ou mesmo celebração de Natal.

Com o avanço da modernidade, Thompson apresenta que o primeiro e o quarto aspecto da tradição se mantêm e se fortalecem, enquanto o segundo e terceiro aspecto se enfraquecem. Assim, cresce a demanda por novas instituições, novas tradições que ofereçam o que os aspectos hermenêuticos e identificadores propõem, como visão de mundo e pertencimento.

No entanto, enfraquece-se o poder de instituições reguladoras da nossa conduta na vida cotidiana. Vivemos um déficit moral, pela falta de instituições com aspectos normativos e legitimadores:

Mas o que pareceu autoevidente para alguns foi para outros nada mais do que uma escolha: foi o privilegiar certos conceitos, valores e crenças em detrimento de outros, que produziu indiscutíveis ganhos, mas também, aos olhos dos críticos, algumas perdas. Entre estas está o que se pode chamar de “déficit moral” – isto é, a incapacidade de tratar de certas questões fundamentais como vida e morte, certo e errado, etc. (THOMPSON, 2012, p.249).

O católico não praticante é uma figura comum e ilustradora dessa situação: é o sujeito que está pronto para abandonar normas e reverência a uma figura autoritária, mas que não quer abandonar a visão de mundo e a comunidade religiosa. Inúmeras práticas e seitas religiosas surgem com esse propósito exclusivo. A Snow Ball Church, por exemplo, conquista os fiéis pelo apelo ao estilo de vida dos surfistas e à comunidade associada ao rock e à juventude, mas impõe, de forma relativamente leve, suas normas e respeito a autoridades. A TSOL e os livros de Alain de Botton podem, igualmente, serem vistos como herdeiros dos aspectos hermenêuticos e identificadores das tradições.

Esta mesma busca por aspectos hermenêuticos e identificadores contamina outras instituições e áreas da vida. Dessa forma, o sujeito contemporâneo busca, ainda, visão de mundo e sensação de pertencimento. Ou seja, o sujeito contemporâneo se encontra em um vazio de sentido e identidade permanentes, ao mesmo tempo em que vive um déficit moral decorrente da ausência de instituições reguladoras de sua conduta no mundo.

A visão sobre o duplo problema pós-tradicional apresentado por Giddens (1991) – falta de segurança ontológica e pressão pela autobiografia – é compartilhada por Thompson (1995). Este também se questiona sobre as saídas que o indivíduo busca para esses problemas. E assim apresenta o termo *self-mediado*, inspirador do termo cunhado aqui de *selfie-remediated self*.

Meu ponto de partida é a visão de que, com o desenvolvimento das sociedades modernas, o processo de formação do *self* se torna mais reflexivo e aberto, no sentido de que os indivíduos dependem cada vez mais dos próprios recursos para construir uma identidade coerente para

si mesmos. Ao mesmo tempo, o processo de formação do *self* é cada vez mais alimentado por materiais simbólicos mediados, que se expandem num leque de opções disponíveis aos indivíduos e enfraquecem – sem destruir – a conexão entre formação e o local compartilhados (THOMPSON, 2012, p.265).

Ou seja, o sujeito estabelece com os materiais disponibilizados pela mídia uma relação de intimidade não recíproca, principalmente na relação entre fã e ídolo.

Tanto a TSOL como o Alain de Botton contam com as redes sociais – principalmente Facebook e YouTube – como formas de aproximação com os consumidores.

Nas sociedades tradicionais, os materiais simbólicos para a construção do *self* advinham das relações face a face e da comunidade local. A entrada na modernidade dissolveu essas relações ao mesmo passo em que a mídia substituiu o conhecimento local pelas novas formas de conhecimento não locais.

O resultado disso é que se acentua a organização reflexiva do *self* para “uma coerente e continuamente revisada narrativa biográfica” (THOMPSON, 2012, p.270). O sujeito passa a encontrar mais possibilidades de construção da sua autobiografia, seu *self* se torna mais aberto e menos constrangido a antigas tradições e modelos de conduta fechados e de certa forma autoritários.

No entanto, o processo de reflexividade midiática do *self* é paradoxal. Ao mesmo tempo em que traz pontos positivos, pode trazer consequências negativas: a intrusão de mensagens ideológicas, a dependência, e o efeito desorientador da sobrecarga simbólica disponibilizada pela mídia.

Em primeiro lugar, o sujeito sofre a imposição de mensagens profundamente ideológicas, como as propagadas por canais de televisão dominados por grandes igrejas ou programas profundamente orientados à prática e à imposição de certos modelos de vida.

Em segundo lugar, o sujeito se torna dependente de instituições e sistemas sociais materiais e simbólicos para a construção do *self*. O sujeito não consegue mais refletir sobre sua vida e passa a depender da visão de mundo dos outros. Entra em um processo de dependência de fórmulas de vida, conselhos, dicas, *coachings* e *workshops*.

A filosofia de Alain de Botton acabaria, nesse sentido, “ensinando” o sujeito a não pensar. Como De Botton apresenta, na maioria das vezes, respostas prontas, quando o leitor precisar pensar em uma pergunta ou em uma resposta, irá conseguir desenvolvê-la.

E, finalmente, o efeito desorientador da sobrecarga simbólica. Há tantas ofertas, tantas respostas, que o sujeito perde a capacidade de enfrentar a avalanche de informações que, quando contraditórias, advindas da mídia, do Google, dos programas de opiniões, levam esses indivíduos a buscar filtros, formas de escolher e aconselhamento. A TSOL oferece respostas ao propor um filtro ao que considera realmente importante ou a ajudar na tomada de decisões.

Por tudo isso, o último *self* ao qual me refiro é o *self-remediated self* que, ao mesmo tempo em que se encontra aberto às possibilidades reflexivas ofertadas na mídia, passa a precisar de ajuda para enfrentar a desorientação, a dependência e a ideologia trazidas por ela.

O *self-remediated self* busca formas de remediar os problemas acima, muitas vezes trazidos pelo desenvolvimento das mídias, com o uso dos mesmos materiais simbólicos ofertados pelas mídias. Ele enfrenta o paradoxo da mídia: o meio que origina o problema do *self* é o mesmo em que ele busca a cura. Portanto, nunca sara, mas cria uma dependência crescente dos remédios das mídias.

Assim, a filosofia *selfie-service* não oferece formas de reflexão sobre aspectos hermenêuticos e identificadores da nossa existência, mas formas de suprir os estes aspectos das tradições perdidas, justamente oferecendo os elementos hermenêuticos e identificadores prontos, nos mesmos moldes das tradições perdidas.

A seguir serão apresentadas as características das formas culturais nas quais o sujeito busca esse reencaixe.

1.2 Cultura *high-pop* para a vida cotidiana

Escrito no século IV aC., o diálogo *A República*, de Platão, tornou-se referência dentro do campo da filosofia. Embora não seja o objetivo aqui analisar ou entender a obra, interessa pensar uma das passagens do diálogo, especificamente aquela em que Glauco apresenta a fábula do anel de Gyges. O anel teria sido encontrado por um pastor que, ao colocá-lo no dedo, percebe o poder da invisibilidade: com o anel ele se torna invisível; sem o anel retorna à visibilidade. Aproveitando-se do poder mágico, o pastor teria ido até a corte, seduzido a rainha e tomado o reinado. O que se segue é uma discussão sobre justiça que, como colocado acima, não cabe discutir aqui.

Podem-se considerar os *Diálogos* de Platão como um dos primeiros esforços de aproximação do conhecimento filosófico com o senso comum de que se tem notícia (DURANT, 2000). O uso de exemplos concretos na forma de fábulas e diálogos pode indicar a intenção de facilitar a compreensão de conceitos abstratos e torná-los mais acessíveis ao aproximá-los do mundo da vida cotidiana. Nos trechos sobre o anel, o leitor é convidado a imaginar uma situação hipotética de invisibilidade e, conseqüentemente, ponderar acerca do modo como conduziria seu dia a dia na posse do anel.

Se existissem dois anéis desta natureza e o justo recebesse um, o injusto outro, é provável que nenhum fosse de caráter tão firme para perseverar na justiça e para ter a coragem de não se apoderar dos bens de outrem, sendo que poderia tirar sem receio o que quisesse da ágora, introduzir-se nas casas para se unir a quem lhe agradasse, matar uns, romper os grilhões a outros e fazer o que lhe aprouvesse, tornando-se igual a um deus entre os homens. Agindo assim, nada o diferenciaria do mau: ambos tenderiam para o mesmo fim. E citar-se-ia isso como uma grande prova de que ninguém é justo por vontade própria, mas por obrigação, não sendo a justiça umbem individual, visto que aquele que se julga capaz de cometer a injustiça comete-a.²¹ (PLATÃO, 1997)

Embora seja um diálogo extensamente comentado e estudado, para Irwin & Johnson (2010), em um mundo tomado pelas grandes produções cinematográficas e televisivas moldadas com efeitos especiais, poucos preferem ler uma passagem sobre um anel em *A República* de Platão, quando podem ver um filme cheio de atrativos audiovisuais como *O Senhor dos Anéis* em HD, 4K. Os autores da série *And Philosophy*²²

²¹ Trecho disponível em: <<http://www.portalfil.ufsc.br/republica.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

²² Série disponível em: <<https://andphilosophy.com>>. Acesso em: fev. 2017.

(2010) argumentam que diante da “falta de bons exemplos” para facilitar o aprendizado de filosofia hoje, criaram a coleção que usa exemplos da cultura pop para ensinar filosofia, unindo as demandas por reflexividade e por entretenimento típicas da modernidade tardia:

A ideia de usar exemplos para facilitar a aprendizagem não é nova para a filosofia. Platão (429-347 A.C.) usou a história do anel de Gíges, e Descartes (1596-1650) imaginou um demônio enganador. No entanto, a maioria dos exemplos na filosofia são bastante insossos – encontrar pessoas com nomes como Jones e Brown em circunstâncias difíceis de serem descritas, tais como aquelas em que somos potencialmente motivados a acreditar: "Jones é dono de um Ford, ou Brown está em Barcelona." Felizmente os escritores de Hollywood fazem um trabalho melhor ao criarem cenários mais envolventes e imaginativos do que os filósofos. Então por que não usar suas criações para adicionar tempero à filosofia? (DUNN & HOUSEL, 2010, p.2).

A coleção *And Philosophy* une o mercado editorial da filosofia à cultura pop. Publicada pela editora Madras, no Brasil, é um exemplo expressivo, pois há uma linha editorial exclusiva destinada a “Filosofia Pop” que já publicou títulos como *Harry Potter e a filosofia* e *Os Simpsons e a filosofia*. No Livro *U2 e a filosofia – como decifrar uma banda atômica*, por exemplo, lemos:

Sócrates afirma que tanto Agathon e Aristophanes estavam parcialmente certos: o amor real se esforça para as coisas boas, mas o amante também por definição anseia por algo que ele ainda não possui. Ele sempre está entre um estado de total ausência e posse total do bem. (...) A música do U2 enfatiza isso claramente entre elemento de Eros também. "Vá embora, vá embora, vá embora, vá embora, eu te seguirei" é sugestivo de alguém que está disposto a persistir em ir atrás de quem ele ama. (WRATHALL, 2007, p.7)

Percebe-se aí uma clara fusão entre elementos aparentemente contraditórios: o *high*, ou o erudito, da filosofia; e o *pop / low* da cultura *pop*. O erudito se une ao mundo do entretenimento.

Estará então a filosofia se tornando menos erudita (*high*) e a cultura pop menos massificada (*pop*)? Essa distinção sobre o *high* e o *pop* começa a deixar de ser nítida quando produtos que carregam ao mesmo tempo elementos da dita alta cultura e da baixa cultura (popular ou massiva) começam a surgir.

Pensar a filosofia como parte do movimento de ascensão de uma cultura *high-pop* (COLLINS, 2002) – que é caracterizado como a transformação da cultura em

entretenimento popular – é justamente extrapolar a categorização. A cultura *high-pop* é o “tracinho” entre o *high* e o *pop*. Para Collins (2002) o movimento *high-pop* se refere a vários produtos de consumo que dialogam com o universo erudito. É um movimento que procura se situar como algo diferente da indústria massificada do entretenimento, mas ao mesmo tempo se apropria de certas técnicas dessa mesma indústria.

Seguindo essa linha, a filosofia *high-pop* seria um movimento que pretende resgatar certas características da filosofia em conjunto com certas formas de entretenimento, mas que não quer se limitar ao confinamento, à categoria de cultura erudita ou baixa cultura, propondo uma certa filosofia talvez mais acessível, por meio de novas abordagens de questões do dia a dia, bem como pretendendo dar respostas facilmente compreensíveis para algumas das tradicionais indagações que a filosofia sempre buscou responder.

O crescente mercado voltado para o consumo de livros e outros produtos de filosofia no Brasil e no mundo parece ser especialmente abrangente e significativo dentro do movimento *high-pop*. Embora a análise de Collins esteja, muitas vezes, centrada na questão da educação do gosto (questão que não será abordada nesta tese), pode-se pensar o mercado da filosofia *selfie-service* dentro da cultura *high-pop*. Isso porque se pode vê-la como resultante de um movimento que une, ao mesmo tempo, elementos da filosofia normalmente associados a certos valores consagrados como *high* – erudição, antiguidade, nobreza, inteligência – e elementos ligados ao mundo *pop* – entretenimento, diversão, atualidade, facilidade, comunicação de massa.

A filosofia *high-pop* pode ser definida, portanto, como uma tentativa de oferecer um pensamento filosófico erudito e consagrado a partir do uso de uma linguagem fácil e de um conteúdo divertido. O *high-pop* leva ao consumidor pontuações da filosofia de modo a relacioná-la ao dia a dia dos seus consumidores, como algo que pode ajudar a resolver problemas cotidianos. Seus consumidores constituem um público distinto do público da autoajuda, expressando justamente essa conjunção de certos elementos do “marketing” da distinção e do chamado design emocional, associados à leitura da filosofia antiga e embalados como algo desejável e útil para o sujeito consumidor, conjunção esta

que parece permear várias esferas do consumo, da comunicação e da cultura contemporâneos.



A barra de cereais acima,²³ por exemplo, chama-se *Will to Power bar*. É um alimento que se vende como algo inspirado na obra de Friedrich Nietzsche, *A Vontade de Potência*, de 1906. Na barra de cereais, os consumidores encontrariam, segundo o rótulo, os 12 passos (escritos no formato de dicas) para “se tornar um alguém melhor e virar um super-homem”:

Rejeitar os ideais sociais e seus códigos morais; criar um novo grupo de valores e ideais morais; ao estabelecer novos ideais, não hierarquizar de acordo com valores transcendentais; transcender o niilismo, como apresentado pelo cristianismo e platonismo; superar a si mesmo; viver em constante estado de renascimento e crescimento, não buscando religião ou a sociedade para determinar os valores das coisas, mas olhando para dentro de si mesmo para encontrar sentido e crenças; enquanto consciente dos terrores da vida, afirme a vida sem ressentimento; apreenda a olhar além do bem e do mal; levante seu coração alto, muito alto! e não esqueça suas pernas! levante suas pernas, e ainda melhor se você ficar de pernas para o ar!; aprenda, reze para que você ria!; saiba que não há fatos eternos, nem há nenhuma verdade absoluta; coma uma barra da vontade de poder diariamente.

A última dica proposta para se tornar um super-homem é comer uma barra de cereais todos os dias: iguala-se uma proposta de consumo de filosofia ao consumo de barras de cereais, como se as duas coisas pudessem ser consumidas de maneira instantânea, promovendo resultados eficientes. O ápice da brincadeira com Nietzsche

²³ Will to power bar, disponível em: <<http://www.philosophersguild.com>>. Acesso em: nov. 2013.

é um joguinho no formato de labirinto desenhado no rótulo, que teria como finalidade fazer o consumidor se liberar dos padrões de comportamento ditados pela cultura judaico-cristã. Há também um bigode de Nietzsche para recortar e usar.

A barra é um dos muitos produtos vendidos pelo site The Unemployed Philosophers Guild. Segundo o próprio site, os donos da loja são filósofos que precisam “pagar as contas” e que, apenas por causa das vendas, conseguem viver de filosofia. O site também informa que parte do lucro das vendas é destinada a “causas filosóficas profundas”, como The center for justice and accountability, Women for afghan women, Reproductive healt access project e Transportation alternatives.

Os preços dos produtos vendidos variam bastante. Os bonecos pequenos pensadores, por exemplo, custam U\$18,95, e os fantoches U\$5,98. Abaixo os bonecos de Marx e Nietzsche e os fantoches de Sócrates e Platão.²⁴



Cada fantoche tem uma descrição. O de Platão, por exemplo, é descrito como algo que o consumidor pode usar para brincar de “simpósio” ou de encenar a alegoria da caverna:

Agora você pode ter a sabedoria dos antigos em suas mãos com esse fantoche de dedo do Platão. Com apenas quatro polegadas de altura, este pequeno Platão tem a postura digna de um fantoche duas vezes maior. Use-o para apresentar seu próprio mini simpósio, ou colocá-lo na frente de uma luz forte e reencenar a Alegoria da Caverna. Ele também é magnetizado para que possa colocá-lo em sua geladeira e fazer experimentos com a Lei de Afinidade de Platão.

²⁴ Puppets, disponíveis em: <<http://www.philosophersguild.com/Finger-Puppets/>>. Acesso em: nov. 2014.

Os bonecos também possuem uma descrição. A de Karl Marx, por exemplo, diz que:

Em seu Manifesto Comunista, Karl Marx disse: "A teoria dos Comunistas pode ser resumida numa única frase: abolição da propriedade privada." (Isto não é realmente uma frase, mas Karl era muito sensível e ninguém quis dizer isso.) Em um rascunho do Manifesto, no entanto, Marx contemplou uma exceção a essa regra--ele argumentou que as pessoas devem poder ter seus próprios brinquedos. "Deixe aos oprimidos seus brinquedos inofensivos. A boneca de pano é o ópio das classes (sic)." E então pensamos que é apropriado para oferecer-lhe este pequeno boneco de Karl Marx. Ele tem 11 polegadas de altura e é adorável e intelectual em seu terno, uma longa barba cinza e o cabelo desganhado. Se você está pensando em adquirir um, pensamos das (sic) é uma excelente ideia!

Há vários outros produtos, como os relógios que possibilitariam "ver o tempo mais filosoficamente". O de Nietzsche (aliás, Nietzsche é um dos filósofos que mais vendem) vem com a imagem do filósofo e os dizeres "the eternal return of the same", uma clara referência ao texto sobre o eterno retorno do autor.

Os produtos citados acima buscam exemplificar a definição de *high-pop* que é usada ao longo desta tese para melhor caracterizar o objeto aqui analisado. O adjetivo *high-pop* é usado para se referir ao duplo movimento em que os produtos culturais associados ao erudito (*high*) buscam, no *pop*, formas de aproximação com o senso comum e com o mercado de consumo; ao mesmo tempo em que os produtos culturais associados à cultura *pop* buscam, no erudito (*high*), formas de se distanciar de elementos associados às formas mais populares de entretenimento e consumo.

De modo sucinto, o *high-pop* se refere a uma tendência de erudição na esfera do consumo de produtos de entretenimento, mas que não abre mão das estratégias de marketing:

High-pop é, em grande parte, uma reação contra a sordidez do marketing de massa agressivo e entretenimentos de sucesso, contudo sua grande visibilidade depende da incorporação de técnicas emprestadas diretamente desse mundo. (COLLINS, 2002, p.01)

A filosofia *selfie-service* parece se situar no mesmo espaço da cultura *high-pop*. Pretende ser, ao mesmo tempo, *high/filosofia*, dando forma e enfatizando o sentido da vida cotidiana, e *low/diversão*, já que não abre mão de certas técnicas de marketing e de

aproximação com o mundo da cultura midiática. Ela está situada no espaço entre a cultura de entretenimento popular e a alta cultura.

A necessidade de trazer o *low* para o universo *high* já representa, por si só, em alinhamento com o que foi colocado anteriormente, uma saída menos reflexiva e mais fácil para os dilemas que o sujeito enfrenta no mundo pós-tradicional.

Além disso, ao longo deste estudo, poderá ser observado que ao oferecer muito mais recursos para a construção de uma *selfie* bem tirada do que recursos reflexivos de se pensar o *self*, a cultura *high-pop* acaba matando o próprio olhar para o *self*, o que culmina em um *self* cada vez mais perdido, que não sabe pensar, refletir, e mergulha cada vez mais em um mercado narcísico do consumo voltado à alimentação do próprio ego e sua exibição nas redes sociais.

2. Como pensar mais sobre Alain de Botton

Alain de Botton nasceu em 1969, na cidade de Zurich, na Suíça, e é mestre em filosofia pela Universidade de Londres (Kings College). Começou um doutorado em filosofia francesa pela Universidade de Harvard, mas não terminou para se dedicar aos livros voltados ao público não acadêmico, com a finalidade de fazer filosofia para a vida cotidiana. Alain é, como fica evidente pelo seu currículo,²⁵ alguém que deixou de lado a carreira acadêmica para se tornar um executivo de sucesso. É um dos fundadores e ajuda a gerenciar a The School of Life.

Publicou 14 livros até 2014:²⁶ *The news: a user's manual* (2014), *Art as therapy* (2013), *How to think more about sex* (2012), *Religion for atheists* (2011), *A week at the airport* (2009), *The pleasures and sorrows of work* (2009), *The architecture of happiness* (2006), *Status anxiety* (2004), *The art of travel* (2003), *The consolations of philosophy* (2000), *How Proust can change your life* (1997), *Kiss & tell* (1995), *The romantic movement* (1994) e *Essays in love* (1997).²⁷

Alguns dos livros são, resumidamente, interpretações simplificadas de teorias e pensamentos filológicos e de sua possível aplicabilidade para lidar melhor com certos dilemas da vida moderna relacionados, por exemplo, ao amor e à vida profissional. Outros, os mais recentes, são mais autorais e Alain de Botton oferece suas ideias e opiniões, sem abrir mão do diálogo com o pensamento de filósofos consagrados e conhecidos. Quase todos os livros – explícita ou implicitamente – buscam responder a perguntas que se iniciam com a palavra “como”. Como lidar com o desejo de *status*? Como lidar com a falta de fé? Como lidar com os problemas do amor? Como ser feliz? Como lidar com a falta de dinheiro? Como lidar com a frustração e a inadequação? são

²⁵ Disponível em: <<http://alaindebotton.com/cv>>. Acesso em: jan. 2015.

²⁶ Dois dos livros que ele escreveu – *The Romantic Movement* e *Kiss&Tell* – não aparecem em seu site. Perguntei a ele o motivo, via *chat* do Facebook (20/08/2014), e a resposta foi: “Estou reprimindo a existência desses livros e não direcionando as pessoas a eles, eu acho que eles realmente não funcionam e deveriam ser esquecidos”.

²⁷ Optei por colocar a data de publicação dos livros que usei como referência e não do ano de publicação original, mas mantive o título original nesse momento.

questões que permeiam os livros de De Botton. As respostas oferecidas estariam ancoradas, principalmente, na filosofia (mas também na literatura, na arquitetura e na religião) e teriam como proposta ajudar os sujeitos a viver bem.

A busca de uma vida bem-vivida está diretamente relacionada à imperativa conquista do bem-estar no mundo contemporâneo. Esse anseio, não por acaso, convive com a ideia de estarmos vivendo o mal-estar na civilização (FREUD, 2011), o mal-estar no pós-modernismo (KAPLAN, 1993) e o mal-estar da pós-modernidade (BAUMAN, 1998) ou, ainda, como vimos, para aqueles que repudiam a expressão “pós-moderno”, estaríamos vivendo as consequências da radicalização da modernidade (GIDDENS, 1991), e todas elas, de certa forma, assinalariam o mal-estar:

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1998, p.10)

Bauman entende por uma vida bem-vivida, em uma oposição aos males decorrentes da vida moderna, resumidamente: a busca de segurança individual e prazer. A modernidade teria nos condenado à dura responsabilidade de escolha conquistada com a liberdade:

A amarga experiência em questão é a experiência da liberdade: da miséria da vida composta de escolhas arriscadas, que sempre significa aproveitar algumas oportunidades e perder outras, ou da incurável incerteza criada em toda a escolha, da insuportável, porque não-partilhada, responsabilidade pelas desconhecidas consequências de toda escolha, do constante medo de impedir as futuras e, no entanto, imprevistas possibilidades, do pavor da inadequação pessoal, de experimentar menos e não tão intensamente como os outros talvez o consigam, do pesadelo de não estar à altura das novas e aperfeiçoadas fórmulas da vida que o futuro notoriamente caprichoso pode trazer. E a mensagem que surge dessa experiência é: não, o indivíduo humano não é autossuficiente e não pode ser autoconfiante. (BAUMAN, 1998, p.227).

Alain de Botton conhece bem os anseios de seu público-alvo, já que ele deve ter familiaridade com todos os teóricos citados aqui. Assim, ironicamente, oferece produtos que resultam da demanda decorrente do mal-estar que nos cerca: curadoria para esse indivíduo que não é autossuficiente e nem tampouco autoconfiante. As perguntas que os livros de Alain de Botton têm a pretensão de responder dialogam diretamente com o mal-

estar da humanidade, vendendo soluções para uma vida melhor, ou seja, para uma vida que resgate o bem-estar; bebendo na fonte da filosofia antiga, escrita em um momento que antecederia todo o mal-estar da humanidade.

2.1 Os livros e o DVD



28

O livro em destaque é seu último lançamento. *The news: a user's manual* é vendido como uma reflexão filosófica acerca do papel das notícias no mundo atual. De Botton defende, inspirado em Hegel, que elas ocupam o mesmo lugar que antes pertencia às religiões: “Societies become modern, the philosopher Hegel suggested, when news replaces religion as our central source of guidance and our touchstone of authority”. (DE BOTTON, 2014, p.11). Ele procura investigar por que nos interessamos tanto por algumas notícias, especificamente aquelas sobre política, sobre o mundo, sobre a economia, sobre as celebridades, sobre desastres e sobre consumo. Para o autor, as notícias assumem uma importância significativa na atualidade, já que é através delas que as pessoas “aprendem o mundo”:

Isolados em salas de aula durante os nossos primeiros dezoito anos mais ou menos, passamos efetivamente o resto de nossas vidas sob a tutela de instituições de notícias que exercem infinitamente maior influência sobre nós do que qualquer instituição acadêmica. Quando tivermos terminado nossa educação formal, a novidade será o professor. (DE BOTTON, 2014, pos. 12 de 255).

Juntamente com o lançamento do livro, De Botton lançou o site *The philosophers' mail*,²⁹ que depois foi substituído pelo site e livro online *The book of life*.³⁰ O primeiro fazia análises filosóficas das notícias do Reino Unido e do mundo. Havia dez sessões: perspectiva, tragédia, desastre, virtudes, capitalismo, compras, utopia, relacionamentos,

²⁸ Todas as imagens dos livros incluídas neste capítulo estão no site do autor, disponíveis em: <<http://alaindebotton.com>>. Acesso em: jan. 2017.

²⁹ *The philosopher's mail*, disponível em: <<http://thephilosophersmail.com>>. Acesso em: jan. 2015.

³⁰ Esse projeto da TSOL será tratado adiante. Site/Livro disponível em: <<http://www.thebookoflife.org>>. Acesso em: jno. 2015.

hierarquia e “Sobre o que é tudo isso”. Na sessão compras foi publicada, por exemplo, uma reflexão filosófica sobre o lançamento de um novo modelo de iPhone,³¹ associando o lançamento à ideia de esperança. Ou seja, na visão do texto (não há autor identificado), o interesse das pessoas pelo constante desenvolvimento e melhoria da tecnologia seria um sinal de esperança: esperança de que iremos resolver problemas como guerras, desigualdade, duração de bateria, raiva, falhas de sinais e também nosso próprio *self*. O texto explica o interesse pelas inovações tecnológicas como resultante das nossas esperanças em um mundo melhor, talvez em uma tentativa de legitimar ou mesmo justificar o consumo. Como se pode ler abaixo, não seria possível nenhuma atitude, senão desejar esses produtos:

Porque nossas esperanças são muito grandes, nós não podemos evitar, mas secretamente queremos que as evoluções tecnológicas sejam mais significativas e consequentes do que na verdade são. O anseio messiânico tem que ir a algum lugar e, por falta de um destino melhor, hoje em dia, muitas vezes é canalizado para nossos telefones.³²

O site tentava simular um jornal e fazia relações entre notícias recentes e pensamentos filosóficos. Havia também algumas “reportagens especiais”, como a série “The great philosophers” e “Travel as therapy”. A série “The great philosophers” apresentava o pensamento resumido de vários filósofos importantes e suas contribuições para se pensar a atualidade. Na série “Travel as therapy” Alain de Botton contava suas impressões sobre viagens e sugeria que seriam formas de terapia.

³¹ *New slimmer, bendier iPhone will alter everything*, data. Disponível em:

<<http://thephilosophersmail.com/290114-shopping-iphone.php>>
<<http://thephilosophersmail.com/shopping/new-slimmer-bendier-iphone-will-alter-everything>>.

Acesso em: fev. 2017.

³² Artigo disponível em: <<http://thephilosophersmail.com/290114-shopping-iphone.php>>. Acesso em: fev. 2017.



O livro acima em destaque, *Art as therapy*, que também deu origem a um site (o livro é uma versão mais ampla, mas menos interativa do site),³³ tem como proposta pensar a arte como forma de cura para certas aflições do homem moderno. O site é uma ferramenta que pode ser usada para curar problemas relacionados ao amor, ao *self*, ao trabalho, à política, à ansiedade e ao tempo livre:

Esta é uma ferramenta para colocar você em contato com determinadas obras de arte que são úteis para contemplar quando estiver enfrentando determinados problemas. Acreditamos que a questão da arte em geral é oferecer assistência terapêutica; deve ajudar-nos para melhor resistir e desfrutar de nossas vidas.³⁴

Cada palavra sugere alguns problemas. A palavra amor (love) apresenta os problemas “Eu quero terminar”, “Pode durar para sempre?”, “Sexo deve me definir?”, “Sexo e decência não se misturam” e “Eu gostaria de encontrar alguém legal”. A palavra trabalho (work) leva aos problemas “Meu trabalho é muito banal”, “Eu gostaria de ser mais criativo”, “Você tem que ser duro para fazer o trabalho”, “Eu não posso bancar coisas legais” e “Eu não consigo me concentrar”. E assim por diante.

³³ *Arte como terapia*, data. Disponível em: <<http://www.artastherapy.com>>. Acesso em: nov. 2014.

³⁴ Texto disponível no site <www.artastherapy.com>. Acesso em: fev. 2017.

[< Self](#)
[Art as Therapy](#) [Home](#) [About](#)

I don't understand myself



We are not transparent to ourselves. We have intuitions, suspicions, hunches, vague musings and strangely mixed emotions - all of which resist simple definitions.

Then, from time to time, we encounter works of art that seem to latch onto something we have felt, but never clearly recognised before. Alexander Pope identified a central function of poetry: to take thoughts that we experience as half-formed and give them clear expression or in his words, something 'was often thought, but never so well expressed.' In art a fugitive and elusive part of our own thinking and experience can be taken up, edited, and returned to us better than it was before so that we feel, at last, that we know ourselves more clearly.

35

O usuário deve clicar na palavra-chave do seu problema, por exemplo *self*, e em seguida deverá escolher a frase que mais tem a ver com o seu problema, por exemplo “I don't understand myself”. Em seguida, é direcionado a uma imagem de uma obra de arte (figura acima), uma breve explicação sobre a obra e como ela poderia servir como cura para aquele problema inicial.

Dessa forma, como uma possibilidade de cura para os males do cotidiano, a arte é vista como algo que tem uma finalidade, algo instrumental. Os sujeitos não são convidados a apreciar a arte em si, nem mesmo a arte como representação do mundo, tampouco a arte em seu caráter político e transformador; mas são convidados a usá-la como remédio para os males da vida de cada ser humano. Em decorrência disso, dois problemas se colocam. Em primeiro lugar, o site e o livro apontam para a instrumentalização da arte. Em segundo, subentende-se que os problemas que os indivíduos enfrentam – como não compreenderem a si mesmos – devam ser curados, apontando para uma medicalização da subjetividade (TUCHERMAN, 2012). Freire Filho (2010) pensa o imperativo da felicidade como um poderoso *leitmotiv* cultural que

³⁵ Print Screen do site Art as Therapy, disponível em: <<http://www.artastherapy.com/#love/loneliness>>. Acesso em: jan. 2015.

constrange qualquer manifestação de tristeza, desencanto e insatisfação, decorrentes do mal-estar existencial que deve ser repellido a todo custo. Rudiger (1996) também pondera acerca do que chama de “empresas de engenharia da alma” que recorrem a diversas mídias para ajudar os sujeitos na busca de autorrealização.



Assim, como visto no Capítulo 1, a filosofia *selfie-service* afasta o sujeito do pensamento reflexivo e o coloca em um processo de cura ilusória dos problemas que o *self* enfrenta. O indivíduo desiste da reflexividade e busca remédios para aplacar a dor.

O site e o livro são expressões da busca pela felicidade imperativa e oferecem não apenas “engenharia da alma”, mas um aplicativo (App) que conta com um suposto “mestre” da vida, na tentativa de busca de paz interior, confiança e serenidade. Compartilho a mesma citação que Freire Filho (2010) faz de Lipovetsky:

O que se procura nos mestres da vida, a não ser maximizar nossos gozos e nossos mais diversos potenciais psicológicos? Os ideais de renúncia ao mundo foram trocados pelas técnicas de autoajuda que supostamente proporcionam a uma só vez êxito material e paz interior, saúde e confiança em si, poder e serenidade, energia e tranquilidade, em outras palavras a felicidade interior, sem que seja preciso renunciar ao que quer que seja de exterior (conforto, sucesso, sexo, lazeres). (...) A sabedoria confundia-se com o desapego e com o despojamento de si: nós queremos a plena realização do Ego. Trata-se menos de mudar o estilo de existência que de adaptar-se ao nosso mundo, vivendo nele

³⁶ Imagem do site *Art as therapy*, disponível em: <<http://www.artastherapy.com/#self/i-have-moods-but-i-dont-really-know-them>>. Acesso em: nov. de 2014.

confortavelmente, sem estresse nem ansiedade (LIPOVETSKY, 2007, p.350-351).



O livro *Como pensar mais sobre sexo* tem dois capítulos: “Os prazeres do sexo” e “Os problemas do sexo”, subdivididos em vários subcapítulos. Todos têm como pretensão fazer uma “reflexão” sobre o sexo de forma filosófica, como, por exemplo, no capítulo que trata dos fetiches e explica como certos objetos nos excitam:

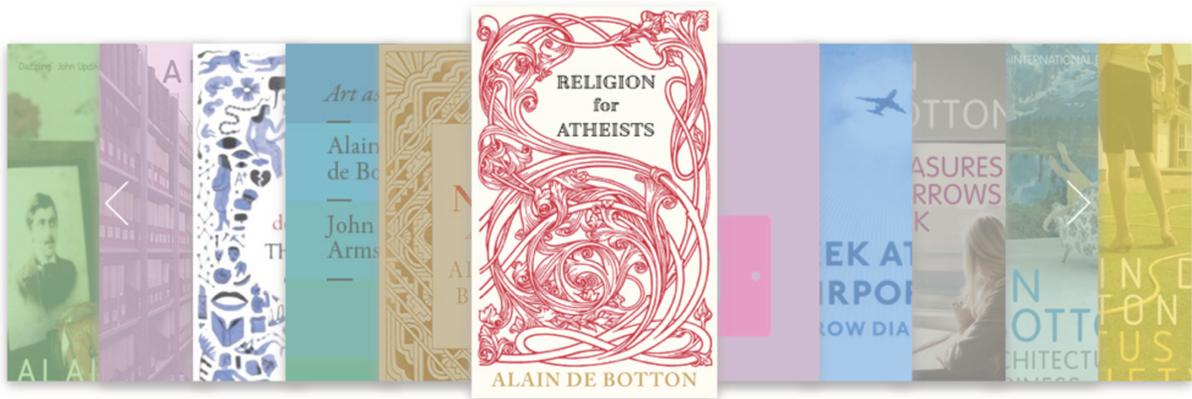
Há uma interessante explicação para os fetiches encontrada inesperadamente no famoso banquete de Sócrates onde foi discutido o amor, descrito em *O Simpósio*, de Platão. Usando Aristófanés como porta-voz, Platão articulou o que veio a se tornar conhecido como a Escada do Amor, que argumenta que tudo aquilo que achamos desejável por meio dos olhos nos leva, finalmente, para longe do meramente visual, do material, a uma categoria mais positiva, conhecida por Platão como “O Bem”. (DE BOTTON, 2012, pos. 345 de 1535).

Nesse mesmo livro, o autor deixa claro o que ele propõe com seus livros em termos de uma “real e funcional autoajuda”. Percebe-se aqui uma tentativa de distinção entre a filosofia de De Botton e outras formas de autoajuda, que para ele poderia ser comparada à diferença entre um hospital e um hospício. Ou seja, enquanto sua suposta filosofia/autoajuda ofereceria consolações, a autoajuda tentaria, em vão, resolver ou eliminar problemas:

O que quer que alguns manuais de sexo possam prometer, não há solução para a maioria dos dilemas criados pelo sexo. Um livro de autoajuda útil sobre este tema deveria então se concentrar em administrar dor, não em eliminá-la totalmente; deveríamos esperar encontrar uma versão literária de um hospício, e não de um hospital. No entanto, embora não possamos esperar que livros resolvam nossos problemas, eles podem oferecer oportunidades para descarregarmos nossa tristeza e encontrarmos uma confirmação de que nossas aflições são comuns a outras pessoas. Livros têm a função de nos consolar com a lembrança de que não estamos sós nas humilhantes e peculiares

dificuldades impostas pelo fato inevitável de que possuímos desejo sexual. (DE BOTTON, 2012, pos. 99 de 1535)

Cria-se então um discurso de superioridade do tipo de literatura de autoajuda embasada na filosofia proposta por De Botton, em relação ao tipo de literatura consumido pela massa de leitores de autoajuda sem o embasamento filosófico que Alain de Botton apresenta.



O livro *Religião para ateus* parte do princípio de que as religiões funcionam como consolos para demandas universais e eternas, e que os ateus poderiam se beneficiar de alguns recursos das religiões para combater alguns males da vida secular:

O erro do moderno ateísmo tem sido negligenciar a quantidade de aspectos que permanecem relevantes após o descarte dos princípios centrais das fés. Assim que paramos de sentir que devemos nos prostrar diante delas ou denegri-las, estamos livres para descobrir as religiões como repositórios de uma miríade de conceitos engenhosos, com os quais podemos tentar mitigar alguns dos males mais persistentes e mal-cuidados da vida secular. (DE BOTTON, 2011, p.12-13)

São dez capítulos no total, nove dos quais se referem aos grandes legados das religiões, cujos benefícios podem ser proveitosos para os ateus: comunidade, gentileza, educação, ternura, pessimismo, perspectiva, arte, arquitetura e instituições. Assim, por exemplo, no capítulo sobre ternura, Alain de Botton pontua que o ateísmo não sabe lidar com a carência de ternura:

Em contraste com a religião, o ateísmo é propenso a parecer friamente impaciente com nossa carência. O desejo de conforto que existe no cerne do culto a Maria parece perigosamente regressivo e em conflito com o envolvimento racional com a existência, do qual os ateus se orgulham (DE BOTTON, 2011, p.143).



O livro *The pleasures and sorrows of work* é, nas palavras de Botton, uma tentativa de elogiar a “peculiaridade, a beleza e o horror do trabalho moderno e, além disso, sua extraordinária capacidade de nos dar, da mesma forma que o amor, a principal fonte de sentido para a vida.” O livro está dividido em dez capítulos, cada um sobre um trabalho diferente: observação de navios de carga, logística, fábrica de biscoitos, aconselhamento de carreira, ciência de foguetes, pintura, engenharia de transmissão, contabilidade, empreendedorismo e aviação. Nele, o autor faz uma espécie de diário/reportagem das experiências de campo que teve ao visitar os ambientes de trabalho que dão título aos capítulos. Além do texto, o livro conta com fotografias encomendadas para o livro e tiradas pelo fotógrafo Richard Baker, o que parece sugerir novamente a tentativa de proximidade com a arte erudita e distanciamento da autoajuda massiva que De Botton despreza. Há poucas referências a filósofos e teorias como forma de oferecer respostas para problemas do dia a dia. No entanto, passagens como a citada abaixo ainda se fazem presentes:

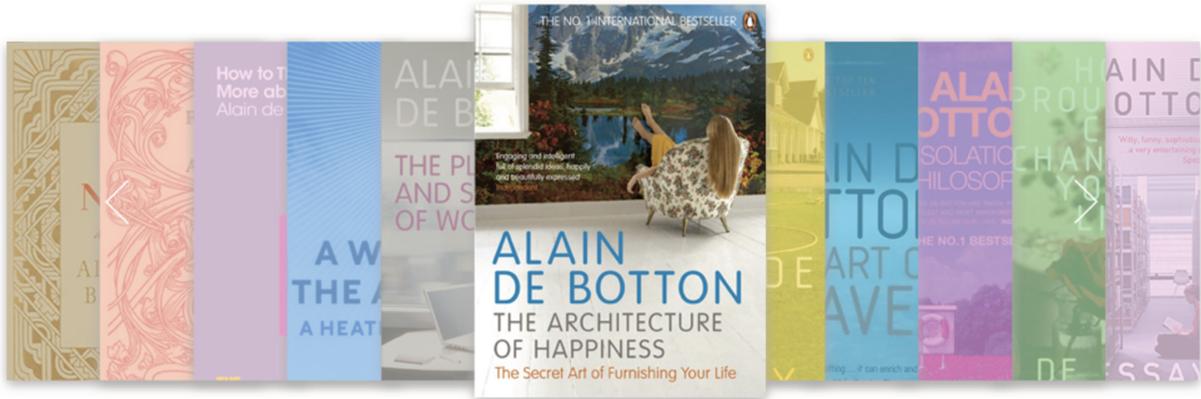
Foram as calotas de gelo, os desertos, os vulcões e as geleiras que nos deram um senso de finitude e limitação e suscitaram um sentimento no qual o medo e o respeito se coagularam em uma sensação estranhamente agradável de humildade, um sentimento que os filósofos do século XVIII tinham famosamente denominado sublime. (DE BOTTON, 2009a, pos.1333 de 2705).



De forma semelhante, *A week at the airport* é também uma espécie de “diário de campo” da semana em que o autor passou no aeroporto de Heathrow, em Londres, para refletir e escrever sobre o “não-lugar”, como ele mesmo chama em referência à obra de Marc Augé. O livro é dividido em 4 capítulos – Approach (Aproximação), Departures (Partidas), Airside (Embarque) e Arrivals (Chegadas). De Botton foi convidado a escrever esse livro pela empresa proprietária do aeroporto. A proposta foi de que ele passasse uma semana como escritor residente no terminal 5. O livro não tem como proposta explícita, como outros do autor, trazer filosofia para o dia a dia, mas, de uma forma bastante sutil (quase “sem querer”), é o que Alain acaba fazendo. Ao relatar o caso de um passageiro nervoso que não pode embarcar devido a um atraso, De Botton lembra de Sêneca:

Eu me lembrei do Tratado do filósofo romano Sêneca *Sobre a Ira*, escrito para beneficiar o imperador Nero e em particular da sua tese de que a causa principal da raiva é a esperança. Estamos zangados porque somos extremamente otimistas, insuficientemente preparados para as frustrações endêmicas da existência. (DE BOTTON, 2010, p.23)

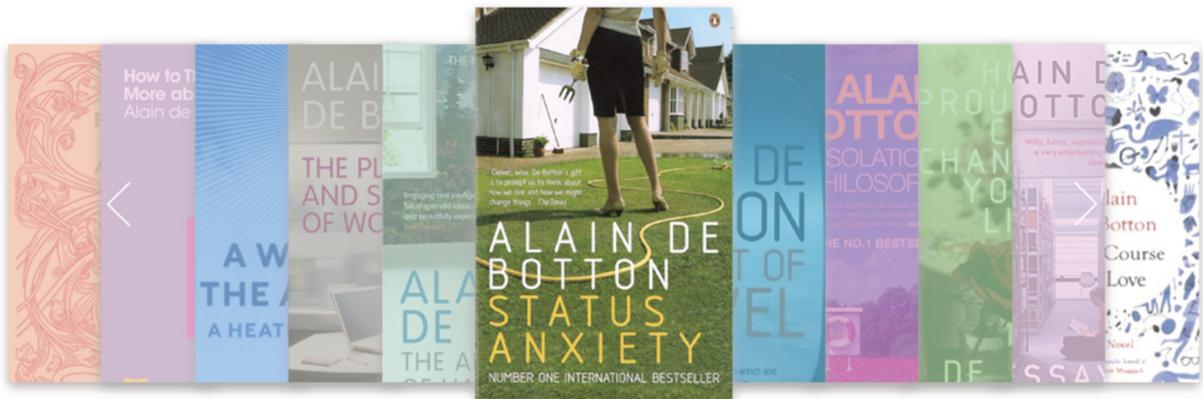
Em outras situações o autor cita Melanie Klein, Adam Smith, Thomas Hobbes e Santo Agostinho.



Da mesma forma, em *The architecture of happiness*: a filosofia aparece como algo “acidental”, novamente, descrevendo e pescrevendo modos de viver. Em alguns momentos ele cita outros filósofos, mas na maior parte do livro faz sua própria filosofia. Sua tese central é a de que a arquitetura pode, também, oferecer a felicidade ideal, aquilo que quereríamos ser:

A crença na arquitetura é baseada na noção de que nós somos, para melhor ou para pior, pessoas diferentes em lugares diferentes— e na convicção de que é tarefa da arquitetura tornar vívido para nós quem podemos idealmente ser. (DE BOTTON, 2006, pos. 152 de 3132)

O livro parece fazer uma referência ao documentário *Undergangens arkitektur* (*Arquitetura da Destruição*), dirigido pelo cineasta Peter Cohen, que trata do uso da arte e da estética pelo nazismo. Em uma analogia simplificada ao título do filme, De Botton propõe que se use a arquitetura para o oposto daquilo que seria destrutivo, para a busca da felicidade.

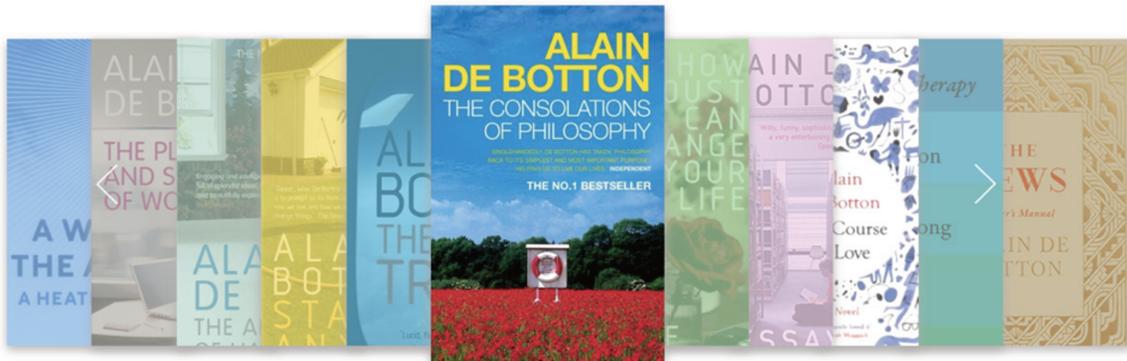


Em *Desejo de status*, os capítulos são divididos em dois grupos: causas e soluções. Segundo o autor, haveria cinco causas e cinco soluções para o desejo de *status*. As causas seriam falta de amor, esnobismo, expectativa, meritocracia e dependência. As soluções: filosofia, arte, política, cristianismo e boemia. No capítulo Filosofia, o que mais interessa para pensar o objeto deste trabalho, o autor pontua:

Na península grega, no início do quinto século a.C., surgiu um grupo de indivíduos, muitos deles barbudos, que eram singularmente livres do desejo de status que atormentava seus contemporâneos. Esses filósofos não se deixavam perturbar pelas consequências psicológicas e materiais de uma posição humilde na sociedade; permaneciam calmos diante de insultos, da desaprovação e da penúria. (DE BOTTON, 2005, p.120)

Verifica-se, nesse trecho, uma idealização do modo de vida dos filósofos como algo que se deve almejar em plena radicalização da modernidade e da sociedade consumista e capitalista. No trecho acima, não se faz referência alguma ao momento e ao contexto histórico em que os “barbudos livres do desejo de status” viviam, como se o mundo contemporâneo e o mundo antigo não carregassem diferenças significativas (qualitativas e quantitativas, afinal são 2.000 anos de diferença) que tornassem intransponível o ideal de modo de vida calmo e livre de tormentas dos “barbudos”. Ora, espera-se que o leitor, tido como um *looser* por não conseguir desprender-se do seu desejo de *status*, não se deixe perturbar pelas consequências psicológicas e materiais de uma posição humilde! Como se não bastasse, espera-se que permaneçam calmos diante da desaprovação e penúria!

emocional, que contribuiria para a descoberta do *self*; em oposição a um investimento no conhecimento histórico e/ou na construção de novos relacionamentos.



O livro *As consolações da filosofia* é um dos mais pertinentes para a discussão proposta neste trabalho. São seis as consolações presentes no livro que a filosofia pode trazer para a vida, e estão divididas em seis capítulos: Consolação para a impopularidade, Consolação para quando não se tem dinheiro, Consolação para a frustração, Consolação para a inadequação, Consolação para um coração partido e Consolação para as dificuldades. Da mesma forma, são seis os filósofos chamados a consolar: Sócrates, Epicuro, Sêneca, Montaigne, Schopenhauer e Nietzsche.

Nesse livro, Alain de Botton afirma buscar consolo nos ensinamentos dos grandes filósofos citados acima. Para lidar com a frustração, o leitor é convidado a refletir com Sêneca, por exemplo:

Uma única tese permeia toda sua obra: suportamos melhor as frustrações para as quais nos preparamos e que compreendemos e somos atingidos principalmente por aquelas que menos esperamos e não conseguimos entender. (DE BOTTON, 2001, p.96)

Os leitores são convidados a se preparar para as frustrações, criando menos expectativas, como forma de consolo para as mesmas.

determinada manhã, Alice desiste de ir mergulhar e o casal inicia uma discussão. Eric, namorado, acusa-a de pensar demais em vez de ir aproveitar a vida e mergulhar. Alice, por sua vez, está afim de conversar sobre a relação. A briga é explicada pelo autor por meio do pensamento de Rousseau e das diferenças entre os intelectuais e os naturalistas. Explicando: Eric, assim como Rousseau, seria um naturalista, para quem os problemas e sofrimentos da vida se originam na reflexão. Já para a Alice, intelectual, a reflexão vem de um problema. Mais adiante, o autor discute qual seria a distinção entre passatempos introspectivos (preferidos de Alice) e passatempos como mergulhar (preferidos por Eric). Nesse momento, Santo Agostinho é evocado para “aprofundar” a discussão:

Mas qual a diferença entre passatempos que conduzem à introspecção e o prazer que se sente em mergulhar ou beber pina colada? No primeiro caso, trata-se de um prazer autocontemplativo, uma forma de masturbação (sempre considerada um parente obscuro da cópula) que carrega consigo velhas conotações da condenação religiosa do ego (quando santo Agostinho dividiu o mundo, ele afirmou que dois tipos de amor criaram duas cidades: “a cidade terrena, simbolizada pelo Amor a si próprio e o desprezo por Deus, e a Cidade de Deus, simbolizada pelo Amor a Deus e o desprezo a si próprio”. Este tema foi retomado por Pascal em sua afirmativa despojada de qualquer traço de narcisismo: “le moi est haïssable”). (DE BOTTON, 1998, p.217-218)

A explicação acaba por aí. Santo Agostinho entre parênteses, Rousseau e o naturalismo em um parágrafo. Mas, de alguma forma, ele explica, para as mentes mais apressadas, o motivo da briga para além do senso comum, talvez criando uma ilusão de compreensão dos problemas cotidianos do amor.

No livro *Kiss & Tell*, terceiro publicado pelo autor, o narrador começa contando que decidiu escrever a biografia da atual namorada, depois de ser acusado de egocêntrico pela namorada anterior. Das primeiras até as últimas páginas o erudito e popular se misturam (Elton John e Wittgenstein nas primeiras linhas do livro, por exemplo) para discutir questões relacionadas a intimidade, relacionamentos amorosos e *self*.

perfeição dentária. Eu não era só indiferente à falha entre os dentes, eu a adorava (DE BOTTON, 1997, p.93).

No capítulo Marxismo, da mesma maneira, o autor procura explicar o amor através do pensamento de Marx. Todavia, não se parte da teoria de Marx, nem da análise de nenhum de seus livros e nem ao menos dos seus comentadores. O ponto de partida é uma piada que teria sido feita por Marx sobre o desejo de pertencer a um clube:

15. Tem aquela velha piada feita por Marx que ria de não se dignar a pertencer a um clube que aceitasse alguém como ele de sócio – uma verdade tão adequada ao amor quanto aos clubes. Nós rimos da posição marxista por causa de sua absurda contradição:

Como é possível que eu deseje entrar para um clube, e perca esse desejo assim que ele se torna realidade?

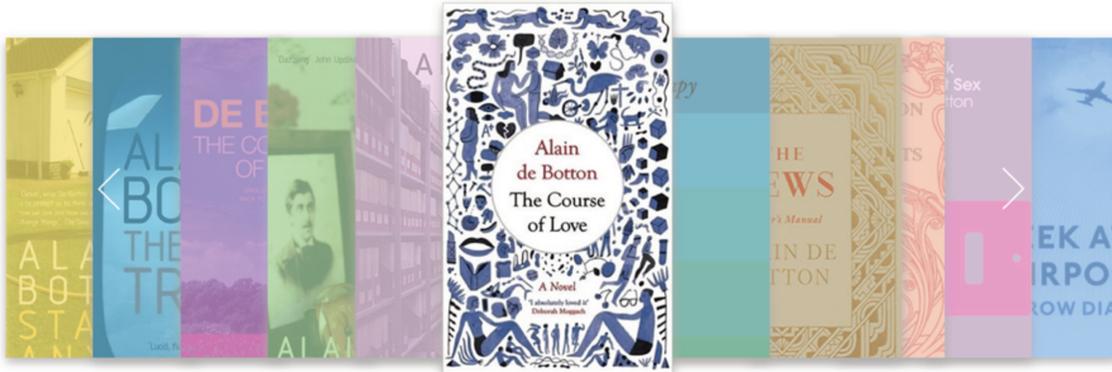
Como era possível que eu pudesse ter desejado que Chloe me amasse, mas ficasse irritado com ela quando isso aconteceu? (DE BOTTON, 1997, p.60)

Percebe-se aqui a insistência bastante forçada de Alain de Botton em construir uma narrativa que se vale da Filosofia e que pode ser entendida como uma vertente “cult” das retóricas da autoajuda. O pensamento marxista nem chega a ser apresentado. O que se tem como resultado é um romance com pitadas de autoajuda embalado como filosofia e vendido como filosofia nas prateleiras de grandes livrarias,³⁷ algo que poderia dar um ar mais “cabeça” ao consumidor desse tipo de literatura, em oposição a um consumidor da literatura que estampa as prateleiras de autoajuda das grandes livrarias. Fica evidente como no *high-pop* a pitada de high serve para valorizar o objeto no mercado, na competição dele com as outras ofertas de autoajuda.

Uma aliança marxista ortodoxa será, por esses motivos, fundamentada e dependerá de uma troca desigual de afeto. Embora partindo de uma posição de amor não correspondido, eles desejam ver seu amor retribuído, os marxistas inconscientemente prefeririam que seus sonhos permanecessem no reino da fantasia. Prefeririam que seu amor não fosse muito mais que reconhecido, que seu parceiro não ligasse com muita frequência para eles, ou que tivesse a decência de não estar emocionalmente disponível a maior parte do tempo (...). (DE BOTTON, 1997, p.61)

³⁷ A maioria dos livros de Alain de Botton é categorizada como filosofia nas grandes livrarias pesquisadas. O livro *Essays in Love*, especificamente, está na categoria Filosofia nas duas maiores livrarias no Brasil: Livraria Cultura, em São Paulo, e Livraria da Travessa, no Rio de Janeiro.

Para a investigação proposta neste trabalho, algumas publicações são mais importantes que outras. Então, o que irá direcionar a análise não é a totalidade do objeto em si, que é amplo, mas o tema da discussão, que será exemplificado pela seleção de fragmentos do objeto desta tese. Os livros ou trechos a serem analisados serão aqueles que, de alguma forma, expressam o argumentado uso da filosofia para abordar terapêuticamente o sofrimento humano ou libertar as paixões da alma, como colocado na epígrafe. Dito de outra forma, serão selecionados, para a análise, trechos e/ou capítulos que promovam a discussão sobre a filosofia *high-pop* em Alain de Botton e sobre seus usos no contexto de modernidade radicalizada.



No final de 2016, o autor lançou mais um livro, *The course of love*, que não pode ser analisado por uma questão de tempo, pois esta pesquisa torna-se tese em fevereiro de 2017.

Da mesma forma será feito com os outros empreendimentos do filósofo. Não se trata de fazer uma análise minuciosa do site da TSOL ou do Philosopher's Mail, por exemplo, mas sim, de entender o tema que norteia a discussão a partir de certos elementos dos sites, ao mesmo tempo em que trechos, imagens e eventos serão selecionados para exemplificar e reforçar a argumentação.

2.2 Filosofia e religião para ateus

*Embora esse exercício tenha suas recompensas,
a real questão não é se Deus existe ou não, mas
para onde levar a discussão ao se concluir que
ele evidentemente não existe.*

Alain de Botton

A epígrafe acima é extraída do livro *Religião para ateus* (2011). O livro, como consta da orelha, dedica-se àqueles que sabem que Deus está morto, mas continuam a se sensibilizar com as questões que os impulsionaram a inventá-lo.

Como já mencionado, o livro tem dez capítulos nomeados de acordo com aquilo que o autor julga que os ateus perdem ao abandonar Deus, aquilo que deveria ser aproveitado das religiões, mesmo por ateus.

2.2.1 Sabedoria

O Capítulo 1 – Sabedoria sem doutrina – trata da premissa do livro, de que:

(...) é possível manter-se como um ateu resoluto e, não obstante, esporadicamente considerar as religiões úteis, interessantes e reconfortantes – e ter uma curiosidade quanto às possibilidades de trazer algumas de suas ideias e práticas para o campo secular. (DE BOTTON, 2011, p.12)

Ou seja, “num mundo ameaçado por fundamentalistas religiosos ou seculares, deve ser possível equilibrar uma rejeição da fé e uma reverência seletiva por rituais e conceitos religiosos” (DE BOTTON, 2011, p.12).

Para De Botton, as religiões teriam sido fundadas para servirem a duas necessidades centrais, até hoje não resolvidas pela sociedade secular: a necessidade de vivermos juntos e em harmonia apesar de nossos impulsos egoístas e violentos profundamente enraizados; e a necessidade de lidar com aterrorizantes graus de dor, que surgem de nossa vulnerabilidade ao fracasso profissional, a relacionamentos problemáticos, à morte de entes queridos e à nossa decadência e morte.

Assim, a sociedade secular teria se empobrecido ao abandonar a religião e as tradições de modo geral, pois “secularizamos de maneira inadequada” (DE BOTTON, 2011, p.16). O livro propõe “resgatar parte do que é maravilhoso, tocante e sábio em tudo que não mais parece verdadeiro”. (DE BOTTON, 2011, p.18).

Segundo o autor do livro, o ateu, como alguém que se libertou da necessidade de se prostrar diante das religiões, deve se preocupar menos em denegri-las e mais em descobri-las como “repositórios de uma miríade de conceitos engenhosos, com os quais podemos tentar mitigar alguns dos males mais persistentes e malcuidados da vida secular” (DE BOTTON, 2011, p.13).

Para De Botton, a sociedade secular não pode se ver empobrecida, de forma injusta, pela recusa dos ateus em se interessarem por uma série de práticas e de temas com os quais não conseguem conviver por estarem muito associados com o que, segundo ele, Nietzsche chamou “os maus odores da religião”.

Há ainda hoje, segundo o próprio autor, um medo muito grande de se falar em moralidade. Segundo sua visão (talvez moralista na proposta de ajudar os ateus perdidos no mundo), as pessoas se irritam com a ideia de ouvir um sermão, assim como fogem da ideia de que a arte pode inspirar a felicidade ou ter uma missão ética. Ele lamenta que as pessoas não façam mais peregrinações, que não possam construir templos e aproxima a religião da autoajuda: “A noção de ler um livro de autoajuda tornou-se absurda para o erudito. Resistimos a exercícios mentais. Estranhos raramente cantam juntos.” Assim, De Botton sugere que os ateus deveriam voltar a se valer de rituais reconfortantes, sutis ou apenas encantadores para os quais hoje as pessoas têm dificuldades de encontrar equivalentes na sociedade secular.

Mais uma vez, encontramos aqui uma saída nada reflexiva para os dilemas pós-tradicionais de falta de sentido (religioso ou não) para a vida. No lugar de oferecer uma reflexão – muitas vezes dolorosa e difícil – sobre os males da religião, o filósofo *high-pop*, na linha do ditado que afirma que a ignorância é uma virtude, propõe-nos uma volta ao pensamento tradicional, de forma a fugir do enfrentamento da condição pós-tradicional.

Para De Botton, os ateus não estão permitindo que as sociedades modernas se apropriem de áreas de experiência que deveriam pertencer a toda a humanidade. E não deveriam ter vergonha de restituí-las ao campo secular. Nesse sentido, propõe um uso banal e instrumental da religião de modo a servir a certos propósitos específicos mesmo para aqueles que não estão inseridos em um sistema de crença.

Para o autor, da mesma maneira que o cristianismo, por exemplo, teria se apropriado de incontáveis práticas pagãs, os ateus modernos deveriam fazer uso de algumas práticas religiosas.

Em seu conjunto, o livro representa uma tentativa de ler a fé, principalmente aquela ligado ao cristianismo e, em menor grau, ao judaísmo e ao budismo, na esperança de provocar usos que possam ser úteis na vida secular, em particular em relação aos desafios da vida em comunidade e do sofrimento mental e corporal. A tese subjacente não é a de que o secularismo seja errado, mas que as pessoas abdicam de forma equivocada de algumas das partes mais úteis e atraentes das religiões.

Aos possíveis críticos do livro, sejam eles religiosos ou ateus, o autor adianta: as religiões merecem nossa atenção pela sua absoluta ambição conceitual, por mudarem o mundo de uma maneira que poucas instituições seculares fizeram. Elas conseguiram combinar teorias sobre ética e metafísica com um envolvimento prático em educação, moda, política, viagem, hospedaria, cerimônias de iniciação, edições de livros, arte e arquitetura. Para De Botton, as religiões são os exemplos maiores de sucesso educacional e intelectual que o planeta já testemunhou.

2.2.2 Comunidade

No Capítulo 2 – Comunidade – o autor afirma que uma das perdas que a sociedade moderna sente, de forma mais aguda, é a do sentimento de comunidade. Para o autor, viveríamos cada vez mais uma espécie de anonimato implacável, em que as pessoas buscam contato umas com as outras, principalmente com fins restritos e individualistas: para obter ganhos financeiros, ascensão social ou amor romântico.

Como vimos, *Religião para ateus* aponta ainda a perda da comunidade como uma das perdas centrais trazidas pela modernidade. De Botton afirma também que, com relação à natureza humana diante da modernidade, é difícil continuar esperançoso e aponta que o mundo pré-moderno era muito mais caridoso (DE BOTTON, 2011, p.24).

O capítulo em questão sugere ainda que a caridade é uma falta das sociedades modernas, que decorre justamente do excesso de liberdade. Segundo o autor, na vida em metrópoles, tendemos a ficar presos em guetos tribais baseados em nível educacional, classe e profissão, e podemos ver os outros como inimigos em vez de um coletivo acolhedor com o qual supostamente gostaríamos de nos juntar.

Para De Botton, parece insólito dar início a uma conversa espontânea com um desconhecido em um espaço público, e ao passarmos dos trinta anos parece até surpreendente fazer um novo amigo.

O autor ainda se pergunta se seria possível reconquistar um senso de comunidade sem baseá-lo em fundações religiosas. Responde que uma das razões da nossa sensação de solidão está relacionada à alta densidade populacional e à vida em metrópoles. Os espaços públicos nos quais encontramos outras pessoas – trens lotados, calçadas apinhadas de gente, saguões de aeroportos – conspirariam para projetar uma representação desfavorável de nossas identidades, o que enfraqueceria a capacidade de nos apegarmos à ideia de que cada pessoa é necessariamente o centro de uma individualidade complexa e preciosa:

Trancados em nossos casulos privados, a mídia passou a ser a principal maneira de imaginar como são as outras pessoas, e, como consequência, esperamos que todos os estranhos sejam assassinos, golpistas ou pedófilos – o que reforça o impulso de confiar apenas nos poucos indivíduos que já foram selecionados por redes familiares e de classe. (DE BOTTON, 2011, p.24)

Assim, o autor evidencia sua crítica ao modo como as pessoas se relacionam de duas formas centrais. Primeiramente, afirma que as pessoas se tornaram isoladas e que depositam toda sua sede por relacionamentos na busca maníaca pelo amor romântico: uma única pessoa com quem esperamos conquistar uma comunhão completa para a vida toda, uma pessoa que nos dispensará de qualquer necessidade por outras.

Em seguida, critica o fato de que a busca de relações comunitárias se concentra na construção de uma rede de contatos centrada no culto ao sucesso profissional. Exemplo disso seria o fato de que quando conhecemos alguém a pergunta inevitável que nos fazem é “o que você faz?”. Os atributos pessoais pouco valeriam como moeda de troca para comprar a boa vontade ou a simpatia de outros.

Assim, sugere que todos aprendam com as religiões. A missa católica seria uma fonte de inspiração para resolver as duas críticas feitas, já que, segundo De Botton, ela seria cheia de elementos que fortaleceriam os elos de afeição dos congregantes: o cenário declara que dentro de seus domínios reinarão valores profundamente distintos daqueles dominantes no mundo de fora; a grandeza arquitetônica protege e dá a rara permissão de abordar os estranhos sem perigo; a missa decompõe os subgrupos econômicos e de *status*, dentro dos quais geralmente operamos, “arremessando-nos em um mar mais amplo de humanidade”; a igreja pede às pessoas para deixarem para trás todas as ligações com os valores terrenos, as faz pensar que podem ser felizes sem eles; inspira os participantes a suspenderem seu habitual egoísmo assustado a favor de uma alegre imersão em um espírito coletivo; também estabelece regras para dirigir as pessoas em suas interações, compelindo as pessoas a olhar para cima, levantar-se, ajoelhar-se, cantar, orar e comer (DE BOTTON, 2011).

Nota-se aqui como o livro, logo no início, busca suprir a insegurança ontológica dos indivíduos carentes de tradições, oferecendo crédito moral (em oposição ao déficit moral tratado no primeiro capítulo), pertencimento e visão de mundo.

Assim, o autor tenta vender a ideia de uso instrumental das religiões. De modo bastante exagerado e despropositadamente otimista, afirma que as religiões apresentam uma série de rituais cuja função é descartar de forma segura o que é cruel, destrutivo ou niilista na natureza humana. Essas intenções não são declaradas para não afugentar os participantes, e buscam fazer a mediação entre as necessidades individuais e as do grupo. Conciliam o *self* e os outros por meio de uma purgação controlada e, muitas vezes, comovente em termos estéticos.

2.2.3 Gentileza

O ponto de partida do Capítulo 3 – Gentileza – é de que a liberdade teria se tornado a virtude política suprema dos seres humano. As religiões, por outro lado, sempre teriam tido ambições bem mais autoritárias, propondo ideias amplas de como os membros de uma comunidade deveriam se comportar com relação aos outros.

Na mesma linha do capítulo anterior, o autor segue com sua crítica à sociedade secular: nessa sociedade obcecada por liberdade, restariam poucas vozes que ainda ousariam incentivar os indivíduos a agirem bem.

A falta de moralidade e gentileza está, para De Botton, intimamente ligada ao Estado moderno e ao pensamento libertário:

Vejamos, em contraste, o atraso e a rudeza com que o Estado moderno entra em nossa vida com suas injunções: intervém quando já é tarde demais, após termos pegado a arma, roubado o dinheiro, mentido às crianças ou jogado o cônjuge pela janela. (DE BOTTON, 2011, p.72)

As exortações de que precisaríamos, em geral, não seriam muito complexas: perdoar os outros, conter a raiva, ousar imaginar as coisas a partir de um ponto de vista diferente e colocar em perspectiva os dramas pessoais. Mas, segundo De Botton, o ser humano se coloca em uma posição presunçosa a respeito de si mesmo ao pensar que está acima de observações bem-colocadas, diretas e estruturadas a respeito da gentileza.

Assim, ele conclui que boa parte do pensamento moral contemporâneo está petrificada pela ideia de que o colapso da crença deve ter danificado, de forma irreparável, a capacidade das pessoas de erguerem um convincente arcabouço ético para elas mesmas. Desse modo, a tradição judaico-cristã “poderia ajudar”, pois proclama que todos são, sem exceção, criaturas bastante imperfeitas, tentadas a enganar, roubar, insultar, ignorar egoisticamente os outros e serem infiéis. E a doutrina do pecado original nos estimularia a caminhar em direção ao aprimoramento moral, por meio da compreensão de que os defeitos que se despreza em si próprio são características inevitáveis da espécie.

São lembrados pelo autor os esforços feitos pela Igreja Católica no sentido da criação de modelos de conduta, na figura dos santos e suas representações miniaturizadas tridimensionais. E ele defende a ideia de que uma sociedade secular

funcional deveria pensar com cuidado similar a respeito de seus modelos de conduta: “a ausência de crença religiosa de modo algum invalida a necessidade persistente de ‘santos padroeiros’ de qualidades como Coragem, Amizade, Fidelidade, Paciência, Confiança ou Ceticismo”. (DE BOTTON, 2011, p.81)

No fim, sugere que a obsessão com a liberdade ignoraria o quanto ainda estamos despreparados para ela:

A perspectiva religiosa acerca da moralidade sugere que, no fim, trata-se de um sinal de imaturidade se contrapor muito tenazmente a ser tratado como uma criança. A obsessão com a liberdade ignora o quanto de nossa necessidade infantil original, por limite e orientação, permanece dentro de nós, e, portanto, o quanto podemos aprender com estratégias paternalistas. Não é muito bom, e no fim das contas nem mesmo muito libertador, ser considerado tão adulto a ponto de ser abandonado para fazer tudo como se desejar (DE BOTTON, 2011, p.81-82).

Vê-se assim que, mais uma vez, o autor sugere uma volta a um certo tipo de autoritarismo típico das tradições e dos *selves* com papéis sociais pré-definidos.

2.2.4 Educação

No Capítulo 4 – Educação – o autor apresenta uma visão bastante crítica sobre o que é ensinado hoje nas universidades, e sobre as lacunas que observa em um trabalho educacional que se diz focado em valores, mas não é. Aproveita para introduzir as bases e o modelo da Escola da Vida.

Segundo De Botton, o negócio das universidades é produzir uma maioria de profissionais rigidamente focados (advogados, médicos, engenheiros) e uma minoria de graduados em artes, culturalmente bem-informados, mas confusos em termos éticos e temerosos quanto a conseguir uma ocupação remunerada pelo resto da vida.

O ensino superior seria encarregado, de forma explícita, de uma missão dupla e talvez contraditória: ensinar a ganhar a vida e a viver. Porém, negligencia o segundo desses objetivos, deixando-o vago e ignorado.

Embora as universidades sejam vistas como sustentáculo proeminente e propagador da cultura no mundo, assumindo o papel anteriormente reservado à religião, para De Botton elas não parecem estar cumprindo esse papel a contento. Revelam

competência para a transmissão de informação factual a respeito da cultura, mas permanecem desinteressadas em treinar seus estudantes para usá-la como repertório de sabedoria. Com este último termo o autor se refere a um tipo de conhecimento relacionado a coisas que não apenas são verdadeiras, mas intrinsecamente benéficas, um tipo de conhecimento que se prova reconfortante para os sujeitos quando confrontados pelos infinitos desafios da existência:

Quando confrontados por aqueles que exigem que a cultura seja relevante e útil, que ofereça aconselhamento sobre como escolher uma carreira ou sobreviver ao término de um casamento, como conter impulsos sexuais ou lidar com a notícia de uma doença terminal, os guardiões da cultura se tornam desdenhosos. Sua plateia ideal são os estudantes sem inclinação para o drama e o egocentrismo, maduros, independentes, temperamentalmente capazes de viver com perguntas em vez de respostas, e prontos a deixar de lado suas necessidades em prol de anos de estudo desinteressado a respeito da produção agrícola na Normandia do século XVIII ou da presença do infinito no conceito de número na obra de Kant. (DE BOTTON, 2011, p.94).

O autor evidencia, assim, um assombroso desdém por pessoas que conseguem viver com perguntas e que não procuram apenas respostas, e isso corrobora a ideia de que a filosofia *selfie-service*, praticada por ele, dirige-se àquelas que não o sabem, oferecendo-lhes respostas prontas e fáceis e afastando-as da prática da filosofia em vez de aproximá-las dela.

O cristianismo, por sua vez, estaria focalizado em ajudar uma parte das pessoas que a linguagem secular tem dificuldade até mesmo de nomear:

(...) que não é exatamente a inteligência ou a emoção, nem o caráter ou a personalidade, mas outra entidade, ainda mais abstrata, ligada a todas essas de maneira imprecisa e diferenciada delas por uma dimensão ética e transcendente adicional – e à qual podemos nos referir, seguindo a terminologia cristã, como *alma*. Tem sido a tarefa essencial da máquina pedagógica cristã cultivar, tranquilizar, confortar e guiar nossas almas. (DE BOTTON, 2011, p.96, 97)

E a diferença entre a educação cristã e a secular se revela com particular clareza nos respectivos métodos característicos de instrução: “a educação secular fornece aulas, o cristianismo, sermões” (p.99). Do ponto de vista do livro, na esfera secular podem-se ler os livros certos, mas as pessoas deixam de encontrar respostas diretas a partir deles.

O autor acusa a academia de não conseguir estabelecer a conexão entre as ideias abstratas e a vida, de não propor uma lúcida interpretação de textos, de preferir

sumários, em detrimento das totalidades – diferente do que, segundo ele, as religiões fazem.

Fica a pergunta: se a universidade prefere sumários, o que seria então o pensamento de Karl Marx em um parágrafo, como ele faz nos seus livros? A acusação se volta contra ele mesmo, que simplifica o pensamento de autores complexos em frases absolutamente desconectadas da publicação original.

Sua proposta é reformular as universidades, para que elas recorram ao rico catálogo de cultura tratado por suas equivalentes tradicionais, promovendo o estudo de romances, histórias, peças e pinturas, mas que o façam visando a iluminar a vida dos estudantes, em vez de apenas estimulá-los a atingir objetivos acadêmicos: Anna Karenina e Madame Bovary seriam, desse modo, alocados em curso sobre as tensões do casamento, e não em outro, destacando tendências narrativas da ficção do século XIX; da mesma maneira que as recomendações de Epicuro e Sêneca apareceriam no currículo de um curso sobre morrer, e não em uma pesquisa sobre a filosofia helenística.

Essa reforma da educação universitária, segundo os *insights* da religião, deveria abranger também o modo como se ensina. O cristianismo sempre enfatizou a facilidade com que se esquece das coisas. Seus teólogos sabem que a alma humana sofre daquilo que os filósofos gregos chamaram de *akrasia*, uma desconcertante propensão a saber o que se deve fazer, combinada com uma persistente relutância em de fato fazê-lo, seja devido à falta de vontade ou à distração.

Mas os defensores da educação universitária secular raramente se preocuparam com a *akrasia*. Preferem admitir que as pessoas serão adequadamente afetadas por conceitos mesmo quando os ouvem apenas uma ou duas vezes, aos vinte anos, antes de uma carreira de cinquenta anos em finanças ou pesquisa de mercado.

Para o autor, é por essas razões que a universidade moderna não confere nenhum valor à oratória, orgulhando-se de seu interesse pela verdade, e não pelas técnicas para assegurar uma transmissão de conhecimento bem-sucedida e duradoura.

Santo Antonio é citado como um dos grandes exemplos da longa e deliberada tradição oratória cristã, que recentemente tem sido desenvolvida por pregadores afro-americanos, em particular os pentecostais e batistas. Para De Botton, “a educação

secular jamais atingirá seu potencial antes que os professores de humanidades sejam enviados para treinamentos com pregadores pentecostais afro-americanos” (DE BOTTON, 2011, p.111).

Além do que foi colocado acima, o autor defende ainda que se deveria estar pronto para trocar alguns dos livros em brochuras, que se desintegram com rapidez, por volumes mais belos; para trocar a sala de aula tradicional por atividades que envolvam bebida, dança e canto – dando atenção não apenas à mente, mas também ao corpo e à psique:

A cultura está mais do que equipada para confrontar nossos dilemas sem precisar se apoiar em dogmas religiosos. Não há falta de informação sobre loucura, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, sentimentalidade ou esnobismo no cânone; todas as pistas de que precisamos podem ser encontradas em obras como as de Freud, Marx, Musil, Andrei Tarkovski, Kenzaburo Oe, Fernando Pessoa, Poussin ou Saul Bellow. O problema é que esse tesouro raras vezes é desossado de forma efetiva e servido a nós da maneira devida, isso por causa de preconceitos infundados contra o uso da cultura à serviço dos nossos sofrimentos. (DE BOTTON, 2011, p.133)

2.2.5 Ternura

O Capítulo 5 – Ternura – começa citando a devoção a Maria, no cristianismo, como lição de que apesar dos poderes adultos de raciocínio, das responsabilidades e do *status*, as necessidades da infância persistem em cada ser humano (DE BOTTON, 2011, p.140). Embora os sujeitos possam se apoiar em suas maturidades, De Botton expressa que eles nunca têm sucesso em se protegerem de eventos catastróficos que varrem suas capacidades de raciocinar, sua coragem e habilidade para colocar dramas em perspectiva e que os colocam em estado de desamparo primordial. Em tais momentos, parece ao autor que o homem contemporâneo quer ser de novo protegido, embalado e tranquilizado como na infância: Maria no cristianismo, Ísis no Antigo Egito, Deméter na Grécia, Vênus em Roma e Guan Yin na China, todas funcionariam como condutos de ternura primeva para os fiéis.

Já os ateus, no afã de atacar os crentes cujas fragilidades os levaram a abraçar o sobrenatural, acabam negando a própria fragilidade humana: “Ao rejeitar a superstição, deveríamos ter o cuidado de não ignorar os desejos menos respeitáveis que as religiões

conseguiram com tanto êxito identificar e resolver de modo tão digno”. (DE BOTTON, 2011, p.146)

2.2.6 Pessimismo

No Capítulo 6 – Pessimismo – De Botton sustenta a ideia de que uma das características dominantes do mundo moderno, e certamente seu maior defeito, é o otimismo (DE BOTTON, 2011, p.152). Sugere, então, que por isso talvez se devesse reverenciar Pascal, e a longa linha de pessimistas cristãos à qual ele pertence, por fazer o inestimável favor de enumerar pública e elegantemente as características do estado pecaminoso e lamentável do ser humano.

Para o autor, o mundo moderno parece acreditar o tempo todo na força do progresso, baseado em três grandes forças da mudança: a ciência, a tecnologia e os negócios. No entanto, para ele, nossa vida não está menos sujeita a acidentes, ambições frustradas, desilusões amorosas, inveja, ansiedade ou morte que a dos antepassados medievais.

Assim, mais uma vez, seria necessário voltar às religiões, pois elas, de modo sábio (sempre segundo o autor), insistiram em afirmar que as pessoas são criaturas inerentemente defeituosas: incapazes de felicidade duradoura, assaltadas por preocupantes desejos sexuais, obcecadas por *status*, vulneráveis a terríveis acidentes e sempre morrendo, devagar (DE BOTTON, 2011, p.159).

2.2.7 Perspectiva

O Capítulo 7 – Perspectiva – resgata Espinoza para propor o uso da imaginação em busca da prática da submissão da vontade dos homens às leis do universo. Isso não diferiria (para o filósofo) muito do conselho de Deus a Jó: “em vez de tentar corrigir as humilhações insistindo na nossa importância equivocada, deveríamos tentar aprender e apreciar nossa insignificância essencial”. (DE BOTTON, 2011, p.168)

O autor segue declarando que para aqueles que tomam Deus como morto, há o risco de assumirem o palco psicológico principal, imaginando-se senhores do próprio

destino e pisoteando a natureza, esquecendo os ritmos da terra, negando a morte e se esquivando de reconhecer tudo que escapa ao seu domínio.

A religião seria, nessa perspectiva, acima de tudo, um símbolo daquilo que ultrapassa o homem e uma educação sobre as vantagens de reconhecimento de sua insignificância. De modo similar, o autor alega que a ciência deveria ter importância não somente porque ajuda a controlar partes do mundo, mas por mostrar coisas que o homem jamais dominará.

2.2.8 Arte

A arte eclesiástica – Capítulo 8 – também é vista como algo de que os ateus abdicaram. Para De Botton, os museus de arte se transformaram nas novas igrejas, buscando celebrar ideais visuais seculares. A crítica do autor se dirige à dificuldade que os museus modernos carregam em fazer juz à importância da arte:

Insistem com veemência no valor da arte e assim mobilizam governos, doadores e visitantes. Depois, porém, recuam em um silêncio curioso e institucional a respeito de em que essa importância pode estar baseada. (DE BOTTON, 2011, p.178).

Para o autor, o homem moderno não sabe o que fazer nos museus. Certamente não é um lugar para os visitantes se ajoelharem diante de objetos outrora sagrados, chorarem e implorarem por orientação. Ser um “expert” em arte estaria associado a ter um grande conhecimento sobre onde uma obra foi feita, quem pagou por ela, de onde vieram os pais do artista e quais poderiam ter sido suas influências artísticas. Por outro lado, o autor defende que o cristianismo, em contraste, nunca nos deixa qualquer dúvida sobre para que serve a arte: é um meio para nos lembrar daquilo que importa.

O autor cita o filósofo Hegel que definia a arte como “a apresentação sensorial de ideias”. Seu negócio, indica ele, seria transmitir conceitos, exatamente como a linguagem comum, exceto pelo fato de que nos engaja por meio dos sentidos e da razão e tem uma eficácia única com seus duplos modos de discurso.

Depois de muitas considerações sobre a importância e as características da arte cristã, o autor propõe que seria interessante reescrever as agendas dos museus, de

forma que a arte pudesse servir às necessidades da psicologia com a mesma eficiência que, por séculos, tem atendido às da teologia:

Os curadores deveriam cooptar obras de arte para a tarefa de nos ajudar a viver: conquistar autoconhecimento, nos lembrar do perdão e do amor e permanecer sensíveis às dores sofridas por nossa perturbada espécie e ao planeta em grave perigo. Os museus devem ser mais do que lugares para a exibição de objetos lindos. (DE BOTTON, 2011, p.206).

2.2.9 Arquitetura

O penúltimo capítulo – Arquitetura – afirma que o mundo secular de hoje lamenta o fim dos grandes dias da arquitetura religiosa. Mais uma vez compartilha com o catolicismo a visão de que o ser humano sofre de elevada sensibilidade ao que está ao redor, que se nota, além da influência decorrente de tudo aquilo em que os olhos tocam. E em seguida sugere a construção de novos templos, dedicados à primavera, à delicadeza, à serenidade, à reflexão, ao perdão e ao autoconhecimento. O autor apresenta algumas ideias de temas possíveis para templos seculares, junto com algumas estratégias arquitetônicas para complementá-los: um templo à perspectiva, um templo à reflexão e um templo para o Genius Loci (espírito do lugar).

2.2.10 Instituições

Finalmente, o último capítulo trata das instituições de modo geral. Especificamente chama atenção a análise do autor sobre os livros e sua insuficiência perante as instituições. Para o filósofo, escrever livros pode não ser o suficiente se alguém pretende mudar as coisas. Na sua visão, os pensadores deveriam aprender a dominar o poder das instituições para que suas ideias tenham alguma chance de obter uma influência extensa no mundo. Assim, ele critica os intelectuais seculares por serem muito desconfiados com relação às instituições:

(...) o ideal do intelectual tem sido aquele de um espírito livre vivendo além dos limites de qualquer sistema, desdenhando do dinheiro, isolado das questões práticas e orgulhoso de ser incapaz de ler um balanço patrimonial. (DE BOTTON, 2011, p.234)

Conclui que talvez por isso a vida das pessoas hoje seja mais influenciada por profetas bíblicos que por pensadores seculares. A grande distinção da religião enquanto instituição é que esta possuiria poder coletivo comparável ao das grandes corporações, mas lida com as necessidades interiores que o mundo secular deixa para indivíduos desorganizados e vulneráveis.

O desafio do filósofo seria, por conseguinte, “criar – por meio de um estudo das instituições religiosas – entidades seculares que possam atender às necessidades do *self* interior com toda a força e a habilidade que as empresas hoje empregam para satisfazer as necessidades do *self* exterior” (DE BOTTON, 2011, p.235).

Alain de Botton faz aqui uma propaganda da sua instituição parceira, a TSOL, como local que atende às necessidades do *self* interior. Já vimos, no entanto, exaustivamente, que o que este tipo de filosofia faz é justamente afastar o *self* do seu interior e conduzi-lo sem pensar em uma trajetória de vida não-reflexiva, mas que conta com frases ilusoriamente reflexivas, bem-formuladas, *high*, aparentemente eruditas e profundas.

O autor cita duas lições das religiões como instituições: primeiramente as condições de agregar, de maneira adequada, dinheiro, inteligência e *status*. Outra característica útil das instituições religiosas seria a capacidade de unir os esforços de seus membros por meio de um vocabulário visual compartilhado. O autor brinca e afirma que, ao seu olhar, as corporações aprenderam *branding* com as práticas das religiões:

O McDonald's tem muito em comum com a Igreja Católica, que, de maneira semelhante, passou boa parte de sua história lutando para garantir regularidade de serviço em uma vasta e espalhada força de trabalho. (DE BOTTON, 2011, p.240)

O autor faz uma comparação divertida entre o fragmentado e altamente vulnerável campo da psicoterapia e o desanuviado ritual da fé católica, mostrando que neste último há muito mais preocupação com *branding* e qualidade do que no primeiro, onde vale tudo em termos de ambiente e de práticas. (DE BOTTON, 2011, p.243):

Uma vez que somos criaturas com corpos – animais sensíveis e também seres racionais -, só podemos ser influenciados de maneira duradoura por conceitos quando eles vêm a nós por meio de uma variedade de canais. De uma forma que as religiões parecem ser as únicas a compreenderem devidamente, não podemos ser marcados por ideias a

menos que, além de serem transmitidas por livros, palestras e jornais, também repercutam no que vestimos, comemos, cantamos e usamos para decorar nossas casas e tomar banho. (DE BOTTON, 2011, p.247)

As atividades de empresas e religiões, continua o autor, poderiam ser descritas como formas de “commoditização” – processo pelo qual bens desordenadamente disponíveis e indistintos são transformados em entidades nomeadas, reconhecíveis, bem-equipadas e com boa apresentação:

O mundo secular, romântico, vê na commoditização apenas perda de diversidade, qualidade e espontaneidade. (...) Mas aqueles de nós que não têm religião nem crenças sobrenaturais ainda precisam de encontros regulares e ritualizados com conceitos como amizade, comunidade, gratidão e transcendência. Não podemos depender de nossa vontade de chegar a eles sozinhos. Precisamos de instituições que nos lembrem de que precisamos deles e que os apresentem em embalagens atraentes – assegurando, assim, o fortalecimento dos lados mais esquecidos e não autoconscientes de nossa alma (DE BOTTON, 2011, p.251).

Em seguida o autor lembra Augusto Comte e apresenta em detalhes o grande esforço dele em criar uma espécie de religião para ateus, ou uma Religião para a Humanidade, um credo original ajustado às demandas emocionais e intelectuais específicas do mundo moderno. Afirma que a capacidade de Comte de simpatizar com as ambições das religiões tradicionais, de estudar seus métodos e adaptá-los às necessidades do mundo moderno refletiu um nível de criatividade, tolerância e inventividade que poucos críticos posteriores de religião foram capazes de atingir.

Na proposta de ser a mistura de Augusto Comte e Steve Jobs do mundo contemporâneo, o autor “reconhece” a dificuldade que um trabalho como seu livro tem para causar impacto na sociedade, principalmente pelo fato de representar uma novidade, pois quando se trata de práticas sociais somos profundamente devotados a ficar com aquilo que conhecemos. Assim, sugere que o seu insucesso se deveria apenas ao fato de sermos muito resistentes a inovações que são propostas pelo pensamento de uma única pessoa.

O autor propõe, em suma, identificar algumas das lições que, em sua visão, podem ser extraídas das religiões como: gerar sentimentos de comunidade, promover a delicadeza, cancelar a atual tendência a veicular apenas valores comerciais na publicidade, selecionar e fazer uso de santos seculares, repensar as estratégias das

universidades e nossa abordagem com relação à educação cultural, redesenhar hotéis e spas, reconhecer nossas necessidades infantis, abdicar de boa parte do nosso otimismo contraproducente, adquirir perspectivas por meio do sublime e do transcendente, reorganizar museus, utilizar a arquitetura para preservar valores – e, finalmente, unir os esforços dispersos dos indivíduos interessados na proteção da alma e organizá-los sob o patrocínio de instituições. (DE BOTTON, 2011, p.261).

As religiões, para DE BOTTON, são intermitentemente úteis, eficazes e inteligentes demais para ser deixadas somente para os religiosos.

As três principais linhas teóricas apontadas no primeiro capítulo desta tese, evidentemente, encontram no livro *Religião para ateus* um objeto de sua aplicação, já que oferece saídas fáceis para a crise da reflexividade desenfreada no mundo contemporâneo, formas de reencaixe expressas no resgate das tradições (aspectos hermenêuticos e identificadores), fazendo-o finalmente de forma divertida, simples e acessível, mas supostamente erudita e diferenciada como um produto da cultura *high-pop*.

2.3 Filosofia e consolações

Modelar-se a si mesmo é o trabalho a que todos somos obrigados, e com diligência aprovamos a prescrição de continuamente nos reinventarmos a nós mesmos e administrar nossas identidades intrincadas.

Johnatan Crary

A tragédia do espírito moderno consiste em que ele resolveu o enigma do universo, apenas para substituí-lo com o enigma de si mesmo.

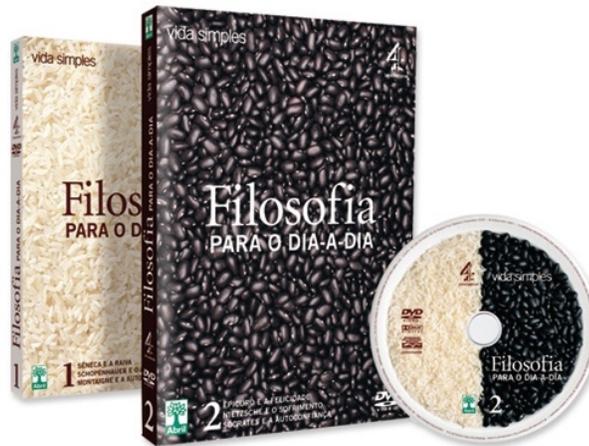
Alexandre Koyre

O segundo livro de De Botton mais pertinente para a análise aqui proposta é *As consolações da filosofia* (2001). Nele, evidencia-se outra forma de responder ao sujeito moderno em crise. De fato, dentre os produtos da Escola da Vida e de Alain de Botton, o referido livro é o que mais se aproxima da literatura de autoajuda.

Como vimos, está estruturado em seis capítulos/consolações (ou consolos): consolação para a falta de popularidade, consolação para não ter dinheiro suficiente, consolação para a frustração, consolação para a inadequação, consolação para o coração partido e, por último, consolação para as dificuldades. Cada um destes capítulos apresenta um filósofo: para os problemas de popularidade, Sócrates; para consolar aqueles sem muito dinheiro, Epicuro; já os que se sentem frustrados e raivosos devem consultar Sêneca; os inadequados devem se consolar com a filosofia de Montaigne; os que sofreram com a perda de um grande amor devem buscar consolação em Schopenhauer; e, finalmente, aqueles que têm dificuldades na vida devem se inspirar em Nietzsche.

Em 2000, a obra foi transformada em série televisiva, produzida pela A Diverse Production e exibida pela Channel Four Television Corporation, na Inglaterra, com o nome de *Philosophy: a guide to happiness*. A série, por sua vez, foi transformada em

DVD, vendido no Brasil pela Revista Vida Simples³⁸ com o nome de *Filosofia para o dia a dia* (2007). As fotos das capas dos dois volumes procuram estabelecer uma relação entre a filosofia e a vida diária, usando imagens de arroz e feijão para ilustrar as coisas simples do cotidiano:



39

No DVD, as seis consolações estão presentes em seis diferentes episódios.

2.3.1 Sócrates: consolo para a falta de confiança

O primeiro episódio do DVD é chamado de “Sócrates e a autoconfiança”, e começa com Alain de Botton dirigindo uma lambreta em Atenas enquanto pergunta se a antiga civilização grega teria algo a dizer às pessoas hoje em dia. Ele conclui que é possível captar algumas lições deixadas pelos filósofos antigos, especialmente se lembrarmos de Sócrates. O primeiro episódio procura mostrar que, de acordo com o pensamento de Sócrates, pensar logicamente sobre nossas vidas pode nos ajudar a ter mais segurança sobre nós mesmos. A filosofia poderia, na visão transmitida no episódio, nos libertar.

Alain de Botton salienta dois fatos sobre Sócrates. Em primeiro lugar, afirma que o filósofo era o mais famoso de sua época; e que isso poderia ser comprovado por ter

³⁸ Disponível em: <<http://vidasimples.uol.com.br>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

³⁹ Fonte: Portfólio de Priscilla Santos, disponível em: <<http://portfolioprisillasantos.wordpress.com/2010/01/26/dvds-vida-simples/>>. Acesso em: 25 ago 2012.

sido o único filósofo transformado em imã de geladeira. A imagem que vemos é a de uma lojinha que vende imãs com o rosto de Sócrates.

O segundo fato apresentado como notável sobre Sócrates é sua feiúra. De Botton comenta como isso era motivo de fofoca na época em que o filósofo viveu.

Assim, o início do episódio privilegia assuntos que não estão relacionados ao pensamento do filósofo. Procura-se chamar a atenção do espectador não pela filosofia, nesse primeiro momento, mas pela curiosidade acerca de detalhes não muito significativos da vida do pensador.

Na sequência, observa-se um rebanho de ovelhas e Alain nos pergunta – em tentativa de crítica – por que razão seguimos opiniões e comportamentos dos outros ao invés de criarmos nossas próprias opiniões e comportamentos. Segundo De Botton, o primeiro consolo de Sócrates estaria relacionado ao modo como seu pensamento poderia inspirar as pessoas a desenvolver uma certa confiança nas suas próprias ideias e não se prenderem às dos outros. Para o narrador, uma das lições que Sócrates teria nos deixado é a de ser capaz de sair do rebanho.

E assim, o apresentador se pergunta: Por que seguimos os outros? E a resposta, segundo a interpretação rasa que De Botton faz de Sócrates, é porque achamos que os outros sabem das coisas, principalmente se são pessoas importantes.

O que se segue é a apresentação de um “case” para elucidar o pensamento de Sócrates. O vídeo nos mostra um gerente financeiro de uma grande empresa, que foi convidado a dar um depoimento sobre como a vida dele na empresa foi prejudicada por defender uma ideia diferente da opinião da maioria.

Em seguida, De Botton procura mostrar que, se questionamos pessoas que têm muita certeza sobre suas opiniões, veremos que, frequentemente, elas não têm fundamento. Para isso o apresentador aparece fazendo perguntas para as pessoas que andam nas ruas de Atenas, como “O que é a democracia?”.

Seu intuito aqui parece ser tornar as pessoas desconfortáveis com seus valores e suas dificuldades em elaborar respostas. Assim, ele conclui que as opiniões dos outros

não são sempre fundamentadas e que saber disso pode inclusive nos ajudar a superar nossa timidez e nosso conformismo.

Para De Botton, Sócrates nos consolaria ao ensinar a filosofar, já que a filosofia seria um convite à inteligência e ao não conformismo. A filosofia poderia, na visão do narrador, ajudar-nos a ter confiança para criticar ideologias, tradições e desenvolver crenças próprias, saindo do rebanho. No entanto, o que fica claro é que De Botton não aborda o pensamento do autor, apenas elementos curiosos sobre sua vida e, no máximo, um resumo grotesco do pensamento de Sócrates. Ou seja, mesmo que a filosofia pudesse nos ajudar, não há filosofia nos vídeos.

De Botton compara, por fim, a prática da filosofia à prática da cerâmica. Da mesma forma que o ceramista, o filósofo teria que seguir um método e assim conseguiria atingir seus objetivos. Ou seja, para o autor, a fundamentação de opiniões tem certas regras que todos seriam capazes de seguir; da mesma forma que todos poderiam aprender a fazer cerâmica. Ou seja, seríamos todos possíveis filósofos.

Há aqui uma banalização exagerada da filosofia que parece ser, na visão do autor, algo do dia a dia, algo como arroz e feijão. Algo que não depende de leitura e nem de um mínimo embasamento teórico.

Ao final do episódio acompanhamos uma dramática narração do evento da morte de Sócrates, focada nos efeitos da cicuta e como ela age no organismo até chegar à morte. Para Botton, Sócrates teria morrido por defender suas crenças, e não a opinião da maioria. Simples assim, como a Revista Vida Simples. E quem é que precisaria de filosofia se a vida fosse tão simples assim?

2.3.2 Epicuro: consolo para a falta de dinheiro

Neste episódio, De Botton busca reunir, para uma reflexão acerca da felicidade, exemplos cotidianos, traduzidos na forma de entrevistas com pessoas comuns, e exemplos vindos do mundo da publicidade.

Começa contando a história de Epicuro, para quem – obviamente (e talvez tão somente) na visão do apresentador – a felicidade seria algo simples de ser conquistado,

pois seria construída a partir da junção de três elementos: amizade, liberdade e tempo para refletir. De Botton argumenta que essa seria uma das grandes consolações do pensamento de Epicuro: não seria preciso dinheiro para ser feliz. Muito embora Epicuro não tenha falado em dinheiro em sua obra, De Botton se apropria do pensamento do filósofo para dar lições sobre a necessidade ou não do dinheiro na sociedade de consumo em que vivemos. Justamente De Botton, que vende filosofia em DVDs que custam aproximadamente 30 reais cada (ou seja, 60 reais no total para o DVD arroz e o DVD feijão).

Aos poucos, o filósofo *high-pop* procura mostrar que a publicidade hoje tenta lucrar com anúncios de diversos produtos caros e desejados, mas que, ao final, o apelo sedutor dos produtos sempre recai no oferecimento dos ingredientes da felicidade que Epicuro já havia identificado muito anteriormente. Para De Botton, o que faz os homens felizes hoje seria o mesmo que fazia os homens felizes na época de Epicuro. Essa relação é feita sem a menor preocupação em apontar diferenças entre contextos sociais do mundo contemporâneo e da época em que Epicuro viveu.

Para Alain de Botton, hoje, mais do que nunca, seríamos iludidos pelas propagandas e levados a acreditar que o que nos fará felizes é o produto, e não os elementos apontados por Epicuro, o que seria correto. Neste episódio, De Botton nos convida a voltar a olhar para os ditos valores epicuristas para sermos mais felizes.

Para o filósofo pop, as pessoas sempre buscaram a filosofia como algo que poderia ajudar na felicidade, mas poucos filósofos falaram sobre o assunto. Segundo ele, Epicuro acreditava que todos pudessem encontrar o caminho para a felicidade. O problema seria procurarmos nos lugares errados, ou seja, no mundo do consumo. De Botton afirma: “a filosofia pode ajudar mais e melhor do que um cartão de crédito”. Precisaríamos, segundo ele, sair da vida do consumo para sermos realmente felizes.

Enquanto rascunha um gráfico, o apresentador afirma que poderíamos ser felizes mesmo sem dinheiro, se procurarmos os três elementos de felicidade apontados por Epicuro. No entanto, se não tivermos os três elementos, mas apenas dinheiro, nunca seremos felizes. A culpa de não sermos felizes seria da propaganda, que associa os três elementos que realmente trazem felicidade, com produtos. Na visão do autor, as pessoas

são confusas com relação ao que querem porque a publicidade nos desorienta oferecendo produtos e serviços no lugar do que realmente precisaríamos.

O episódio continua com uma visita a uma comunidade Epicurista em Oenoanda. De Botton entrevista um especialista e comenta sobre um famoso seguidor de Epicuro, Diógenes de Oenoanda, que teria escrito um mural dizendo às pessoas que o consumo não traria felicidade. Ambos vasculham as ruínas do mural e De Botton aventa a possibilidade de fazer o mesmo hoje, criando um *outdoor* a ser exibido em um grande Shopping Center. Assim, para a realização do projeto, De Botton procura uma agência de publicidade e participa de um processo de criação que culmina na criação e na exposição do cartaz abaixo:



O filósofo pop, feliz com sua criação, classifica-a como um “lembrete moderno de como podemos viver sabiamente” nos moldes do que Diógenes de Oenoanda teria ensinado.

De Botton faz uma crítica absolutamente mal-fundamentada do consumo: não entende a lógica da cultura do consumo, tampouco entende o consumo como algo complexo e mediador do sentido que construímos para a vida em sociedade. Não

⁴⁰ Fonte: Blog Cultura do Controle, disponível em: <http://culturadocontrole.blogspot.com.br/2010/07/felicidade-versus-consumo.html>>. Acesso em: 25 ago 2012.

percebe o consumo como base para construção e manutenção das relações sociais e da própria sociedade. Nas palavras de Don Slater:

O estudo da cultura do consumo certamente já ultrapassou esse estágio. A cultura do consumo não é uma monstruosidade que vai demolir todas as culturas locais; tampouco é o “final feliz” da história em que todas as diferenças ideológicas e culturais serão resolvidas numa utopia da escolha individual. O que é muito mais interessante de estudar é como os processos, objetos e ideologias consumistas podem atuar como mediações, áreas de trabalho cultural através dos quais as pessoas procuram entender e controlar sua vida num mundo “moderno” e cada vez mais globalizado. Carros, roupas e aparelhos eletrônicos de consumo certamente são os produtos de empresas multinacionais colossais; mas, ao mesmo tempo, ao fazer uso dessas mercadorias, os consumidores *têm* de dar sentido a elas em termos de suas próprias vidas e culturas. (SLATER, 2002, p.8)

Parece que, para De Botton, a felicidade só poderia ser alcançada na medida do abandono do que ele entende por consumo. Talvez uma confusão ligada ao senso comum – simples como arroz e feijão – perpassasse o entendimento que o autor tem do consumo, mas não se pode confundir consumismo com consumo. Obviamente não se compra felicidade ao se comprar uma casa. Da mesma maneira, entretanto, não se ganha felicidade ao se abdicar de uma casa. O autor “chove no molhado” e não complexifica a percepção de que a casa é o locus mediador das nossas práticas de consumo que não são felizes ou infelizes, mas sempre felizes e infelizes ao mesmo tempo, como a própria complexidade da vida sugere, em uma lógica não binária e não simplista dos sentimentos.

2.3.3 Sêneca: consolo para as frustrações e a raiva

Seguindo a proposta dos outros episódios, este também propõe buscar na filosofia um caminho para aprender a ser feliz. O tema aqui é a raiva, vista como um dos problemas que a filosofia pode ajudar a resolver. De Botton apresenta Sêneca como um filósofo que poderia contribuir para acalmar as pessoas, pois teria escrito livros que buscavam dar conselhos práticos para certos tipos de pessoas.

Neste episódio, um dos entrevistados é o motorista de uma empresa de *delivery* em Roma. Ao ser questionado sobre como controla sua raiva no trânsito, o motorista responde que não há nada a fazer para controlar. De Botton consola: para Sêneca, a

raiva é um problema filosófico que pode ser resolvido com o auxílio do pensamento filosófico, já que, na sua visão, as pessoas ficariam com raiva por serem muito otimistas. A saída seria tentar ser filosoficamente mais pessimista. O autor, no entanto, não explica o que quer dizer com tal afirmação.

Em seguida, visualizamos uma comparação metafórica. Enquanto De Botton anda em círculos de bicicleta com um cachorro amarrado ao guidão, diz que deveríamos ser como o cachorro. Que deveríamos olhar para o que está ao nosso redor e enxergar a vida dentro dos limites reais de possibilidade e necessidade. Para De Botton, a frustração e a raiva surgem das altas expectativas que criamos para nós mesmos.

Disso pode-se subentender que não seríamos frustrados e não desenvolveríamos sentimentos de raiva se tivéssemos baixas expectativas. Não se leva em consideração, em absolutamente momento algum do vídeo (nem do livro), o contexto sociocultural e/ou as questões sociais. Na mesma lógica do que aponta Castellano em seu trabalho sobre autoajuda, os problemas do indivíduo são vistos como decorrentes de sua própria visão de mundo e de sua forma de encarar os problemas:

Dessa forma, podemos perceber uma característica bastante presente na literatura de autoajuda: a afirmação de que todos os problemas, mesmo os que são socialmente partilhados, podem (e devem) ser resolvidos a partir de decisões/ações individuais. No caso do livro analisado neste artigo, tal atitude passa pelo uso das emoções e pelo acionamento de um arsenal oriundo do que caracterizamos na introdução como cultura terapêutica, o que está inserido em uma lógica mais ampla, e politicamente problemática, de atribuição de responsabilidades a respeito do sucesso e do fracasso dos sujeitos contemporâneos (CASTELLANO, 2015, p.14)

A segunda pessoa entrevistada é uma editora que vive frustrada, pois sempre se atrasa para o trabalho e não termina seus trabalhos dentro dos prazos. De Botton propõe um mini *reality show* à entrevistada. Ela deverá gravar depoimentos sobre a semana com base na ideia filosófica supostamente extraída do pensamento de Sêneca de ser mais pessimista. O episódio reproduz esse mini *reality show*. A conclusão do vídeo é a de que o famoso jargão “tudo vai dar certo” deve realmente ser pensado de forma oposta, pois assim seremos mais felizes.

Ou seja, o sucesso individual, uma vida não frustrada e bem-sucedida seria atribuída exclusivamente à atitude do indivíduo com relação à sua própria vida. Usando

um exemplo do próprio vídeo, sugere-se que se a entrevistada pensar que irá perder o ônibus para o trabalho, ela não ficará tão frustrada ao perdê-lo. Ou, no caso do ônibus para o trabalho não atrasar, a entrevistada ficaria satisfeita e feliz ao pegar o ônibus no horário certo: tudo dependeria do seu pensamento.

De Botton parece acreditar que faz filosofia e que esse tipo de filosofia é diferente da de inúmeros livros de autoajuda. No entanto, o que podemos perceber aqui é um raciocínio muito similar ao de livros *best-sellers* de autoajuda como *O segredo*, citado por Castellano:

No início do século XX, a crença no poder da personalidade moldável ganhou destaque no que, a partir daquele momento, desenhava-se como o gênero da autoajuda, principalmente através do movimento que ficou conhecido como Novo Pensamento (New Thought). Surgida nos Estados Unidos em 1890, porém fortemente disseminada no país a partir de 1915, tal corrente preconizava a força do pensamento positivo, da mente como geradora de possibilidades infinitas, através da Lei da Atração – que voltaria à moda no início do século XXI com o best-seller *O Segredo* – e de práticas sincréticas que misturavam elementos das religiões orientais, do cristianismo, do esoterismo, da psicologia e da filosofia (CASTELLANO, 2015, p.1-2).

De Botton conclui o episódio tentando mostrar que nunca estamos imunes à fortuna. As forças da natureza seriam um exemplo disso. No entanto, não deveríamos, segundo o autor, reagir de modo não filosófico à fortuna, cultivando sentimentos como a raiva e a frustração (raiva e frustração seriam, nessa visão, sentimentos de quem não pensa filosoficamente?). Deveríamos, ao contrário, estar psicológica e filosoficamente preparados para a fortuna. Isso, para o autor, parece significar simplesmente ser pessimista (na interpretação mais superficial que o termo possa sugerir).

2.3.4 Montaigne: consolo para a baixa autoestima

O episódio sobre Montaigne se inicia com imagens de uma festa de graduação da Universidade de Cambridge. De Botton comenta que a graduação é um momento marcante, mas que ao mesmo tempo nos coloca diante de uma nova fase da vida, em que o sentimento de falta de autoestima, depressão e inadequação crescem. Os sentimentos de inadequação ao mundo são, seguindo o pensamento de Montaigne, três principais: a inadequação com relação ao corpo, a inadequação com relação ao

juízo dos outros (especialmente o de desaprovação) e a inadequação intelectual. O episódio busca consolar as três inadequações.

Para consolar a inadequação corporal, De Botton nos apresenta o pensamento de Montaigne a partir de seu livro *Essays*, enfatizando o capítulo que trata sobre o pênis, tipo de assunto que, segundo ele, não é normalmente abordado nos livros de filosofia.

Para De Botton, alguns consolos que podemos ter com relação ao nosso sentimento de inadequação corporal vem do fato de que desprezamos quem somos ao sermos muito razoáveis com nós mesmos e desenvolvemos uma vergonha de falar sobre nossos próprios corpos, não aceitando que somos animais.⁴¹

Para a segunda inadequação, a relacionada ao juízo dos outros, De Botton faz um experimento. Visita um *pub* e oferece comidas “exóticas” para os frequentadores do local, ao mesmo tempo em que começa um novo debate sobre o que é normal e anormal e sobre como as pessoas se comportam com relação àqueles que não compartilham seus costumes. A solução para a inadequação seria, neste caso, viajar e perceber que a normalidade e a adequação são questões relativas, que poderíamos ser normais em outras culturas. Enquanto isso, vemos um desfile de personagens de vários países do mundo vestidos de forma típica.

Para a última inadequação, a intelectual, De Botton coloca que as pessoas podem ser inteligentes sem nunca terem ido a universidades: as pessoas precisam de humildade, modéstia e aceitação de suas próprias limitações. O episódio nos mostra alunos de Cambridge fazendo uma prova sobre questões de sabedoria e não conhecimento. Concluimos: é possível ter muito conhecimento e não ser sábio, e é possível ser sábio e não ter conhecimento. Assim, De Botton afirma, supostamente a partir do pensamento de Montaigne, que devemos perceber que a vida acadêmica não é necessariamente fonte de sabedoria. E conclui: a vida mais feliz é aquela que é vivida sem pensar (*sic!*).

⁴¹ Neste momento, observa-se a cena de um porco urinando e outro bebendo a urina.

Aqui, então, faz um elogio à vida fútil, à vida vivida sem pensar. Da vida que aniquila qualquer entendimento e questionamento do que inclusive é ser feliz, da vida que aniquila a possibilidade de filosofar:

O movimento geral que substituiu a Crítica pela promoção comercial não deixou de afetar a filosofia. O simulacro, a simulação de um pacote de macarrão tornou-se o verdadeiro conceito, e o apresentador-expositor do produto, mercadoria ou obra de arte, tornou-se o filósofo, o personagem conceitual ou o artista (DELEUZE & GUATARRI, 1992, p.17)

O filósofo pop é aquele que deixou o movimento da promoção comercial afetar a filosofia. Mais que isso: não apenas deixou, mas se apropria dessa afetação para oferecer a filosofia enquanto mercadoria ou produto que substitui a própria felicidade ao oferecer uma promessa impossível de felicidade com base em um ilusório autoconhecimento.

Alain de De Botton substituiu o filósofo da mesma forma que o simulacro de um pacote de macarrão torna-se o verdadeiro conceito. O apresentador do programa “Consolações da filosofia” tornou-se o filósofo.

2.3.5 Schopenhauer: consolações para as desilusões amorosas

A filosofia silencia sobre o amor. É com essa constatação que se inicia o penúltimo episódio da série *Philosophy: a guide to happiness*. De Botton questiona: se o amor é parte tão importante da nossa vida, deveria ter sido levado mais a sério pelos filósofos. E, para o apresentador, Schopenhauer foi um dos poucos que acreditavam ser o amor algo sobre o qual certamente devêssemos apoiar nossa vida. A consolação sugerida no episódio é que ele não achava, entretanto, que felicidade teria a ver com isso (amor).

De Botton logo nos apresenta sua primeira entrevistada deste episódio, uma moça que acabou de terminar um relacionamento e compartilha, na frente das câmeras, a leitura da carta em que o namorado rompe a relação. Para o apresentador, Schopenhauer era o médico do amor, da filosofia e sugere que ele poderia ajudar e consolar pessoas desiludidas em seus relacionamentos amorosos, como a entrevistada. Assim, segue nos falando dos amores de Schopenhauer.

Seguindo com a apresentação do pensamento do “Doutor Amor” da filosofia, De Botton diz que para Schopenhauer o amor tem a ver, primordialmente, com a sobrevivência da espécie. Tem a ver com o desejo de preservação da vida, com o fato de que somos escravos da sobrevivência e da continuidade da vida, com o desejo cego e biológico de se reproduzir. Mas não teria a ver com a felicidade.

Acompanhamos a visita de De Botton a um *pub*, onde ele passa a perguntar para as pessoas se elas foram até lá para propagar a espécie. O episódio também apresenta várias imagens que, imitando o mundo das HQs, sugerem diálogos românticos a partir de balões de frases apaixonadas e imagens de casais apaixonados. Continua sua argumentação ao sugerir (em uma interpretação do pensamento de Schopenhauer) que o desejo de reproduzir não é consciente, e por isso somos impactados com tantas imagens que estabelecem uma relação direta entre amor e felicidade. Mas, para ele, nos apaixonamos pelas pessoas simplesmente em decorrência de um desejo inconsciente de procriação. Segundo De Botton, Schopenhauer afirmava que os opostos se atraem para que haja uma compensação biológica na procriação.

Não se leva em conta no argumento do autor qualquer diferença entre animais irracionais e animais racionais. Na visão – novamente e continuamente – simplista de De Botton, parece que os homens não são dotados de subjetividade.

Segundo De Botton, o pensamento de Schopenhauer pode soar estranho hoje, mas deve-se contextualizá-lo. Ele viveu antes de Darwin e Freud. Dessa forma, poderia nos ensinar, mesmo com certa estranheza, que ser feliz e ter uma relação amorosa são coisas diferentes e que tentar juntar as duas coisas é tarefa impossível: ou vence a procriação ou vence o desejo do indivíduo.

Ou seja, nessa visão, seria melhor não unir desejo de procriação com amor.

Espantosamente, parece que o que De Botton estaria propondo que seria uma nova forma de viver em sociedade em que amaríamos uns e procriaríamos com outros.

A seguir, as consolações são resumidas pelo apresentador:

Schopenhauer diz que não temos escolha senão nos apaixonarmos: a biologia é mais forte que a razão. Não somos infelizes por acidente. Somos como todas as outras criaturas. Temos que nos dedicar à

reprodução sem achar que temos que ser felizes, mas sim porque temos um dever com a propagação da espécie. Ainda: quando alguém nos dá o fora temos que nos consolar ao estarmos cientes de que não levamos o fora exatamente por ser quem somos, mas porque a procriação pode ser melhor com outra pessoa. A natureza é mais forte. Não é o eu psicológico, mas o eu biológico que leva as pessoas a darem o fora. Há uma consolação em ser consciente das forças trágicas da natureza. (DVD *Filosofia para o dia a dia*, 2007)

Para finalizar o episódio, acompanhamos cenas de um casamento. De Botton nos impacta novamente. Sugere que embora a maior parte das pessoas veja o casamento como um momento de felicidade, Schopenhauer nos diria exatamente o contrário: que a felicidade não é o que está em jogo. Por fim, De Botton convida sua entrevistada desiludida para jantar.

2.3.6 Nietzsche: consolação para as dificuldades da vida

O episódio começa com uma “reflexão” do filósofo *high-pop*: todos temos momentos difíceis, e a maioria dos filósofos querem nos ajudar a fazer a dor passar. Mas, segue seu argumento, haveria um filósofo que apresenta um pensamento diferente: Nietzsche.

Para De Botton, o que Nietzsche poderia ensinar é que para encontrarmos a felicidade deveríamos passar pela dor e pelo sofrimento.

Alain de Botton aparece escalando uma das montanhas preferidas de Nietzsche e garante: é do topo que temos as melhores vistas, mas o topo é também o lugar aonde temos mais trabalho e dor para chegar. Seguindo sua análise, Nietzsche teria ensinado que para tudo que valha a pena, teríamos que passar, na vida, por um esforço extraordinário.

Neste momento, uma breve apresentação da vida de Nietzsche se inicia, e De Botton comenta sobre suas doenças e dificuldades,⁴² ao mesmo tempo em que alguns

⁴² Cabe lembrar que um outro filósofo *high-pop* também usou a vida de Nietzsche como inspiração para a autoajuda. Em seu livro *Quando Nietzsche Chorou*, Irvin D. Yalom faz uma tentativa de mostrar como a vida do filósofo poderia ajudar a transformar a vida de uma pessoa em crise.

supostos pensamentos de Nietzsche são expostos, como, por exemplo, o de que a filosofia seria como viver voluntariamente em montanhas geladas e altas.

Segue-se a apresentação de um caso explicativo sobre o pensamento do último filósofo do DVD. Uma bailarina é apresentada como metáfora para o fato de que o sucesso vem de muito esforço e de que a dor é parte integrante deste sucesso: sentiríamos dor por conta da distância entre quem somos e quem queremos ser. O desafio que Nietzsche nos apresentaria, seguindo a perspectiva de Botton, seria o de responder bem ao sofrimento, como faria, por exemplo, a bailarina ao criar algo belo a partir da dor.

A narração continua: as pessoas poderiam tirar vantagem de suas falhas, mas vivem em uma cultura em que a perfeição impera. De Botton fala sobre as vantagens das falhas, mas aponta que o consolo não seria apenas o reconhecimento da importância das falhas, mas aprender a lidar bem com elas, como os jardineiros fazem ao construir algo belo a partir de algo feio.

De Botton argumenta que para termos felicidade na vida temos que viver em perigo e relembra clichês: “life is a risky business”, “no pain no gain”.

Duas últimas aproximações com o dia a dia são apresentadas para fechar o DVD arroz com feijão, quando o autor discorre sobre beber e rezar. De Botton sugere que para Nietzsche beber seria algo condenável, não uma consolação. Beber seria escapar da realidade. A felicidade viria da coragem em encarar o sofrimento. Segundo ele, Nietzsche afirma também que a religião, como a bebida, faz-nos sentir bem, mas, a longo prazo, afasta a dor e conseqüentemente a energia para superar os problemas e chegar à verdadeira felicidade.

Beber e rezar seriam, assim, impeditivos na busca da felicidade do homem moderno. O consolo de Nietzsche seria algo como “sofra para não sofrer”. Daí seguem os supostos consolos que De Botton fisgou em sua leitura de Nietzsche, rapidamente resumidas em uma última frase atribuída à Nietzsche e narrada pelo apresentador: “o que não nos mata nos deixa mais fortes”.

A filosofia apresentada por De Botton está mais ligada a como não filosofar. Filosofia sobre o não pensar. Filosofia em frases de consolo fáceis para o *self-made self*

que escolheu a saída mais fácil, porém, aparentemente requintada, para seus dilemas: autoajuda embalada como filosofia.

2.4 Os filósofos descem à terra e chegam às prateleiras

A ideia de que as estrelas, quando lidas corretamente, oferecem conselhos funciona de modo a mitigar o mesmo medo da inexorabilidade dos processos sociais produzido pelo próprio observador das estrelas.

Theodor Adorno

Em seu livro *As estrelas descem à terra* (2008), Theodor Adorno resgata o conceito de *homespun philosopher* para a análise da figura do astrólogo colunista de jornal. O filósofo caseiro seria aquele que se aproxima da psicologia popular, mundana, muito diferente da psicologia perita.

Nesse texto, Adorno faz uma análise do conteúdo das previsões astrológicas do *Los Angeles Times*, datadas de novembro de 1952 até fevereiro de 1953. Alguns pontos de contato entre a análise que Adorno faz e a que está sendo proposta aqui podem contribuir para “pensar mais sobre Alain de Botton”. Sem dúvida, há diferenças muito consistentes entre os dois objetos – o apresentado por Adorno e o aqui trabalhado – já que a filosofia subjacente à astrologia é de um tipo de sobrenaturalismo naturalista (ADORNO, 2008, p.45). Apesar das diferenças, como o próprio autor aproxima a astrologia de certas vertentes da psicologia popular e da filosofia caseira, a busca dos pontos de contato parece proveitosa.

Adorno parte da ideia de que haveria um crescimento de certos movimentos de massa com apelo a elementos irracionais misturados com elementos de uma pseudo-racionalidade, tendo como objeto de estudo o que ele chama de “superstição secundária” (COOLEY apud ADORNO, 2008, p.32). O caráter secundário dessa crença se deve ao fato de que o sujeito que consome astrologia não compartilha a experiência ativa do encontro com o “oculto” (caráter primário), mas apenas recebe os resultados de forma passiva, sem acesso ao que os originou.

Seguindo esse argumento, poder-se-ia pensar a filosofia de Alain de Botton como “secundária”. Da mesma forma que o indivíduo leitor de astrologia não participa de

uma experiência primária com o oculto, mas sempre mediada por revistas e jornais, o mesmo pode-se afirmar da filosofia de De Botton. Há uma alienação dos leitores de Alain de Botton com relação à experiência de leitura de filosofia: os leitores não leem os filósofos, não acompanham o pensamento que origina as respostas trazidas por De Botton, mas consomem as respostas da filosofia como algo certo, porque existe, “sem muita reflexão, bastando, unicamente, que as exigências psicológicas do indivíduo correspondam de algum modo àquilo que é oferecido” (ADORNO, 2008, p.33).

Da mesma forma como ocorre no sistema astrológico, a filosofia de Alain de Botton é também excluída do controle crítico do indivíduo e oferecida de maneira autoritária. As dicas que o filósofo *high-pop* dá não levam o leitor ao pensamento e à indagação acerca da realidade e de sua vida, mas a fórmulas imperativas de como viver bem ou solucionar problemas.

Há, além disso, como Adorno também notou em seu texto, algo de pseudo-racional na leitura de astrologia – uma mistura de elementos racionais com elementos irracionais. Os leitores parecem desejar uma aceitação cega advinda de uma insatisfação inconsciente, mas ao mesmo tempo alguma racionalidade, já que procuram respostas para problemas práticos da vida cotidiana. Adorno observa que as colunas de astrologia tentam satisfazer pessoas que acham que há outras pessoas “capazes de um conhecimento sobre elas e sobre o que deveriam fazer que nunca poderiam alcançar sozinhas” (ADORNO, 2008, p.37).

É provavelmente essa a ambição de De Botton: conhecer o que as pessoas não conhecem, e não podem acessar sozinhas, e oferecer filosofia para a vida cotidiana.

Outro ponto de contato pertinente para a análise aqui proposta é a ideia de semierudição. O sujeito semierudito tem uma vontade de entender para além do senso comum, mas ao mesmo tempo não consegue compreender a filosofia sem o intermédio de um mediador, que aqui se expressa na figura de De Botton:

O semi-erudito tem uma vontade vaga de entender, e também é levado pelo desejo narcísico de se mostrar superior às pessoas simples, mas não está em uma posição tal que lhe permita empreender operações intelectuais complicadas e distanciadas (ADORNO, 2008, p.51).

Ou ainda:

Para ele (o semi-erudito), a astrologia – da mesma forma que outras crenças irracionais, como o racismo – oferece um atalho, reduzindo o que é complexo a uma fórmula prática, e oferecendo, simultaneamente, uma agradável gratificação: o indivíduo que se sente excluído dos privilégios educacionais pode, ainda assim, pertencer a uma minoria que está “por dentro”. (ADORNO, 2008, p.51)

Finalmente, outro ponto relevante de aproximação entre a análise de Adorno sobre a astrologia e a que se faz aqui sobre a filosofia de De Botton é a ausência de figuras heroicas. Se na astrologia o herói é substituído pelo colunista e/ou pelos signos, na filosofia pop o herói é substituído pelo próprio Alain de Botton e/ou os outros filósofos que ele traz para a conversa. Assim, uma identificação mais mundana com o guru ganha lugar, identificação essa que no caso de Alain de Botton é reforçada pelo fato de ele não corresponder a nenhum padrão de beleza acima da média.

Finalmente, cabe ressaltar também a importância do aconselhamento individual em detrimento de análise social:

Ele implica que todos os problemas devidos a circunstâncias objetivas, tais como, sobretudo, dificuldades econômicas, podem ser resolvidos em termos de comportamento privado individual ou de um insight psicológico, particularmente sobre si mesmo, mas também sobre os outros. (Adorno, p.73).

O autor dos livros distancia-se, como colocado no subcapítulo acima, do filósofo perito. Assim, afasta-se também do mal-estar causado pelos sistemas peritos (GIDDENS, 1991) apresentados pela modernidade. Ou seja, supre a necessidade do sujeito contemporâneo de “reencaixe”, com o intermédio de um sistema perito agora “reencaixado”, que não “fala e pensa difícil”. Como o filósofo caseiro mencionado por Adorno, que fala a linguagem do senso comum, escreve com palavras de uso comum, simplificando a complexidade da modernidade:

Não é possível para pessoas ingênuas enxergar através das complexidades de uma sociedade altamente organizada e institucionalizada, a até os indivíduos sofisticados não podem entendê-la em termos claros, racionais e consistentes, defrontando-se com antagonismos e absurdos, dos quais o mais patente de todos é a ameaça trazida para a humanidade pela mesma tecnologia desenvolvida para tornar a vida mais fácil (ADORNO, 2008, p.46).

Ao mesmo tempo, a filosofia de Alain de Botton se apresenta como urgente. É vendida uma certa sugestão de angústia, na mesma linha do que colocava Adorno sobre a astrologia:

A ideia de que o leitor está de alguma forma ameaçado precisa ser mantida, pois ele só precisa buscar ajuda se estiver presente algum pequeno elemento aterrador – algo parecido com o que ocorre na propaganda de remédios contra o odor corporal. (ADORNO, 2008, p.66)

Essa ameaça, no entanto, não pode chocar, precisa ser branda. Não se discursa coisas do tipo “A vida não tem sentido”, mas sim “Qual o sentido da vida?”. A psicologia popular, a coluna de astrologia analisada por Adorno e os livros de De Botton procuram, diferentemente de uma filosofia ou psicologia “reais”, promover um certo narcisismo, enaltecer os leitores de modo a aplacar sua angústica com uma fraseologia superficial (ADORNO, 2008, p.65).



Um dos últimos vídeos postados por Alain de Botton em sua página no Facebook antes da entrega desta tese é intitulado *The Fragility of Good Government*,⁴⁴ e foi gravado como resposta à eleição de Donald Trump à presidência dos EUA. Nesse vídeo, ele lamenta o governo de Barack Obama, mas afirma insistentemente que um governo ruim é apenas normal. Sugere, em seguida, que as pessoas deveriam estar acostumadas com o fato de que os seres humanos não são muito propensos à ideia de civilização. E que tudo o que podemos fazer é nos planejarmos, esperando por um

⁴³ Página do Facebook do Alain de Botton. Acesso em: 25 jan. 2017.

⁴⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FUaz2h8Wz5c&feature=share>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

governo mais tolerante e sábio no futuro, respeitando um ciclo natural que alterna entre poucos bons governos e muitos governos ruins.

A saída que Alain propõe para a angústia expressa no vídeo é pontual: ensina aos seus seguidores que, por mais que se sintam mal e traídos pelo governo Obama, isso é normal. Sempre foi assim, sempre será. Não adianta resistir ou se revoltar. Sugere que devemos ficar esperando que um bom governo surja no ciclo natural e nos prepararmos para tanto. Para que filosofia, então? No caso De Botton, a filosofia *selfie-service* parece ser aquela que ensina a como não pensar, enfatizando uma pseudofilosofia da aceitação.

3. Como pensar mais sobre a Escola da Vida

A The School of Life se originou em Londres e já possui franquias em cidades como Amsterdam, Istambul, Belgrado, Melbourne, Paris e São Paulo.

Ostensivamente, a TSOL se propõe e se dedica a desenvolver a inteligência emocional com a ajuda da cultura. É assim que o texto introdutório do site apresenta o empreendimento, que busca tratar de questões como relacionamento, trabalho, doença e morte, supostamente afastando os sujeitos de problemas como neuroses, amargura, depressão, vícios, assassinatos, compulsões, divórcios, raiva demência, inveja.

São seis os principais produtos da escola: Classroom (aulas), Therapy (terapia), Business (negócios), Shop (loja), The Book of Life e TV. A escola também faz a manutenção de um perfil no Facebook e no Instagram para cada país em que está presente.

Oferece ainda aulas distribuídas em sete categorias: work, love, self, home, community, meaning e culture.⁴⁵

Na categoria trabalho (da escola de Londres), as aulas são: “How to find a job you love”, “How to balance work with life”, “How to be a compassionate leader”, “How to communicate better at work”.

Na categoria amor: “How to communicate better in love”, “How to choose a partner”, “How necessary is a relationship”, “How to make love last”, “How to move on from a relationship”, “How to spend time alone”.

Em *self*: “How to realise your potential”, “How to be confident”, “How to be creative”, “How to stay calm”, “How to make your mind up”.

Em casa: “How to relate to your family”, “How to be good with money”.

⁴⁵ Optei por não fazer a tradução dos nomes de todas as aulas para o português no corpo do texto por que quero tratar em primeiro lugar da The School of Life de modo geral, e apenas especificamente da escola no Brasil. Além disso, como algumas aulas e cursos não foram ainda traduzidos, a melhor opção de padronização é usar o inglês.

Em comunidade: “How to make a difference”, “How to be a better friend”, “How to have better conversations”.

Em significado: “How to fill the God-shaped role”, “How to face death”, “How to connect with nature”.

Os únicos três títulos de aulas que não começam com a palavra “como” têm a palavra terapia, e estão na categoria cultura: “Philosophy as therapy”, “Drawing as Therapy”, “Writing as Therapy”.⁴⁶

Algumas aulas estão disponíveis em português. São elas: “Como equilibrar o trabalho com a vida pessoal”, “Como ser mais criativo”, “Como ter melhores conversas”, “Como ser mais confiante”, “Como se preocupar menos com dinheiro” e “Como encontrar um trabalho que você ame”. Está disponível também uma aula especial chamada “Mindfulness nos momentos de incerteza”, que pretende debater a “arte de encarar as forças presentes em nosso momento atual – sejam quais forem – com a plenitude dos nossos próprios recursos”. Ainda de acordo com o site:

É o princípio fundamental das práticas silenciosas de meditação.

Mindfulness pode ser aprendido por qualquer um e traz benefícios inclusive (e talvez especialmente) em momentos da vida quando as decisões se tornam difíceis, quando o futuro está cheio de incertezas, e quando nosso sonho do ideal já se estragou com complicações.⁴⁷

Antes do início das aulas da TSOL no Brasil, houve um ciclo de “sermões seculares” inaugurais sobre tecnologia e humanidade, empatia, trabalho e gratidão. Assim como ocorre naqueles oferecidos pelas demais franquias da TSOL, tais sermões buscaram constituir-se em uma espécie de “culto religioso para ateus”, a exemplo da missa católica, em que as pessoas se encontram aos domingos, em locais fechados,

⁴⁶ Tradução livre dos cursos disponíveis na TSOL London. Trabalho: Como encontrar um trabalho que você ama, como equilibrar vida e carreira, como ser um líder *compassionate*, como comunicar melhor no trabalho. Amor: Como comunicar melhor no amor, como escolher um parceiro, Como é necessário um relacionamento, como fazer o amor durar, como sair de um relacionamento, como passar tempo só. *Self*: Como entender seu potencial, como ser confiante, como ser criativo, como manter a calma, como tomar decisões. Casa: Como se relacionar com a família, como ser bom com dinheiro. Comunidade: como fazer a diferença, como ser um melhor amigo, como ter melhores conversas. Significado: Como preencher o vazio de sentido religioso, como encarar a morte, como conectar com a natureza. Cultura: filosofia como terapia, desenho como terapia, escrever como terapia.

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.theschooloflife.com/saopaulo/shop/classroom/mindfulness-em-momentos-de-incerteza.html>>. Acesso em: jan. 2015.

para ouvir e refletir sobre um assunto específico. Os sermões da TSOL duram menos de uma hora, mas as pessoas são convidadas a comer um lanche oferecido pela escola em seguida. No meio do sermão, tal como em uma missa, há um momento de canto e outro de união: as pessoas cantam juntas e compartilham experiências quando são estimuladas a se cumprimentarem ou a conversar. Semelhantes aos folhetos entregues nas missas católicas, na entrada dos sermões são distribuídos folhetos com o tema do sermão, a letra da música que será cantada e outras informações que visam orientar os participantes. De acordo com o site:⁴⁸

Desde 2008 The School of Life apresentou Sermões Seculares, explorando os valores que devemos viver hoje. Pedimos a figuras culturais independentes para nos dar sua opinião sobre as virtudes para se agarrarem ou os vícios para ter cuidado em nosso mundo complexo. Espere por polêmicas persuasivas, cantos de música pop e pães e biscoitos artesanais.

Além dos sermões, no Brasil, há cursos intensivos. Um deles foi ministrado por David Baker, um dos professores da TSOL. Os participantes brasileiros experimentaram parte da programação do Reino Unido “com um mix de aulas, workshops e jantar de conversas, inseridos também na cultura brasileira, relacionados a grandes temas como nós mesmos, o amor, o trabalho, o potencial, a confiança e um pouco de brincadeira”.⁴⁹ Ainda segundo o release:

O intensivo da The School of Life oferece uma semana profunda, dedicada a explorar as grandes questões humanas. A semana será baseada numa síntese do melhor que a The School of Life oferece, com aulas excepcionais, workshops e outras abordagens que permitirão que você se distancie da sua existência diária e pense produtivamente sobre os seus pontos fortes, fraquezas, valores, prioridades, objetivos e sonhos.⁵⁰

O segundo dos seis principais serviços da TSOL é o que oferece terapias. Ainda não disponíveis no Brasil, as terapias são divididas em Life Coaching, MOTS e Culture Therapy.

⁴⁸ Informação disponível em: <<http://www.theschooloflife.com/london/shop/shipwrecked-with-vincent-deary-sermon>>. Acesso em: jan. 2015.

⁴⁹ Informação disponível na página de venda do intensivo em: <https://www.sympla.com.br/intensivo-da-the-school-of-life_14892>. Acesso em: out. 2014.

⁵⁰ Release disponível em: <https://www.sympla.com.br/intensivo-da-the-school-of-life_14892>. Acesso em: out. 2014.

Os MOTS são consultas particulares com terapeutas:

Os MOTs da The School of Life são consultas particulares que oferecem uma abordagem livre de estigma à terapia. Acreditamos na colocação de terapia onde ela precisa estar, no coração do nosso cotidiano, e que consultar uma psicoterapeuta deve ser tão acessível e tão normal quanto ir ao dentista ou oftalmologista.

Já o produto Culture Therapy oferece serviços de biblioterapia individuais ou em dupla, os aplicativos “arte como terapia” e “comida como terapia”; além de uma consulta particular que usa as artes visuais como forma de terapia.

A ideia de tratar a terapia como algo tão normal como ir ao dentista aponta para a objetificação da subjetividade como algo passível de ser tratado e resolvido da mesma forma que se faz uma obturação: retira-se a parte com problema e substitui-se por algo consertado.

A parceria com empresas e a aproximação da terapia e da filosofia com o mundo do consumo se torna mais evidente na terceira categoria de produtos oferecidos, a de negócios. São produtos e serviços oferecidos para empresas, como *workshops* para funcionários de empresas, *souvenirs* e aulas. Por exemplo, a empresa Maybelline contratou a TSOL para contar a história da beleza e da maquiagem no evento de lançamento de uma nova linha de produtos.

Já para a rede de hotéis Morgans o desafio foi criar um serviço de “catering para a mente”. Se os hotéis já oferecem tradicionalmente coisas para que os clientes cuidem do corpo e da alimentação, como shampoos, sabonetes e frigobar; a ideia era que eles passassem a oferecer coisas para que os hóspedes pudessem “cuidar também da mente”. A TSOL foi contratada para isso e criou o “minibar for the mind”, uma espécie de frigobar para a mente⁵¹ que incluía: uma caixa com 250 frases/temas para começar uma conversa, um volume de “Collected Thoughts” produzido pela TSOL, um guia de leitura chamado “Seduce and Relax” (feito pelos “biblioterapeutas” da escola), um caderno de anotações chamado Dreams & Fears, para supostamente anotar sonhos e medos e um conjunto de lápis. Além disso, os hóspedes receberiam um aforismo por dia em um

⁵¹ <http://www.theschooloflife.com/business/case-studies/morgans-hotel-group/>. Acesso em: dez. 2014.

cartão postal e, no restaurante do hotel, seriam servidos menus de conversa juntamente com o menu de comidas e bebidas.

A última sessão do site direciona para o quinto serviço mencionado, o livro online *The Book of Life*, que surgiu depois do fim do *Philosopher's Mail* e que tem uma proposta ainda mais pretenciosa, funcionar como uma curadoria das “coisas mais importantes da vida”, que, na visão dos autores são: os relacionamentos, a renda, a carreira e as ansiedades. Apela-se aqui para semelhanças do *The Book of Life* com a Bíblia e com “obras reunidas de grandes autores”:

Sempre houve um desejo de reunir as coisas importantes em um só lugar. Alguns dos apelos de uma Bíblia ou das obras completas de um autor importante é o sentido que, em meio ao caos e diferentes fontes de conhecimento, alguém tomou o problema para condensar, comprimir, dizer o que é essencial. Em um mundo repleto de informações, o que mais precisamos é a preservação. O *Book of Life* pretende ser a preservação das melhores e mais úteis ideias na área da vida emocional.

O livro é escrito de forma colaborativa em quatro capítulos (além de vários subcapítulos): capitalismo, trabalho, relacionamentos, cultura e currículo.

Serão descritos com mais vagar, entretanto, o quarto serviço, que é a loja da TSOL, e o sexto, a TV, esta por meio de uma série de vídeos da escola que estão disponíveis no YouTube.

3.1 Produtinhos para uma vida (dis)pensada

A “loja da vida” se propõe a ofertar muitos produtos e ferramentas “para uma vida pensada” e assim causar algum impacto na vida dos consumidores de modo a levá-los a pensar mais sobre a vida. Todos os produtos estão disponíveis para entrega no Brasil, mas são originários da sede em Londres. Não é possível listar todos eles, já que a loja é constantemente atualizada e o número de produtos é grande.

A loja online opta por vender os produtos separados por categorias, preços ou temas. São sete os temas vendidos na loja em associação com os produtos: calma, conhecimento, autorreflexão, foco, trabalho, *self* e amor. São sete também as categorias nas quais esses produtos são classificados: Art & Collectables, Books, Fashion, Games & Kits, Homeware, Stationary, Voucher & Gift Sets.

Para a discussão aqui proposta, foram escolhidos os produtos mais pertinentes de cada uma dessas sete categorias.

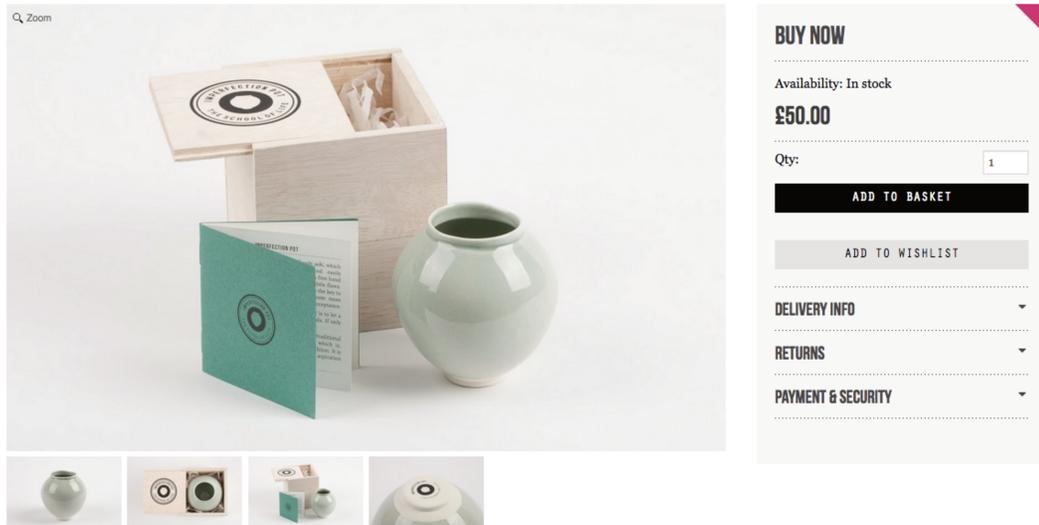


52

⁵² Todas as imagens desse subcapítulo estão disponíveis em: <<http://www.theschooloflife.com/shop>>. Acesso em: jan. 2017.

3.1.1 Art & Collectables

A categoria Arte & Coleccionáveis inclui o “Pote da Imperfeição”, os cartões “Calma” e os pesos de papel chamados Memento Mori.

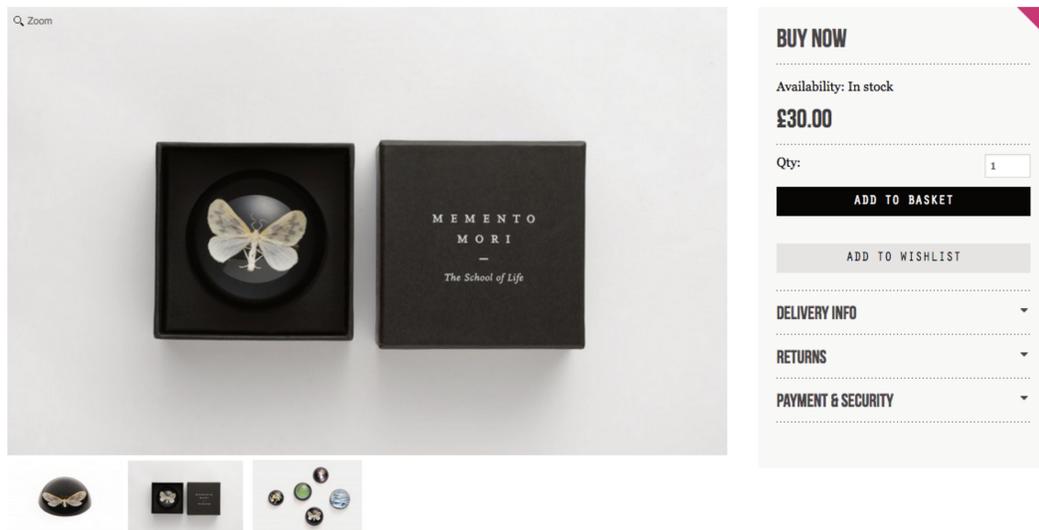


O Pote da Imperfeição é uma obra de Adam Buick que tem a pretensão de fazer que as pessoas reflitam sobre suas imperfeições. O site informa que o pote vem com falhas e irregularidades propositais, justamente para fazer que o consumidor aceite as imperfeições de si e dos outros.



O conjunto de cartas sobre a calma é outro item da loja. Uma das imagens promocionais do produto mostra um dos cartões que supostamente ajudariam os consumidores a conquistar uma vida mais calma. No cartão acima, por exemplo, lemos a frase: “Não importa quão ruim esteja, sempre haverá um banho quente”.

Os outros cartões seguem a mesma linha: frases curtas que buscam ajudar o consumidor a levar uma vida calma mesmo diante do *stress* e dos problemas que a vida apresenta.



Um último produto desta categoria de Arts & Collectables merece menção – os pesos de papéis confeccionados em vidro que trazem a frase “Memento Mori”. São vários

modelos com diferentes estampas no vidro: alga, oceano, estrelas, areia e a mariposa. Todos os pesos buscam tornar a vida mais leve ao alertar os consumidores sobre a insignificância de pequenos problemas da nossa vida, diante da lembrança de sua finitude. Do próprio site consta:

O objetivo dessas obras não era fazer as pessoas se desesperarem, mas ajudá-los a usar o pensamento da morte a fim de focar nas verdadeiras prioridades. Lembranças vívidas da mortalidade e da natureza transitória da vida colocaram nossas prosaicas obsessões em questão. Quando medido contra o caráter definitivo da morte, a verdadeira insignificância de algumas das nossas preocupações é enfatizada e nos é dada uma oportunidade de se sentir um pouco mais corajoso sobre o que realmente queremos e sentimos.

Ou ainda:

Nós criamos uma coleção de peso de papéis de vidro para servir como nossas próprias versões modernas de um “memento mori”. Esses objetos são agradáveis de olhar e devem servir como inspirações diárias para fazer lidar com a nossa tarefa mais importante: viver de acordo com nossos verdadeiros talentos e interesses e aproveitar ao máximo quaisquer momentos preciosos que podemos ter deixado para trás.⁵³

O que se percebe, ao contrário do que é ofertado pela TSOL (uma vida pensada), é sempre a busca de uma vida menos pensada, com mais leveza. Se pensar na finitude da vida pode ser traduzido simplesmente como aceitação dos problemas, estaríamos diante da banalização do próprio pensar sobre a vida, da recusa do pensar em sua complexidade.

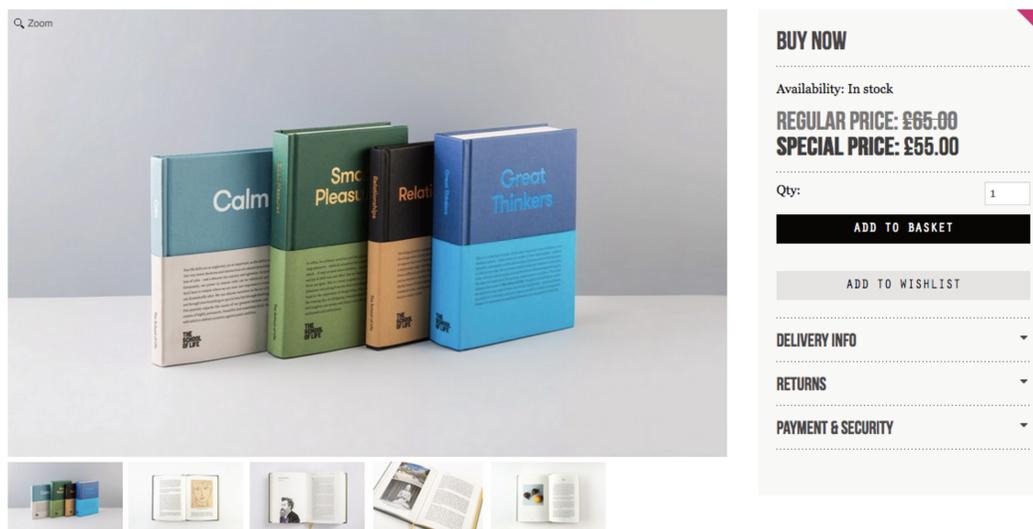
A frase “Memento Mori” (traduzida como “Lembre-se da finitude” ou “Lembre-se da morte”), como se sabe, ficou famosa no século XVII em um contexto de crença absoluta na vida pós-morte, da qual desprendia-se também uma maior disponibilidade de aceitação das injustiças e dos problemas cotidianos por parte dos sujeitos.

A oferta desse tipo de pensamento hoje, no entanto, acaba por fechar a própria reflexão sobre a finitude da vida, já que então ela serviria apenas para confortar os sujeitos diante dos problemas cotidianos, e não para fazê-los pensar em questões existenciais ou em possibilidades de urgência.

⁵³ Texto disponível em: <<http://www.theschooloflife.com/shop/memento-mori-paperweight-stars>>. Acesso em: jan. 2017.

3.1.2 Books

É a sessão mais extensa da loja, composta de livros escritos pelos “pensadores” da TSOL sobre os “grandes temas” que guiam as aulas e *workshops*, como por exemplo o livro “How to find a fulfilling job”. Há também uma coleção de livros chamada “Life Lessons”, que inclui lições de vida evocando Hobbes, Nietzsche e Kierkegaard; e também os livros do próprio Alain de Botton.



A promoção em destaque é a chamada livraria da TSOL. O kit traz os quatro livros inaugurais da editora da escola: *Calm*, *Small Pleasures*, *Relationships* e *Great Thinkers*.

O primeiro oferece caminhos para uma vida mais calma; o segundo, lembretes sobre belezas e interesses pouco conhecidos do nosso mundo; o terceiro oferece um manual sobre como sofrer menos nas relações amorosas; e o quarto um guia para as principais ideias da cultura.

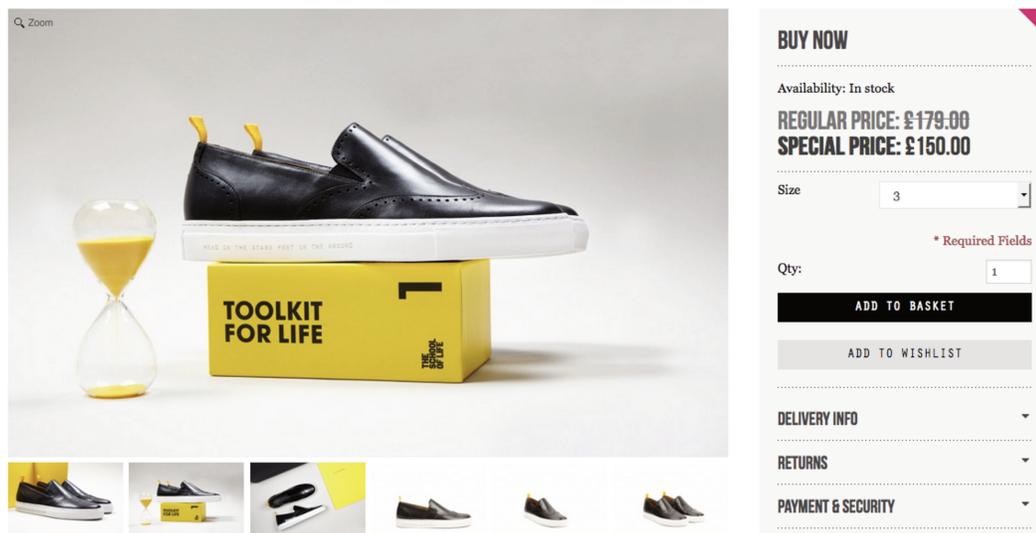
Todos trazem a proposta de uso instrumental e quase sempre pessoal do conhecimento sobre filosofia e cultura. Ou seja, o conhecimento promovido pelos livros deve servir ao propósito de melhoria da vida do leitor. Nas palavras da própria editora:

títulos que oferecem lições sobre sucesso e consolo. A preocupação com o mundo, com os outros ou mesmo com um pensar livre de um uso instrumental é ausente. A sabedoria alcançada pela TSOL é, portanto, uma sabedoria ligada à busca de respostas, não de perguntas. E na maioria das vezes orientada por uma recusa do enfrentamento dos dilemas do momento presente, no mesmo sentido do que já foi discutido no Capítulo 1.

3.1.3 Fashion

Os best-sellers da categoria Fashion da loja são os produtos que trazem os dizeres “emotional baggage”: bolsas, chaveiros e *nécessaires* que dizem o contrário do que de fato são e que fazem um apelo ao emocional. Reencaixe novamente. Negação da modernidade, especificamente aqui do capitalismo e do consumismo que, ironicamente, no entanto, são os elementos que sustentam a própria escola.

Outro item que chama a atenção é o par de sapatos de filósofo (sic.). Na sola, traz os dizeres “Head on the stars, feet on the ground”. O sapato é resultado do design de Oliver Sweeny, mas é inspirado no filósofo antigo Thales que, segundo a descrição do site, “andava tão ocupado olhando para as estrelas que caiu num poço”.



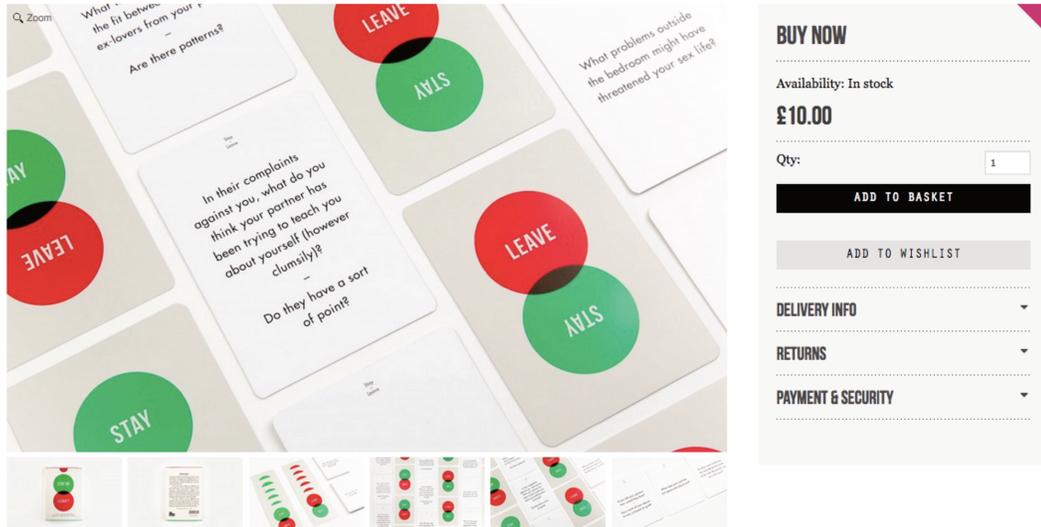
Pode-se notar aqui o consumo de um “estilo de vida” que se constrói no ilusório distanciamento da ideia de “futilidade”. Para Featherstone (1995) “o corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida e bebida, a casa, o carro, a opção de férias, etc. de uma pessoa são vistos como indicadores da individualidade do gosto e o senso de estilo do proprietário/consumidor (p.119)”.

O estilo de vida aqui consumido, ainda na linha do que pensa o autor, distanciaria-se da ideia de consumo de massa, em uma tentativa fácil de escapar à uniformidade. O sujeito que carrega uma bagagem emocional, dessa forma, compraria a triste e ilusória ideia de distinção com relação a uma massa que consome futilidades e que não teria bagagem emocional. Ainda, o consumo passa a ser visto não como “uma reação desesperada e

necessariamente fútil à experiência da insignificância e, sim, como uma perfeita solução para essa experiência” (CAMPBELL apud CAMPBELL & BARBOSA, 2006, p.63).

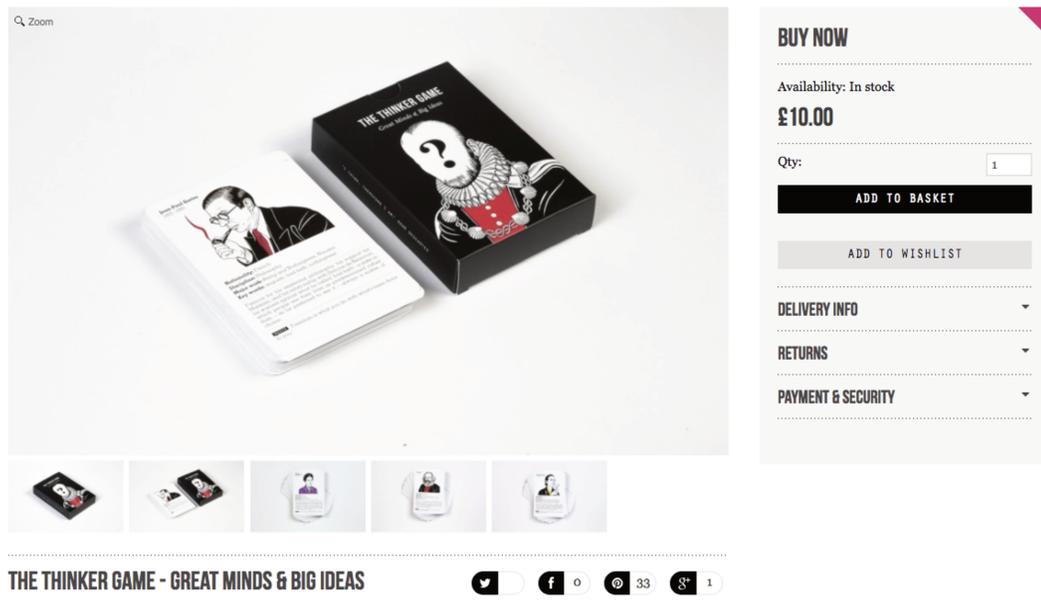
3.1.4 Games & Kits

Chamam atenção aqui dois produtos: o jogo dos Great Thinkers e o Stay or Leave.



A caixa “Stay or Leave?” traz “reflexões e questões” cuja proposta é ajudar o sujeito na decisão terminar ou não um relacionamento amoroso. Segundo a descrição do site, são ferramentas para ajudar na busca de respostas que já estão dentro das pessoas, mas que precisam da correta ferramenta para ser extraídas.

Aqui se destaca o caráter lúdico da filosofia para a busca de respostas.



Zoom

BUY NOW

Availability: In stock

£10.00

Qty:

ADD TO BASKET

ADD TO WISHLIST

DELIVERY INFO ▾

RETURNS ▾

PAYMENT & SECURITY ▾

THE THINKER GAME - GREAT MINDS & BIG IDEAS

Twitter Facebook 0 Pinterest 33 Google+ 1

No jogo sobre os grandes pensadores, o que está em jogo é a habilidade dos jogadores reconhecerem os pensadores por trás de frases famosas. Ou seja, algo na linha de descobrir quem disse “Penso, logo existo”. O debate sobre a frase não parece interessar. Interessa a brincadeira, o aspecto lúdico da filosofia.

Não haveria problema algum na junção entre o *high* e o *low* – evidentes aqui, conforme o que foi apresentado no primeiro capítulo – se o uso do aspecto divertido e lúdico tivesse o sentido de democratizar o acesso ao conhecimento filosófico ou promover o pensamento crítico com base em uma linguagem mais próxima à linguagem do senso comum. O problema aqui é que o pensamento filosófico acaba sendo engolido pela lógica do jogo, mais uma vez, promovendo o distanciamento do sujeito de qualquer forma de pensamento crítico.

3.1.5 Homeware

Trata-se de uma das sessões mais inusitadas do site. Explicitamente decorativa, a filosofia aqui assume um caráter ainda mais perturbador.



A proposta é encher a casa com objetos que supostamente “ajudam a pensar”. O produto acima – Cleaning as Therapy – serviria para limpar a mente das pessoas. Ou seja, haveria uma saída para os rituais mais banais da vida, como lavar a louça, por exemplo.

A categoria Homeware inclui também as três velas Utopia, uma delas inspirada no livro *A República* de Platão. Segundo o site da loja:

Ao longo da história, pessoas projetaram utopias, mundos perfeitos que não são exatamente reais e no entanto servem para iluminar necessidades reais. Contemplar utopias nos restaura e revigora, nos ajudando a focar nas coisas que poderiam, e talvez, um dia serão.

Dentro deste frasco lindamente trabalhado, há uma vela cuja fragrância sutilmente harmonizada ajuda a evocar o mundo perfeito descrito por Platão, um reino da razão, calma e ordem.

Ao acender a vela criamos um momento em que somos capazes de reformular e ganhar perspectiva sobre alguns dos problemas do nosso mundo hoje.⁵⁴

⁵⁴ Informação disponível em: <<http://www.theschooloflife.com/shop/homeware>>. Acesso em: fev. 2017.

As velas poderiam ser pensadas como produtos desejados (e não necessários) e, portanto, associados ao que Campbell chama de “terapia de varejo” (2006). O consumo, nesse sentido, aproxima-se da busca metafísica por reafirmação ontológica (CAMPBELL apud CAMPBELL & BARBOSA, 2006, p.58) ao oferecer utopias de “grandes pensadores”. Nessa mesma linha, para Almeida (apud CAMPBELL & BARBOSA, 2006), esse tipo de consumo lida com a dimensão da própria imaginação e da autoilusão do hedonismo moderno: “o sonho, o devaneio, em uma palavra, o *daydreaming* envolvem a elaboração imaginativa daquilo que é possível, ainda que isso se mostre altamente improvável”. (ALMEIDA apud CAMPBELL & BARBOSA, 2006, p.151).

No caso da vela A República, o site informa que ao acender a vela cria-se um momento de mudança de perspectiva sobre os problemas. Além disso, os consumidores evocariam o mundo ideal, segundo Platão teria descrito em A República.

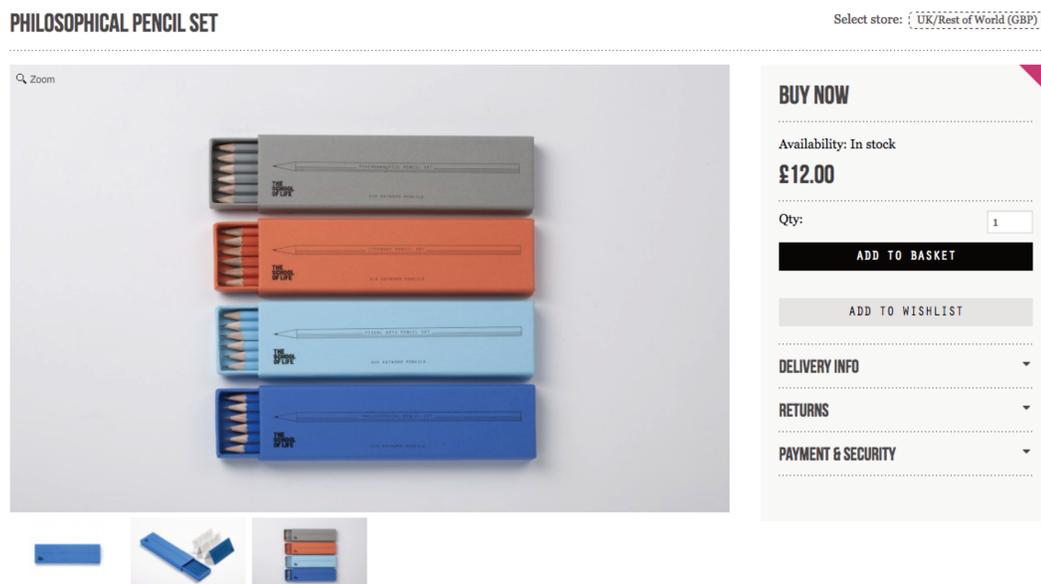


55

⁵⁵ Disponível em: <<http://www.theschooloflife.com/shop/utopiacandletherepublic>>. Acesso em: nov. 2014.

3.1.6 Stationary

Papelaria e cartões: inclui coleções de aforismos, livros anticapitalistas e conjuntos de lápis que estampam nomes dos “grandes pensadores”.



O destaque vai para os livros que estampam o nome de três pensadores “anticapitalistas” na capa, além de um resumo de cada um deles. Os filósofos anticapitalistas são, na perspectiva da loja, Rousseau, Marx e Adorno. Em uma tradução livre da propaganda dos caderninhos:

Na era moderna, corporações gigantes tomaram o planeta: construindo estradas, destruindo florestas e distribuindo bebidas exóticas para as mais remotas partes do planeta. Comunidades foram quebradas, pessoas foram exploradas, lixo foi jogado por toda parte, tudo por conta de alguns beneficiários que gostariam de ter um pouco mais de dinheiro em suas contas bancárias. Isto pode ser raivoso. Ainda assim sempre há pensadores que consideraram como o capitalismo poderia ser melhorado ou superado. Suas ideias são exemplo de coragem: a esperança que que uma pequena minoria poderia transformar o país em algo melhor.

Assim, os caderninhos vendidos por mais de R\$ 60,00 cada, são mais um exemplo de como o que se compra aqui é um ilusório reencaixe de uma ideia de comunidade pré-moderna, em que as pessoas não destroem florestas ou jogam lixo nas ruas. No lugar de debater possibilidades de crítica ao sistema capitalista que explorem as perguntas feitas pelos filósofos, o que se vê é a seleção de algumas frases

esperançosas sobre uma época que não volta mais e com a qual os sujeitos deveriam sintonizar.

ANTI-CAPITALIST NOTEBOOKS

Select store: [UK/Rest of World \(GBP\)](#)

Zoom



BUY NOW

Availability: In stock

£15.00

Qty:

[ADD TO BASKET](#)

[ADD TO WISHLIST](#)

[DELIVERY INFO](#) ▼

[RETURNS](#) ▼

[PAYMENT & SECURITY](#) ▼

3.1.7 Voucher & Gift Sets

São vários tipos de vouchers que podem ser comprados para presentear com um dos produtos ou serviços da TSOL à escolha. Como eles são vales dos produtos já citados anteriormente, não cabe descrever cada um deles.

A loja da TSOL não funciona apenas como uma lojinha de *souvenirs*. Até seria compreensível que comprássemos um *souvenir* na saída da TSOL para nos lembrarmos dos cursos que foram feitos.

A questão é que todos os produtos ofertados – desde as aulas, até os vídeos e os próprios objetos – funcionam na mesma lógica. São materiais simbólicos ofertados a um *self* que busca remediar seu mal-estar diante da modernidade, por meio do consumo de uma ideia nostálgica (uma saída mais fácil) de um mundo pré-moderno, que dispensa o pensamento crítico reflexivo sobre o próprio contexto contemporâneo.

Os cursos, as aulas e os vídeos são embalados para atender um *lifestyle* celebrado pela mídia, alimentando a cultura das *selfies*, da exposição permanente de uma ilusória vida bem-vivida, que finge desprezar o capital material na busca de um capital afetivo sempre mais trabalhado.

Por outro lado, os consumidores têm aqui uma série de materiais simbólicos que os ajudariam na árdua tarefa da construção de seu *self*, reforçados especificamente por uma visão de mundo supostamente filosófica e as possibilidades de conexão identitária por meio do compartilhamento de um *lifestyle* “cabeça” e aparentemente distinto da massa consumidora da cultura *low*.

Na proposta de listar os produtos e serviços que a School of Life oferece, finalmente chegamos à TV,⁵⁶ que funciona no YouTube, no canal “How to Live”. Há várias séries de programas que “ensinam a viver”: “The Curriculum”, “The Mood” e “Relationships”. No primeiro grupo, há um programa sobre os Estóicos e um sobre Heidegger, por exemplo. Os vídeos têm duração de pouco mais que 5 minutos – menos

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/theschooloflifetv>>. Acesso em: fev. 2017.

tempo do que duram os TED talks,⁵⁷ mas não são menos pretenciosos. Muito ao contrário. Querem educar para as grandes questões da vida que não seriam ensinadas nas grandes universidades:

Todo mundo hoje em dia acredita na educação. Nós treinamos as crianças em matemática. Nós ensinamos os pilotos como aterrissar aviões e cirurgiões como operar em nossos cérebros. Mas há uma área onde nós não parecemos acreditar na educação nós apenas deixamos as pessoas descubram por si mesmas: a própria vida. Há um silêncio estranho na educação quando se trata das verdadeiras grandes questões: quem você deveríamos ficar? Como você pode gerenciar seu relacionamento? Qual carreira é mais adequada para você? Pra que serve o dinheiro? Como podemos controlar a ansiedade? O que vamos fazer com o arrependimento e a vergonha? E sobre doenças e envelhecimento? Como lidamos com as nossas famílias? Aqui – muito estranhamente – não temos ninguém a quem recorrer, para onde ir. Assim o stress acumula e desastres ocorrem. Queríamos um lugar para ajudar com essas coisas. Então construímos: The School of Life. Uma organização de mente aberta e rigorosamente sem ideologias dedicada a ajudar você a lidar com as coisas importantes que você nunca foram ensinadas na escola: relacionamentos, carreiras, ansiedades e emoções.⁵⁸

Ou seja, a TSOL teria como proposta oferecer respostas para as grandes questões sobre relacionamentos, carreira, ansiedades e emoções. Aqui estão selecionados alguns vídeos do programa The Curriculum (part 2), que propõe resgatar filósofos clássicos e suas contribuições para uma vida bem-vivida.⁵⁹

⁵⁷ TED (acrônimo de Technology, Entertainment, Design) é uma série de conferências realizadas em vários lugares do mundo pela fundação Sapling, destinada à disseminação de ideias. Suas apresentações são limitadas a dezoito minutos, e os vídeos são amplamente divulgados na Internet.

⁵⁸ Vídeo disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=q28W7N6Th58&list=UU7IcJI8PUf5Z3zKxnZvTBog>>. Acesso em: nov. 2014.

⁵⁹ Como o programa é constantemente atualizado, a presente tese não consegue fazer uma análise completa dos vídeos, já que cada semana novos vídeos são disponibilizados.

3.2 TSOL TV: The Curriculum II

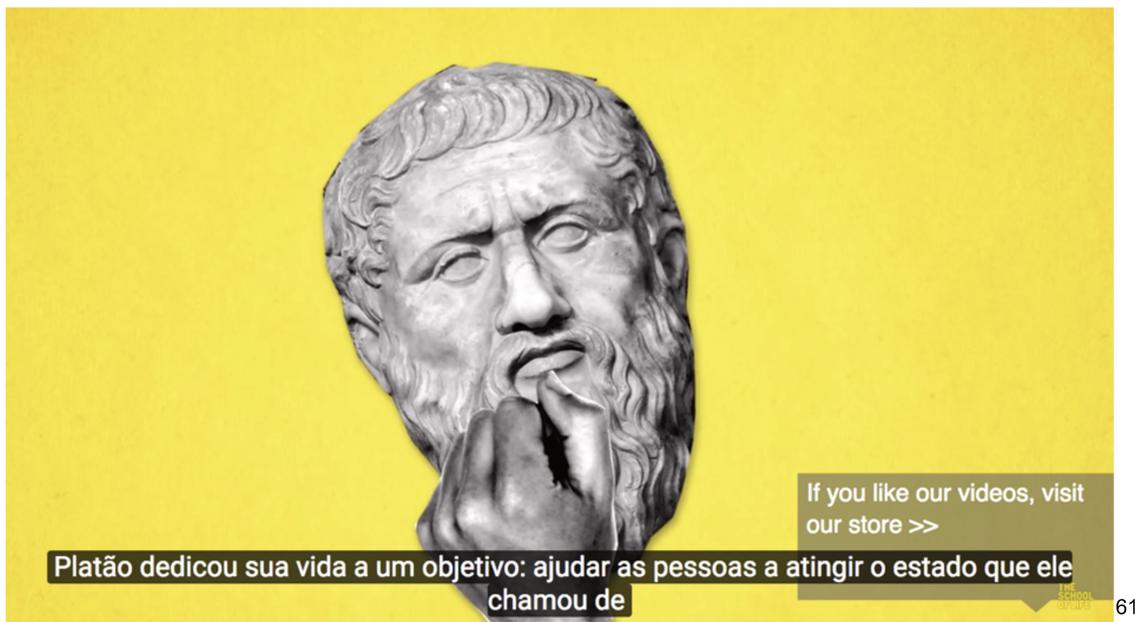
The screenshot shows the YouTube channel page for 'The School of Life'. The channel banner features a landscape with mountains and the text 'HOW TO LIVE', 'NEW FILMS EVERY WEEK', and 'BRANCHES WORLDWIDE'. The channel name 'The School of Life' is prominently displayed, along with a subscriber count of 1,811,375. Below the channel name, there are navigation tabs for 'Início', 'Vídeos', 'Playlists', 'Canais', 'Discussão', and 'Sobre'. The main content area shows a video titled 'THE CURRICULUM - PART 2' with a thumbnail featuring the name 'PLATO' and a bust of the philosopher. The video description indicates it is from 'The School of Life' and has 29 videos, 890,012 views, and was last updated on November 28, 2016. Below the video player, there is a list of two videos:

Number	Video Title	Channel	Duration
1	PHILOSOPHY - Plato	de The School of Life	6:30
2	PLATO ON: The Allegory of the Cave	de The School of Life	6:17

60

⁶⁰ Print Screen do Canal da TSOL, disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLwxNMb28XmpeypJMHfNbJ4RAFkRtmAN3P>. Acesso em: jan. 2017.

3.2.1 Platão



Apresentado como o “primeiro verdadeiro, e provavelmente o maior filósofo”, Platão é descrito de forma absolutamente favorável neste vídeo, apoiado por imagens em slides animados. É apresentado como um filho de família rica, em uma Atenas meio idílica de 2.400 anos atrás, com apenas 250.000 habitantes, onde as pessoas tinham acesso a balneários, teatros, mercados e ginásios para viver bem. E, logo de início, o vídeo esclarece que Platão é muito confundido com Sócrates, mas que este foi apenas um amigo mais velho que lhe ensinou bastante coisa. Mas que não escreveu nenhum livro, enquanto Platão escreveu 36...

De forma concisa e bastante didática, o vídeo focaliza as 4 grandes ideias de Platão, e, com uma linguagem muito acessível, sintetiza sua essência de maneira fluida e atraente.

A imagem de uma manada de cavalos selvagens puxando velozmente um incauto desesperado é muito forte na apresentação da primeira ideia: pense mais, conheça a si mesmo. A visão do amor verdadeiro como admiração pela pessoa amada,

⁶¹ Todas as imagens desse subcapítulo estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/user/schooloflifechannel>. Acesso em: jan. 2017.

subjacente à segunda ideia “deixe seu parceiro amoroso mudar você” também é ilustrada de forma leve e eficaz.

Não menos elaborada é a apresentação da terceira ideia: “desvendar a mensagem da beleza”, em que gentileza, harmonia, equilíbrio, paz e força são mostrados como os grandes aprendizados das coisas belas que nos “ajudam a educar nossas almas”. Já a apresentação da quarta e última ideia, reformar a sociedade, que traz à luz uma questão social absolutamente atual – governantes ruins decorrem de más escolhas porque a educação é deficiente – lança luz sobre questões relacionadas ao vazio de uma sociedade baseada na riqueza e no culto às celebridades. O autor conclui perguntando “como melhorar”? E responde: ensinando filosofia.

3.2.2 Derrida



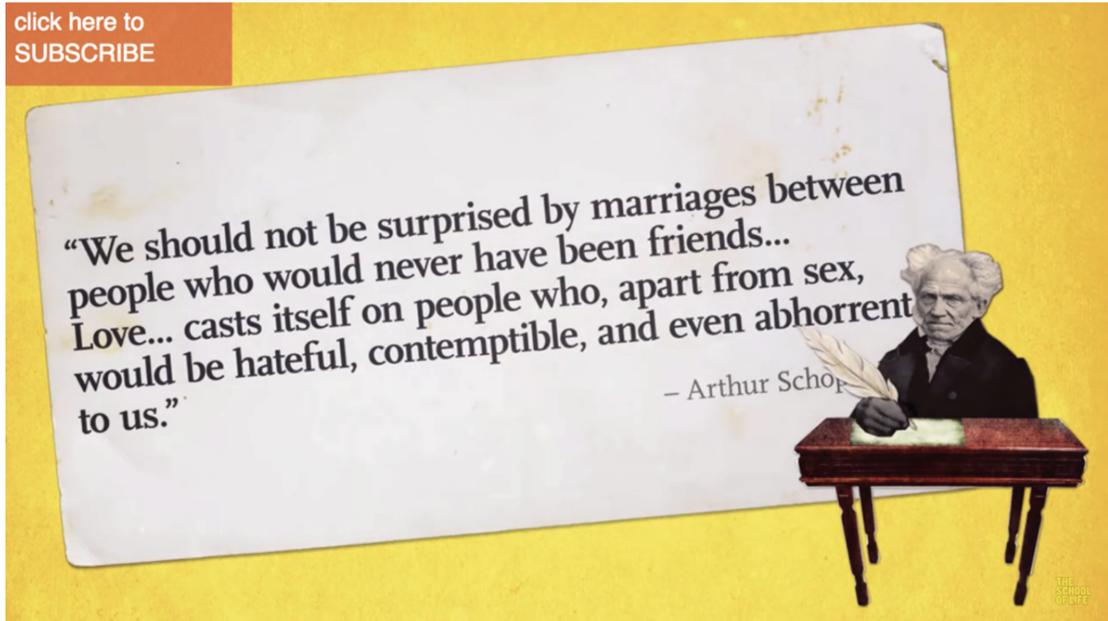
Assim o vídeo descreve Derrida: um cara charmoso e de bom gosto, que se destacava pelo uso de belos casacos de chuva e cortes de cabelo, com uma rica, diversa e complexa vida de amor. Quando criança, na Algeria, sonhava em ser jogador de futebol. Depois, em Paris, tornou-se um habilidoso jogador de snooker e chegou a ser preso por suspeita de contrabando de drogas. Assim, somos introduzidos a conhecer um dos mais “famosos, controversos e sábios pensadores da França recente”.

Na sequência, os temas fundamentais e recorrentes em sua obra, e que traduzem sua grande contribuição ao pensamento contemporâneo, perpassando sua notável produção literária: desconstrução, aporia e logocentrismo. Superficial e evasivo com relação aos pontos essenciais do pensamento de Derrida, no vídeo são usadas imagens, frases e palavras que facilitam muito a compreensão da abordagem crítica de Derrida à visão racionalista e lógica das questões humanas. Mesmo no trato de temas como a visão caleidoscópica da realidade, em contraposição à busca de retratos lineares de soluções claras, o texto do vídeo e as imagens parecem buscar resultados voltados à compreensão, mais do que ao pensamento complexo.

A desconstrução, por exemplo, é traduzida como “desmantelar nossa lealdade excessiva a qualquer ideia e aprender os aspectos da verdade que possam estar

enterrados em seu oposto”. A aporia é apresentada como evidência da maturidade da mente, e o logocentrismo como uma “devoção naíve à razão e crença na linguagem como a melhor forma de se comunicar”.

3.2.3 Schopenhauer



O vídeo parece retratar, o tempo todo, o clima de pessimismo e desilusão presentes no pensamento do autor. Destaca, de início, a influência da figura de Buda em sua formação, que o teria levado a definir precocemente como objetivo de vida “dissecar e encontrar soluções para os sofrimentos”.

Uma parte significativa do tempo do vídeo é dedicada à visão que Schopenhauer tinha sobre o sexo, como expressão maior do desejo de viver que impulsiona as ilusões humanas ao longo do tempo, apesar dos desenganos e sofrimentos. Ganham especial destaque as referências ao casamento, como decisão não racional que nos leva a viver toda uma vida com pessoas que, se não fosse pelo sexo, seriam odiáveis, desprezíveis e mesmo abomináveis para nós.

As duas soluções apontadas por Schopenhauer para o desapontamento permanente com a vida, que se encontra estampado na face das pessoas mais velhas, são abordadas de forma rápida e superficial: tornar-se sábio, como um monge budista, ficando acima das ilusões determinadas pelo desejo de viver; ou dedicar-se à arte e à filosofia, como forma de se alienar das agruras da vida insípida que se leva.

3.2.4 Aristóteles



A filosofia hoje não é vista como uma atividade prática. A razão? É que não temos prestado a devida atenção ao que nos ensina Aristóteles. Deveríamos todos ser estudantes interessados nesse que é tido como o grande mestre, “o filósofo”. Essas afirmações, que aparecem na parte final do vídeo, mostram a maneira absolutamente favorável com que as ideias de Aristóteles são apresentadas.

O que faz as pessoas felizes? Para que serve a arte? Para que servem os amigos? Como as ideias podem superar um mundo agitado? Esses são os tópicos utilizados para sintetizar as contribuições de Aristóteles. A primeira das questões é a mais explorada, e as 11 virtudes elencadas pelo filósofo são apresentadas de forma rápida, para evidenciar a importância da busca permanente da “medida de ouro”, que deve pautar a virtude moral.

É muito peculiar o uso de imagens para ilustrar os conceitos apresentados. Ao falar da importância da arte, por exemplo, para tratar da catarse a que são submetidos os expectadores, mostra-se a imagem de um aspirador de pó limpando um cérebro.

3.2.5 Hegel

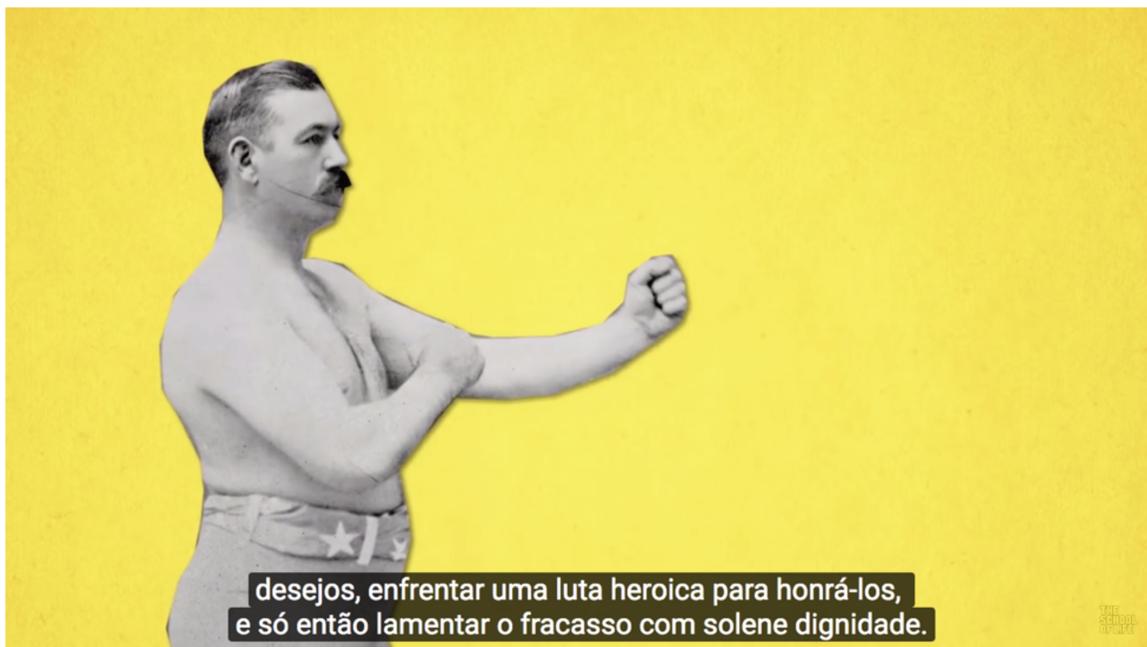


Hegel nos é apresentado como alguém que escreveu de forma horrível, de forma confusa e complicada, quando deveria ter sido claro e direto, o que acabou por dificultar muito o reconhecimento de sua contribuição. Suas lições são resumidas em cinco ideias: partes importantes de nós mesmos devem ser buscadas na história; aprenda com ideias que você não gosta; o progresso é bagunçado; a arte tem um propósito, e precisamos de novas instituições.

A atribuição de valor às instituições é reforçada pelo vídeo, que traz a questão para o presente, para citar algumas causas humanitárias contemporâneas que precisam de ações mais efetivas.

E a importância do filósofo é enfatizada no final: “ele nos dá uma visão mais acurada, e, portanto, mais gerenciável de nós mesmos, de onde estamos e de nossa história”. Hegel nos ensina que o crescimento requer o embate entre diferentes ideias, o que seria sempre doloroso e lento.

3.2.6 Nietzsche



O “guia bigodudo” nos é apresentado de forma muito leve e favorável, embora o vídeo comece alertando para os desafios de entendê-lo, a começar pela dificuldade em pronunciar corretamente o seu nome. O professor que não deu certo, e que teve que se refugiar em Sils-Maria, nos Alpes suíços, para produzir suas obras primas, é apresentado ao público como alguém “encantador, sábio e muito útil”.

Seus ensinamentos são resumidos em quatro recomendações: admita a inveja, não seja cristão, nunca beba álcool e lembre sempre que Deus está morto. Dessas, a que merece mais destaque é a segunda, onde somos informados que, para o filósofo, Pôncio Pilatos deveria ser o único personagem do Novo Testamento a merecer respeito, e que o cristianismo faz da covardia uma virtude, gerando uma moralidade escrava que produz uma grande máquina de reação amarga.

Mas é possível perceber na apresentação da quarta recomendação – Deus está morto – a presença da mesma argumentação utilizada por Alain de Botton em *Religião para ateus*, de que a lacuna deixada pela religião deveria ser preenchida idealmente pela cultura. E que, segundo Nietzsche, as universidades estavam matando as humanidades, transformando-as em exercícios acadêmicos enfadonhos, ao invés de usá-las como “guias para a vida”.

3.2.7 Sartre



Sartre é apresentado como o francês baixinho, estrábico, com um olho errante e óculos pesados, que se descrevia frequentemente como muito feio. O pai do existencialismo, que escreveu *O ser e o nada*, em 1943, tem seu pensamento resumido em quatro *insights* principais: as coisas são mais estranhas do que pensamos; somos livres, e a vida é rica em possibilidades; não devemos viver em “má-fé”, sem levar em conta a liberdade; somos livres para dismantelar o capitalismo.

O garçom teria sido usado por Sartre para exemplificar um profissional que se entrega totalmente à sua identidade no trabalho, esquecendo-se de que é um ser livre.

Ganha destaque a apresentação do capitalismo como uma “máquina gigantesca destinada a criar um senso de necessidade que de fato não existe em realidade”.

A parte final do vídeo nos fala do Sartre militante político, de suas relações com personalidades marxistas como Fidel Castro e Che Guevara, e de sua libertação da prisão por Charles De Gaulle, que teria justificado o ato dizendo “Não se prende Voltaire”.

Vale destacar uma das frases finais: “Ele está imensamente vivo no nosso potencial não realizado, como indivíduos e como espécie”.

3.2.8 Foucault



O famoso e cultuado filósofo francês nos é apresentado como alguém que dedicou sua carreira a criticar o poder do estado burguês capitalista moderno. A parte inicial do vídeo traz sua complexa história pessoal de menino muito rico (origem sobre a qual não gostava de falar), que estudou em colégios católicos e foi coroinha. Aos 22 anos tentou suicídio, por tentar esconder sua homossexualidade e seu interesse em sadomasoquismo, e depois se entregou a uma vida de liberação sexual e consumo de drogas, até se descobrir e se libertar como historiador filosófico, aos 27 anos, após a leitura da obra de Nietzsche, e muito especialmente de seu ensaio *Sobre os usos e abusos da história para a vida*.

Ganha destaque seu livro *A história da loucura*, que denuncia os equívocos com que os médicos e suas instituições tratavam os doentes mentais no século XX, e procura evidenciar a importância de olharmos para o passado com respeito, uma vez que a doença era tratada (especialmente no Renascimento) de forma muito mais inteligente e evoluída. Na sequência é mencionado e comentado o seu próximo livro *O nascimento da clínica*, o qual procura mostrar que no século XVIII nasceu uma forma médica sinistra de olhar os pacientes apenas como um conjunto de órgãos doentes e, por isso, incapaz de ver seres humanos como entidades completas.

As referências sobre o próximo livro – *Vigiar e punir* – seguem na mesma linha, mostrando a denúncia feita por Foucault às instituições e às práticas desumanas que foram sendo criadas pelo Estado moderno, em nome do progresso e do respeito ao ser humano. Na trilogia *A história da sexualidade*, de acordo com o vídeo, Foucault “rebelase contra a ótica de que agora somos todos profundamente liberados e à vontade com o sexo”, e combate de forma veemente a medicalização do sexo (*scientia sexualis*) surgida a partir do século XVIII, revelando um olhar nostálgico para as civilizações passadas e sua visão artística do erotismo.

O vídeo, em sua parte final, é altamente elogioso à contribuição de Foucault, afirmando que ele deve servir de inspiração para nossa visão das instituições e de nossos próprios projetos.

3.2.9 Epicuro



A “grande pergunta” que orienta os 5 minutos sobre Epicuro⁶² é “Como ser feliz?”. O narrador – acompanhado de imagens em um estilo pop, rápidas, engraçadinhas e subsequentes – começa contando focos sobre vida de Epicuro (que ele participaria de orgias ou que teria tido 18 orgasmos seguidos em uma só noite) e depois passa à questão da felicidade. Para tanto, começa por enumerar três coisas que Epicuro teria classificado como errôneas na busca da felicidade: Primeiro: “pensamos que felicidade é ter relações sexuais e românticas”; segundo: “achamos que felicidade é ter muito dinheiro”; e terceiro: “achamos que felicidade é ter uma vida luxuosa”. Em seguida, o vídeo enumera as três coisas que nos fariam felizes: “amizade”, “trabalhar para si mesmo” e “uma vida calma”. No final do vídeo, uma afirmação perigosa: que o comunismo de Karl Marx nada mais é do que “uma versão madura, corrupta e não bem-sucedida do epicurismo”.

As conclusões notáveis e revolucionárias de Epicuro são apresentadas em dois blocos com três itens cada: os equívocos com relação ao que nos torna felizes e as coisas essenciais da felicidade.

⁶² Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kg_47J6sy3A>. Acesso em: jan. 2015.

No primeiro grupo estão, pela ordem, a confusão entre felicidade e amor romântico (que deveria dar lugar à amizade), a busca por muito dinheiro (que deveria ser substituído por um trabalho realizador) e a obsessão pelo luxo (que deveria ceder lugar à calma).

Já as coisas realmente essenciais para a felicidade seriam: ter nossos amigos por perto (com regularidade), diminuir o ritmo de trabalho (dedicando-se a coisas prazerosas), e buscar a paz em sua própria mente (por meio de práticas como a meditação).

O vídeo destaca a grande repercussão das ideias de Epicuro, que provocaram a formação de comunidades em toda a região do Mediterrâneo, chegando a reunir 400.000 pessoas. Essas comunidades teriam sido transformadas pela Igreja Católica em mosteiros a partir do século V.

Finalmente, dá destaque ao fato de Karl Marx ter obtido um PhD estudando Epicuro, e afirma, como já foi dito, que o comunismo que o mundo veio a conhecer seria, na verdade, uma versão em larga escala, corrompida e não bem-sucedida do epicurismo. Além disso, o vídeo se encerra apresentando a ideia de que o legado de Epicuro seria perceber que os seres humanos não são muito bons em no quesito ser feliz.

3.2.10 Heidegger



Qual o melhor remédio para melhorar nossas vidas? Passar mais tempo em cemitérios, teria dito Heidegger em uma palestra em 1961.

O “mais incompreensível” filósofo alemão da história da humanidade é apresentado como uma pessoa que passou a maior parte de sua vida em uma cabana, colhendo cogumelos, passeando no campo e dormindo cedo, fugindo de coisas como televisão, aviões, música pop e comida processada.

Sua grande contribuição? A revelação das três grandes “doenças da alma”. Segundo o vídeo, as pessoas se esquecem, a maior parte do tempo, de que estão vivas, fugindo do confronto com sua insignificância (o nada como o oposto do ser). Da mesma forma, as pessoas se esquecem de que todo ser está conectado, tratando os outros e a natureza como meios e não como fins, deixando de ser generosos com o conjunto que nos inclui. E finalmente o vídeo aponta que as pessoas se esquecem de ser livres e viver para si mesmas, vivendo uma vida de inautenticidade.

De acordo com a leitura de Heidegger pela TSOL, as pessoas precisariam fugir do provincianismo em que são lançadas ao nascer e alcançar uma perspectiva mais universal. A salvação estaria em manter o foco na iminência da morte, tomar consciência de que muitas pessoas com as quais as pessoas se preocupam não irão salvá-las, até

porque ninguém seria tão importante assim para ninguém. Termina observando que os cemitérios seriam muito úteis.

3.3 Carpe YouTube

Qualquer argumentação filosófica que não tenha como preocupação principal abordar terapeuticamente o sofrimento humano é inútil; assim como a medicina não traz benefícios se não liberta os males do corpo, o mesmo sucede com a filosofia se não liberta das paixões da alma.

Epicuro

A expressão Carpe Diem se tornou extremamente popular nos dias de hoje. Há produtos do mercado da moda, de cosméticos, imobiliário e até gastronômico que evocam a frase atribuída ao filósofo Horácio, seguidor do epicurismo. Para o senso comum, a interpretação da expressão parece ter a ver com a ideia de difundir o aproveitamento do dia “como se não houvesse amanhã”, de ser feliz e viver a vida sem pensar tanto nos problemas ou “efeitos colaterais” das ações.

O pensamento de Epicuro (Ou Epicurus), criador do epicurismo, também está presente em vários dos produtos ofertados pela TSOL e nas obras de Alain de Botton. A epígrafe acima está, por exemplo, na contracapa da edição de 2001 (Rocco) do livro *Consolações da filosofia*.

Já foi descrito também o vídeo sobre Epicuro apresentado no Canal da TSOL no YouTube. A inspiração para esse vídeo veio claramente da *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)* de Epicuro, em sua última edição, em 2002. Surpreendentemente, o conteúdo da carta foi bem traduzido no vídeo da Escola da Vida.

O vídeo parte do pressuposto que Epicuro teria se dedicado e aproveitado da filosofia terapeuticamente de forma a ajudar as pessoas a libertarem as paixões de suas almas. A *The School of Life*, por sua vez, também se coloca como uma instituição que auxilia seus adeptos na conquista de uma vida feliz e bem-vivida por meio de princípios que visam o autoconhecimento e, especificamente, no caso do vídeo de Epicuro, a felicidade.

Como já visto anteriormente, todos os ensinamentos dos filósofos abordados nos exemplos trazidos neste capítulo são oferecidos como recursos para a construção do *self*, ao ampará-lo e ajudá-lo na evitação da reflexividade.

Os produtos da Escola da Vida são sintomáticos da frustração do homem contemporâneo com as promessas e cobranças que a chamada pós-modernidade carrega, especificamente com a dificuldade da construção do *self* – que deve ser bem-sucedido, bem-resolvido e bem-visto nas redes sociais. Para tanto, a escola busca vender ideias “worth living” de como “ter uma vida bem-vivida” por meio de um ilusório resgate de valores propagados por ideias pré-modernas, supostamente trazidas da religião e da filosofia antiga, principalmente.

Assim, a Escola da Vida parece se aproveitar do vazio do homem contemporâneo e, com o auxílio de estratégias de marketing e publicidade, oferecer-se como uma forma de reencaixe (GIDDENS, 1991) para amparar a construção dos *selves* na busca de saídas para os dilemas trazidos com a radicalização da modernidade. Carpe Diem aqui ganha forma: não se preocupe, esqueça, viva a vida como se não houvesse amanhã, esqueça os efeitos colaterais da busca desenfreada pela felicidade.

Reforça-se, mais uma vez, a filosofia da TSOL como parte de um movimento da filosofia que busca se tornar mais pop, como também um movimento de bens de consumo que buscam se tornar mais *high* usando a roupagem da filosofia. O caráter estatutário desse consumo parece evidente, e, nesse movimento, enquanto os livros de filosofia buscam na cultura pop elementos para torná-la mais atraente, os bens de consumo cotidiano também buscam na filosofia formas de se tornarem mais vendáveis para um público “semierudito”. (ADORNO, 2008)

A TSOL se propõe a ajudar os sujeitos a lidarem com a perda da segurança ontológica e com a liquidez típica da modernidade. Pode-se ponderar, todavia, que o consumo aqui mobiliza mais a forma que o conteúdo: ao invés de ensinar a viver bem, encontra-se, talvez e apenas, uma expressão da lógica do consumo contemporâneo. O aluno da Escola da Vida, bem como o leitor de De Botton, ludibria-se e contenta-se com uma breve sensação de segurança e sentido para a vida, embaladas na liquidez da

filosofia de autoajuda, como nas rápidas fórmulas de felicidade expressas em frases como *carpe diem*. Filosofia líquida para as paixões das almas contemporâneas.

4. Considerações finais: do *ready-made self* ao *selfie-remediated self*

A presente pesquisa procurou fazer uma análise crítica da filosofia aqui intitulada *selfie-service*, como expressão da cultura *high-pop*, buscando relações entre as obras de Alain de Botton, a *The School of Life* e o sujeito contemporâneo. Dentro dessa perspectiva, os autores e filósofos que constroem o discurso da filosofia *selfie-service* se deslocam de uma posição erudita para uma posição de diálogo com as expressões da cultura midiática contemporânea, com o mercado de consumo e também com a vida cotidiana dos sujeitos. Este estudo se propôs a identificar as demandas dos *selves* ao longo da modernidade e as angústias acumuladas no *self* contemporâneo como chaves para o sucesso das ofertas da filosofia de Alain de Botton e da TSOL.

A produção do tipo de filosofia aqui analisada está intrinsecamente ligada às condições sociais, econômicas e culturais da sociedade contemporânea. Esta última já foi alvo de inúmeros debates: chamada modernidade líquida (BAUMAN, 1998, 2005), hipermodernidade (LYPOVETSKI, 2004), modernidade tardia (JAMESON, 1991) ou pós-modernidade (LYOTARD, 2010), a contemporaneidade apresenta algumas características consensuais entre os autores que se debruçaram sobre ela. Para Lyotard os grandes esquemas explicativos sofrem descrédito e estamos vivendo o fim das metanarrativas, o que deixa as pessoas inseguras com relação a referências como religião, família e política. As identidades são percebidas enquanto fragmentadas, múltiplas e temporárias (BAUMAN, 2005; HALL, 2006), resultado de uma insegurança crescente e disforme que leva à busca de uma felicidade obrigatória e cada vez mais paradoxal (FREIRE FILHO, 2010; LYPOVETSKY, 2007).

Nesta tese, entretanto, optou-se por trabalhar com os pressupostos de Anthony Giddens sobre a modernidade radicalizada, considerando que as distinções que estabelece entre sociedades tradicionais, modernas e pós-tradicionais, bem como seus conceitos de reflexividade, desencaixe e segurança ontológica são extremamente úteis para a análise que aqui se propõe, complementados pelos aportes de John Thompson e Jim Collins.

A tese defendida é a de que os sujeitos contemporâneos têm demandas acumuladas e nunca preenchidas, resultantes de um processo que se inicia na modernidade, e que a filosofia *selfie-service* procura aplacar. Todas essas demandas, associadas à perda de segurança ontológica do homem contemporâneo, ao caráter reflexivo da modernidade e à constante cobrança por presença simbólica bem produzida nas redes sociais, levam-nos a um estado em que o *self* se encontra perdido e propenso a consumir os produtos da TSOL, bem como os livros de Alain de Botton, na busca por encontrar respostas pontuais para sua vida, ainda que apenas, como vimos, de forma a preencher o desejo de exposição de uma bela *selfie* nas redes sociais e acalmar as dores da reflexividade.

Assim, o que se propôs foi mostrar que a TSOL e as publicações de Alain de Botton são ofertas que buscariam auxiliar o *self* perdido contemporâneo, resultado do triplo processo que marca as passagens do que se denominou aqui de *ready-made self* para a dupla *self-made self/self-help self* e para o *self-remediated self*.⁶³ A conclusão buscou elencar como a *filosofia selfie-service* vende possíveis respostas aos anseios dos sujeitos que acumulam demandas dos *selves* expressos acima.

⁶³ Todas essas expressões foram trabalhadas, consecutivamente, por autores como Charles Taylor, Francisco Rudiger e John Thomson. Tomei a liberdade de brincar com a expressão *self-remediado* no lugar de *self-mediado*, como Thompson faz, para acentuar a demanda desse *self* por uma busca de sucesso nas mídias e redes sociais.

4.1 Do ready-made self ao self-made self

No Capítulo 1 foi abordado o contexto sociocultural contemporâneo, de modo a evidenciar algumas questões sociológicas chaves para compreender o impacto e o alcance da passagem das sociedades tradicionais para as modernas e as consequências desse processo para a contemporaneidade.

O primeiro autor trabalhado foi Giddens (1991), por conta da sua importância na caracterização das diferenças e pontos de ruptura entre sociedades tradicionais e pós-tradicionais e na identificação das consequências da modernidade. Duas ideias centrais marcaram o trabalho: o caráter reflexivo da ação do homem moderno, ao mesmo tempo em que acontece a perda de segurança ontológica desse mesmo sujeito. As inseguranças, angústias, incertezas e medos típicos do *se/ves* contemporâneos são vistos como consequências da radicalização da modernidade. Na sua dificuldade em lidar com a reflexividade e a insegurança ontológica, os *se/ves* buscam saídas, muitas vezes, regressivas, como se pudessem resgatar certa ideia romântica associada às sociedades tradicionais.

Em outros termos, como consequência da perda da tradição como guia para a ação dos sujeitos no mundo, estes se veem diante de um clima de risco (GIDDENS apud BECK, 2012), diferente do clima de maior segurança ontológica nas sociedades pré-modernas, marcado pela necessidade da busca de novos guias: “o resultado é que a vida pessoal se torna atenuada e privada de pontos de referência firmes: há uma volta para dentro, para a subjetividade humana, e o significado e a estabilidade são buscados no eu interior” (BECK, 2012, p.128). Com o advento da modernidade, os indivíduos se sentem compelidos a redefinir as estruturas perdidas, buscando formas de se reencontrar em um contexto caracterizado pela abstração das relações sociais. As pessoas se tornam mais livres, mas ao mesmo tempo, mais individualizadas. Ou seja, as demandas da vida moderna se acumulam sobre os indivíduos, que devem construir seus próprios caminhos e estes não são mais orientados por uma comunidade ou por referência nos moldes tradicionais.

Se nas sociedades tradicionais os sujeitos desenvolviam laços com comunidades rodeadas por um sentimento de pertencimento e sentido compartilhado,

no mundo pós-tradicional, os sujeitos se veem diante da necessidade de preencher as demandas do *self* de modo reflexivo.

O sujeito pré-moderno pode ser considerado, nesse sentido, como alguém que já nasce pronto, e aqui foi chamado de *ready-made self*. O conceito é inspirado na expressão *ready-made*, usada especialmente para caracterizar um tipo de arte, mas não carrega nenhuma outra relação com a mesma. O conceito foi usado aqui apenas para identificar um sujeito cujos valores vêm da comunidade, da família, das religiões. Vêm de instâncias anteriores a ele, herdadas e não construídas.

Quando esse sujeito é lançado na modernidade, vê-se na tarefa de construir sua própria história que será contada, já que ela não nasce mais pronta, em contraposição ao que ocorria antes, quando havia modelos, arquétipos ou prefigurações tradicionais (TAYLOR, 2013):

Contudo, o novo sentido do tempo mudou também nossa noção do sujeito: o *self* desprendido, particular, cuja identidade é constituída na memória. Como qualquer outro ser humano de qualquer época, ele só pode encontrar uma identidade na narrativa de sua própria história. A vida tem que ser vivida como uma história, como afirmei na Parte 1. Mas agora é mais difícil adotar a história já pronta, construída a partir dos arquétipos e modelos canônicos. A história tem de ser tirada dos acontecimentos e circunstâncias particulares desta vida, e em dois sentidos interligados (p.374).

Esse sujeito, também já trabalhado por Hall (2006), deve buscar agora, pela primeira vez, referências no seu núcleo interior. O sujeito moderno não pode mais buscar as referências tradicionais baseadas em religião, família ou classe social. Deve construir e narrar sua própria história, deve ser um *self-made self*. Mas sabemos que isso não é fácil, dadas as condições sociais externas ao próprio indivíduo. O que foi nomeado aqui de *self-made self*, portanto, diz respeito à cobrança existente no sentido de que o homem construa sua biografia com base na sua própria história, do zero, e não mais com base naquilo apontado sobre o sujeito performático de Goffman, no Capítulo 1.

4.2 Do *self-made self* ao *self-help self*

O sujeito contemporâneo, esgotado na árdua tarefa reflexiva de construção de si sem as âncoras tradicionais, busca formas de ajuda. Diante da perda de segurança ontológica desencadeada pelo desencaixe e pelo caráter reflexivo da modernidade, o sujeito busca aplacar suas angústias em diversas modalidades de terapia – entrando na esfera do chamado *self-help self*. Este sujeito depara-se, muitas vezes, com um processo de retrocesso com relação à reflexividade.

Como visto ainda no Capítulo 1, a filosofia *selfie-service* oferece novas âncoras simbólicas para a construção do *self* na contemporaneidade. O problema reside no fato de que essa filosofia é, também, a responsável pela sentença da morte do *self per se*. Os *selfs* estão abdicando da ideia de um *self* reflexivo, em busca de uma *selfie* líquida, remediada, mas nunca curada, quando buscam por respostas prontas, e quando não toleram a dúvida e a incerteza da modernidade, a verdadeira problematização de si e do mundo, no caminho do que seria uma vida melhor. A ideia de uma vida bem-vivida – tão difundida pela TSOL – transforma-se em uma ilusão mercadológica, já perdida, expressa-se apenas na lógica da curta durabilidade do espetáculo das redes sociais.

A modernidade não é perturbadora apenas devido à circularidade da razão, mas porque a natureza dessa circularidade é decisivamente intrigante (...). Fomos deixados com perguntas que uma vez pareceram ser respostas, e devo argumentar ulteriormente que não são apenas os filósofos que se dão conta disso. Uma consciência geral deste fenômeno se filtra em ansiedades cuja pressão todos sentem (GIDDENS, 1991, p.60).

A filosofia vendida por Alain de Botton e pela TSOL alimenta a ilusão de um *self-made self* possível, vendendo promessas de ajuda que completariam e implementariam sua formação, independente de todo o contexto social que o cerca: *self-help self*. Ignora-se todo o resto. Ignora-se o caráter social, político e econômico da vida dos sujeitos. Como se eles mandassem em tudo, pudessem tudo. E assim, assassina qualquer possibilidade de melhoria, mesmo da vida social e construção de um *self* verdadeiro: *fake self*.

A filosofia *selfie-service* aplaca as ansiedades modernas se aproximando do mercado de filosofia de autoajuda, já que, embora proponha um conhecimento de si, parece levar justamente ao afastamento daquilo que poderia ser o auto-conhecimento.

Embora não tenha sido objeto de análise, a aproximação entre a literatura de autoajuda e a filosofia *selfie-service*, é pertinente aqui, nas considerações finais, incluir algumas notas sobre esses pontos de contato.

Eva Illouz (2011) e Francisco Rudiger (1996) já apontaram para a ascensão e a importância do capital afetivo nas relações sociais e na formação do *self* na atualidade e, portanto, inspiraram o conceito de *self-help self* trabalhado aqui. Para eles, entretanto, a literatura de autoajuda parece ir ao encontro das demandas modernas do *self-made self*, em sua busca pela construção de uma narrativa reflexiva de si:

O indivíduo privado do auxílio que lhe era dado pela tradição, precisa agora empreender uma monitoração e uma reciclagem permanentes de seu modo de ser, se quiser preservar não somente sua condição de agente social autônomo, mas também sua própria individualidade.

E ainda:

Literatura de autoajuda constitui uma das mediações através das quais as pessoas comuns procuram construir um eu de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos e, desse modo, enfrentar os problemas colocados ao indivíduo pela modernidade (RUDIGER, 1996, p.14).

A cultura *high-pop* está ligada ao advento dessa mesma cultura terapêutica (ILLOUZ 2008, 2011) que não apenas espera que os indivíduos sejam felizes e produtivos na sua incansável construção de si, mas cria expectativas de que tenham certa competência afetiva para lidar com a vida cotidiana.

A questão, no entanto, é que, promete-se auxílio no processo de autoconhecimento reflexivo que viria do próprio sujeito, o elemento de autoajuda também oferece respostas prontas, favorecendo antes a abdicação da reflexividade. O *help-made self* é de fato o *self-made self* que desiste da modernidade e busca abrigo tradicional na literatura de autoajuda, na filosofia *selfie-service* ou na Escola da Vida. O caráter regressivo da busca pela formação do *self* se evidencia a partir daí, pois o que se busca é o reencaixe ilusório nos moldes de sociedade tradicional, em que o *self* não se vê livre para seu projeto de vida.

Registre-se aqui outro ponto em comum entre a filosofia *selfie-service* e a literatura de autoajuda (FUREDY, 2004): o fortalecimento da ideia de que os problemas

gerais e/ou sociais são derivados de dentro de nós mesmos. O sujeito se configura como “asocial self” (RICE apud FUREDY, 2004, p.25):

O estado da nossa emoção agora é representado como a causa de muitos dos problemas enfrentados pela sociedade contemporânea. A maneira que nos sentimos sobre nós mesmos – nossa autoestima – tornou-se uma importante ferramenta explicativa para o mundo fazer sentido (RICE apud FUREDY, 2004, p.25).

Observe-se também o modo como os analistas da literatura de autoajuda percebem tendências de esgotamento da reflexividade no consumo de mercadorias, tal como observado no tocante à filosofia nomeada aqui de *selfie-service*. Como coloca Rudiger:

Nesse contexto, as respostas para os problemas de identidade, os recursos para descobrir e explorar os segredos da alma, do corpo e do sexo e as fórmulas para ter sucesso na vida e relacionar-se com as pessoas foram se tornando mercadoria de consumo de massa. As práticas de si começaram a se vulgarizar através dos meios de comunicação, difundindo um saber de cunho paracientífico, caracterizado nos catecismos sobre como conduzir a vida, nas matérias sobre o potencial humano, nos testes de autoconhecimento e nos desenhos de perfis psicológicos (1996, p.16)

4.3 Do self-help self ao self-remediated self

O segundo autor central abordado no primeiro capítulo foi John Thompson (2012). Foram tratadas, principalmente, as novas configurações das tradições a partir das relações entre mídia e modernidade. Em uma leitura bastante contundente de Giddens, o autor chama a atenção para alguns aspectos típicos da tradição que permanece exercendo sua força nas demandas existenciais dos sujeitos contemporâneos. São eles os aspectos hermenêuticos e identificadores das tradições.

Os livros de Alain de Botton e a TSOL seriam uma oferta desses elementos que não teriam enfraquecido (segundo Thompson) com o surgimento da modernidade, já que os primeiros procuram debater o sentido da vida e a segunda promove sermões em um espaço comunitário, favorecendo a criação de um sentido de pertencimento.

Além disso, para Thompson, o déficit moral trazido pelo enfraquecimento de outros aspectos da tradição – normativo e legislador – contribui para que os sujeitos busquem respostas prontas para sua conduta no mundo, já que se veem livres de normas, mas perdidos no próprio excesso de liberdade. Ademais, para Thompson, o *self* contemporâneo busca, especificamente nas mídias, os materiais simbólicos que utiliza como fontes de construção de pertencimento e sentido para a vida. É o chamado *self-mediado*.

Como já visto, além de problematizar as novas configurações das tradições no mundo contemporâneo, outro conceito importante trazido por Thompson foi o de *self-mediado*, inspirador do que foi chamado neste trabalho de *self-remediated self* – o terceiro *self* no processo de construção de si ao longo do percurso do *self* nas sociedades caracterizadas pela modernidade e por sua radicalização.

O *self-remediated self* é aquele que, na tarefa mal-sucedida de construir sua biografia reflexiva de *self-made self*, e ao buscar formas menos reflexivas e mais associadas ao reencaixe de construção de si, conta com o amparo das mídias como fonte de material simbólico disponível nesse processo.

A *The School of Life* e as obras de Alain de Botton, como visto, oferecem esse material simbólico na forma de produtos que fazem a ponte entre a construção do *self* e certo *lifestyle* mediado. Assim, percebe-se na TSOL uma clara tentativa de oferecer

bases para a construção de identidades através das relações entre as demandas do *self* e as identificações trazidas pela cultura midiática, no formato *high-pop*, conceituado pelo último autor central trabalhado no primeiro capítulo, Jim Collins.

Collins conceituou um movimento chamado por ele de high-pop e que, na minha visão, engloba o que chamei aqui de filosofia *selfie-service*. Para o autor, a cultura popular promove uma finalização da educação formal ao trazer para a vida cotidiana assuntos eruditos que dialogam com o déficit moral apresentado por Thompson (2012). Ou seja, quando o erudito (neste caso, a filosofia) é tratado no ambiente da cultura popular midiática, toca em aspectos deficitários da educação formal. Embora a discussão de Collins em seu livro traga um olhar bastante positivo, aqui apresentei o outro lado, mais negativo, dessa junção entre o *high* e o *pop*. O lado que mostra o esvaziamento do pensamento filosófico, que não nega, no entanto, os aspectos trabalhados por Collins, mas esta discussão não cabe aqui.

Ademais, observei que o movimento *high-pop* parece preencher um dos lugares do vazio deixado pela perda das tradições. A ascensão dos meios de comunicação de massa e de seus produtos ocupam parte desse vazio de sentido, dando aos sujeitos elementos terapêuticos para construção de novas tradições, embora destituídas de tradicionalismo e reflexividade.

Conclusivamente, no primeiro capítulo foi anunciado que a filosofia *selfie-service* é justamente uma consequência da modernidade, pois procura oferecer respostas, ainda que regresivas, à ascensão de novas formas de reflexividade. A TSOL e os livros de Alain de Botton, voltados para o consumo da filosofia enquanto busca de respostas e de saídas para as ações cotidianas dos sujeitos na modernidade, podem ser pensados como sintomas de uma crescente perda de segurança ontológica, decorrente da reflexividade e do desencaixe da modernidade (BECK, 2012; GIDDENS, 1991), associada à individualização que impele os indivíduos a atuarem como produtores de suas próprias biografias, ainda que representem antes o recuo a modalidades hermenêuticas e comunitárias de tipo tradicional (GIDDENS, 1991; THOMPSON, 2012). A junção com a cultura pop reforça os pontos de apoio para a construção do *self*, bem como o processo de diluição da reflexividade no consumo.

4.4 #lost #self #help #filosofia #respostas #vida

No começo destas considerações, foi retomada a discussão teórica que marcou a passagem das sociedades tradicionais para as modernas, culminando nas consequências da radicalização da modernidade que afetam os sujeitos contemporâneos. Suas respectivas demandas acumuladas foram evidenciadas no processo de transição do *self* em quatro etapas: *ready-made self*, *self-made-man*, *self-help-man* e *self-remediated self*.

As ofertas para as demandas do *self* perdido são muitas.

Os capítulos 2 e 3 procuraram descrever analiticamente algumas dessas ofertas. Foram escolhidos os livros *Religião para ateus* e *As consolações da filosofia* no Capítulo 2; e alguns produtos vendidos na loja online da TSOL, bem como vídeos do programa *The Curriculum II* exibidos na TV da TSOL no Capítulo 3, respectivamente.

Além da apresentação dessas ofertas específicas, foi feita uma apresentação geral da obra completa de Alain de Botton (Capítulo 2) e dos produtos presenciais oferecidos pela TSOL (Capítulo 3).

Nos capítulos 2 e 3 também houve debate com o intuito de evidenciar, de forma mais objetiva, o modo como a filosofia *selfie-service* acaba entregando ofertas que apenas aplacam as demandas do *self* contemporâneo, remediando-o, mas o afastando de uma vida pensada – que é a oferta declarada da escola.

As ofertas para o preenchimento do *self* são feitas como em restaurante a kilo. O sujeito pensa sobre a demanda pontual que ele gostaria de saciar, paga e ingere. Como em uma *selfie*, ignora-se o entorno: o que vale é o sujeito. Ele é o que ele come. E é ele quem escolhe o que vai comer e o que vai ser. O preço que se paga? Ignora-se. O contexto social? Ignora-se. Como em uma *selfie*, o que importa é o que os outros veem, e não o eu interior.

O *self* precisa ser constantemente alimentado de ilusórias promessas de sentido para que não se confronte com o vazio. As ferramentas para uma vida pensada remediam o *self*, de modo que ele não se depare com a dor de sua existência, e seguem

única e exclusivamente a tônica de uma perversa e regressiva busca do *self* perdido nas tradições.



64

As ofertas que a TSOL e os livros de Alain de Botton vendem para as demandas de uma vida reflexiva, nesse sentido, não são direcionadas ao *self*. Os produtos da *filosofia selfie-service* não promovem o olhar para dentro do sujeito ou mesmo para a filosofia; mas para produtos com design afetivo, recursos audiovisuais inovadores e espaços atraentes. Se, ao tirar uma *selfie*, os sujeitos pensam na promoção de uma imagem a ser potencialmente curtida nas redes sociais, e não em como se sentem ou o que pensam, a filosofia *selfie-service* não responde às verdadeiras demandas do *self*, mas espelha as demandas de um consumidor ávido por exibir um *lifestyle cult*, bem-resolvido, mas apenas anestesiado nas redes sociais. Pronto para pousar para mais uma *selfie*.

⁶⁴ Foto tirada por mim na frente da sede da TSOL, em Londres, 2013.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **As estrelas descem à Terra**: a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre a superstição secundária. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- BARBOSA, Livia. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BAUR, Michael. & BAUR, Steven. **The Beatles and philosophy**: nothing you can think that can't be thunk. Chicago, Illinois: Open Court, 2006.
- BECK, Ulrich. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2012.
- CAMPBELL, Colin & BARBOSA, Livia (orgs.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CASTELLANO, Mayka. **O sucesso é ser você mesmo**: cultura terapêutica, autoestima e emoções na literatura de autoajuda. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 6 Comunicação, consumo e subjetividade, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2015.173.10/4985>>. Acesso em: 28 fev. 2017.
- COLLINS, J. **High-Pop**: making culture into popular entertainment. Kindle Edition. Oxford: Blackwell, 2002.
- CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naif, 2014.
- DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. **O que é a filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DRYER, Richard. **Only Entertainment**. Kindle Edition. London and New York: Routledge, 1992.
- DUNN, George & HOUSEL, Rebecca. **True Blood and philosophy**: we wanna think bad things with you. John Wiley & Sons, Inc., 2010, Kindle Edition.
- DURANT, Will. **A História da Filosofia**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura do consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Nobel, 1995.

FOUCAULT, Michael. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FREIRE FILHO, João (org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras & Penguin, 2011.

FUREDY, Frank. **Therapeutic culture**: cultivating vulnerability in an uncertain age. New York: Routledge, 2004.

GANS, Herbert J. **Popular culture and high culture**: an analysis and evaluation of taste. New York: Basic Books, 1999.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEARN, Alison. **Meat, mask, burden**: probing the countours of the branded-self. Sage, 2008.

ILLOUZ, Eva. **Saving the modern soul**: therapy, emotions, and the culture of self-help. Kindle Edition. London: University of California Press, 2008.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

IRWIN, William. & JOHNSON, David Kyle. **Introducing philosophy through pop culture**: from Socrates to South Park, Hume to House. Kindle Edition. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.

JAMESON, Fredric. **Postmodernism, or, the cultural logic of late capitalism**. London: Verso, 1991.

JENKINS, 2008. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KAPLAN, 1993. **O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

MARINOFF, Lou. **Mais Platão, menos Prozac**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PIERUCCI, Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2013.

RAISBOROUGH, Jayne. **Lifestyle media and the formation of the self**. Palgrave Macmillan, 2011.

RIESMAN, David. **The lonely crowd**: a study of the changing American character. New Haven & London: Yale University Press, 2000.

ROLNIK, Suely. "Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização". In: **Cultura e subjetividade**. Saberes Nômades, org. Daniel Lins. Papyrus, Campinas 1997; pp.19-24.

RUDIGER, Francisco. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

SCANNEL, Paddy. **Media and Communication**. Sage, 2012.

SIBÍLIA, Paula. "Do homo psico-lógico ao homo tecno-lógico: a crise da interioridade". In: **Revista Semiosfera**, ano 3, nº 07, 2002.

SIMMEL, Georg. **On individuality and social forms**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1984.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self**: a construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TUCHERMAN, Ieda. **Relações perigosas**: autoajuda, mídia e biopoder. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p.315-335, maio-ago, 2012.

TUCHERMAN, Ieda & SANTOS, Leandro. **A fé não costuma falhar**: sobre crenças e outras ajudas. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1996.

Fontes bibliográficas:

- DE BOTTON, Alain. **The romantic movement**. New York: Picador, 1994.
- DE BOTTON, Alain. **Kiss&Tell**. New York: Picador, 1996.
- DE BOTTON, Alain. **Ensaio de Amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DE BOTTON, Alain. **How Proust can change your life**. Kindle Edition. New York: Picador, 1997.
- BOTTON, Alain de. **Como Proust pode mudar sua vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- DE BOTTON, Alain de. **As consolações da filosofia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- DE BOTTON, Alain. **The art of travel**. London: Penguin Books, 2003.
- DE BOTTON, Alain. **Desejo de *status***. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- DE BOTTON, Alain. **The architecture of happiness**. Kindle Edition. London: Penguin, 2006.
- DE BOTTON, Alain. **The pleasures and sorrows of work**. Kindle Edition. New York: Pantheon Books, 2009a.
- DE BOTTON, Alain. **A week at the airport**. Kindle Edition. New York: Vintage e-books, 2009b.
- DE BOTTON, Alain. **Religião para ateus**. Rio de Janeiro: Intrínscica, 2011.
- DE BOTTON, Alain. **How to think more about sex**. Kindle Edition. Macmillan, 2012.
- DE BOTTON, Alain. **The News: a user's manual**. Kindle Edition. Penguin, 2014.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PLATÃO. **A república**. Circulo do Livro, 1997. Disponível em: <<http://www.portafil.ufsc.br/republica.pdf>>.
- ROOS, Theo. **Vitaminas Filosóficas – a arte de bem viver**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- WRATHALL, Marka. **U2 e a Filosofia**. Editora Madras, 2007.
- YALOM, Irvin D. **A cura de Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- YALOM, Irvin D. **Quando Nietzsche chorou**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

Sites consultados:

ALAIN DE BOTTON. Disponível em: <<http://alaindebotton.com/cv>>. Acesso em: jan. 2015.

AND PHILOSOPHY. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/andphilosophy>>, <<http://andphilosophy.com/>>, <<http://twitter.com/#!/andphilosophy>>. Acesso em: set. 2011

ANDPHILOSOPHY.COM. Disponível em: <<https://andphilosophy.com/>>. Acesso em: fev. 2017.

ART AS THERAPY.COM. Disponível em: <<http://www.artastherapy.com>>. Acesso em: nov. 2014.

BBC. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/09/080915_lehman_qa_pu.shtml>. Acesso em: 18 jan. 2017.

BLOG CULTURA DO CONTROLE. Disponível em: <<http://culturadocontrole.blogspot.com.br/2010/07/felicidade-versus-consumo.html>>. Acesso em: 25 ago 2012.

CANAL TSOL TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/theschooloflifetv>>.

COLEÇÃO DE PODCASTS DE FILOSOFIA. Disponível em: <<http://www.learnoutloud.com/Podcast-Directory/Philosophy>>. Acesso em: set. 2011

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Disponível em: <<http://www.portalfil.ufsc.br/republica.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

EPICURUS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kg_47J6sy3A>. Acesso em: jan. 2015.

FOLHA DE S. PAULO. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/04/1612089-caixa-preta-mostra-que-copiloto-da-germanwings-acelerou-aviao-durante-queda.shtml>>. Acesso em: 01 out. 2015.

GAARDER, Jostein. Entrevista concedida ao Jornal Zero Hora. Disponível em: <<https://noite.wordpress.com/2014/02/11/e-possivel-que-a-filosofia-seja-mais-atraente>>. Acesso em: jan. 2017

MUSIC PHILOSOPHY. Disponível em: <<http://www.musicphilosophy.co.uk>>. Acesso em: dez. 2015.

NEW SLIMMER, BENDIER IPHONE WILL ALTER EVERYTHING. Disponível em: <<http://thephilosophersmail.com/290114-shopping->

<http://thephilosophersmail.com/shopping/new-slimmer-bendier-iphone-will-alter-everything>>. Acesso em: fev. 2017.

PHILOSOPHY BITES. Disponível em: <<http://www.philosophybites.libsyn.com>>. Acesso em: set. 2011.

PODCASTS DE FILOSOFIA. Disponível em: <<http://www.philclassics.libsyn.com>>. Acesso em: set. 2011.

REVISTA VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/campinas-falha-humana-causou-a-morte-de-tres-pacientes-apos-ressonancia-magnetica/>>. Acesso em: 01 out. 2015.

REVISTA VIDA SIMPLES. Disponível em: <<http://vidasimples.uol.com.br>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

THE INTERNET CLASSICS ARCHIVE. Disponível em: <<http://classics.mit.edu/Plato/republic.3.ii.html>>. Acesso em: nov. 2014

THE PHILOSOPHER MAIL. Disponível em: <<http://thephilosophersmail.com/290114-shopping-iphone.php>>. Acesso em: fev. 2017.

THE PHILOSOPHERS GUILD. Disponível em: <<http://www.philosophersguild.com/Finger-Puppets/>>. Acesso em: nov. 2014.

THE SCHOOL LIFE. Disponível em: <<http://www.theschooloflife.com/shop/utopiacandletherepublic>>. Acesso em: nov. 2014.

THE SCHOOL OF LIFE no Vimeo. Disponível em: <<http://vimeo.com/theschooloflife>>. Acesso em: fev. 2017.

THE SCHOOL OF LIFE. Disponível em: <<http://www.theschooloflife.com>>. Acesso em: fev. 2017.

WIKIPEDIA. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Lehman_Brothers>. Acesso em: 18 jul. 2015.

WILEY. Disponível em: <<http://www.wiley.com/WileyCDA/Section/id-324354.html>>. Acesso em: 28 fev. 2017

WILL TO POWER BAR. Disponível em: <<http://www.philosophersguild.com>>. Acesso em: nov. 2013.